

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA
EM SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM
SAÚDE

#NenhumDireitoAMenos:

comunicação, tecnologias digitais e movimentos sociais da saúde

João Verani Protasio

Rio de Janeiro

2022

JOÃO VERANI PROTASIO

#NENHUMDIREITOAMENOS:

comunicação, tecnologias digitais e movimentos sociais da saúde

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Informação e Comunicação em Saúde.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Inesita Soares de Araujo.

Rio de Janeiro

2022

Protasio, João.

#NenhumDireitoAMenos: comunicação, tecnologias digitais e movimentos sociais da saúde / João Protasio. - Rio de Janeiro, 2022.
133 f.; il.

Dissertação (Mestrado) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, 2022.

Orientadora: Inesita Araujo.

Bibliografia: f. 1-133

1. Comunicação e saúde. 2. Movimentos sociais. 3. Tecnologias digitais. I.
Título.

JOÃO VERANI PROTASIO

#NENHUMDIREITOAMENOS:
comunicação, tecnologias digitais e movimentos sociais da saúde

Aprovado em: 16 de setembro de 2022.

Banca Examinadora:

Profª Drª Inesita Soares de Araujo - Orientadora
(PPGICS/ICICT/FIOCRUZ)

Profª Drª Katia Lerner
(PPGICS/ICICT/FIOCRUZ)

Profª Drª Cicilia Maria Krohling Peruzzo
(PÓSCOM/UFES)

Profª Drª Janine Miranda Cardoso - Suplente
(PPGICS/ICICT/FIOCRUZ)

Profª Drª Cristina Pedroza de Faria – Suplente

DEDICATÓRIA

A todos os que movimentam a sociedade por mais saúdes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Clay e Lena, e ao meu irmão, Francisco, pelo porto seguro de sempre, assim como pelo apoio de toda minha querida grande família.

À Clara, que ilumina o meu caminho pelos horizontes da vida.

Ao Xixico e à Inês, por todo o caloroso acolhimento durante esse processo.

À Paula, pela escuta.

À Escola Estadual Donato Werneck de Freitas, onde escrevi parte dessa dissertação em várias tardes de quinta-feira.

Aos amigos que estiveram ao meu lado nesses anos pan(aca)dêmicos, há mais ou menos tempo, de Nikity à Beagá.

À Inesita, orientadora que há tempos inspira as minhas pontes de saberes.

À Katia e Cicilia, que deram ricas contribuições na qualificação e que toparam estar novamente na banca de defesa.

À minha irmã de orientação, Luiza, pelas boas trocas. À minha turma de quarenteners, sempre unida, mesmo não se encontrando.

Ao PPGICS, das ótimas aulas dos professores aos rápidos e atenciosos atendimentos da secretaria.

Ao Laces, responsável pelos meus primeiros passos no campo da Comunicação e Saúde.

Aos companheiros participantes da pesquisa “Pandemia e contextos criativos: cartografia de tecnologias e arranjos de informação e comunicação de populações negligenciadas para enfrentamento da Covid-19”, que ajudaram a emergir reflexões importantes nesse período.

À CAPES, por ter financiado a bolsa dessa pesquisa.

Ao Movimento pela Reintegração das Pessoas Atingidas Pela Hanseníase e ao Nenhum Serviço de Saúde a Menos, que motivaram esse trabalho. Especificamente ao Artur, à Evelin e ao Carlos, pela ativa participação.

EPÍGRAFE

“Glória a todas as lutas inglórias
que através da nossa história
não esquecemos jamais”

(O Mestre-Sala dos Mares - Aldir Blanc e João Bosco)¹

¹ Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/4xbsZcDR7VjFgMYfqFx5pR?si=51e6ca7e89fe4330>>.
Acesso em: 01. set. 2022.

RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo imprimir mais nitidez à compreensão dos movimentos sociais da saúde no que tange às suas configurações comunicacionais, tendo como foco os seus modos de apropriação das tecnologias digitais. O universo empírico da pesquisa incluiu o Movimento pela Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase e o movimento Nenhum Serviço de Saúde a Menos. Metodologicamente, lançamos mão das “Conversações” (ARAUJO, 2015) que, através de uma perspectiva epistemológica e política descolonial do conhecimento, consiste em um conjunto de sucessivas aproximações com os grupos participantes da pesquisa, que inclui conversas com militantes dos movimentos, cartografia compartilhada das práticas comunicacionais, assim como o compartilhamento das análises e resultados preliminares da pesquisa. Também foi feita uma análise de materiais dos movimentos a partir de aportes da Semiologia dos Discursos Sociais. Produzimos um mapa dos dispositivos de comunicação dos dois movimentos e uma linha do tempo do mais antigo, sendo possível observar quando, quais e como ocorreram mudanças nas suas ações comunicacionais. Constatamos que os movimentos sociais possuíram uma grande diversidade de tecnologias, materiais e estratégias comunicacionais para mediar suas lutas. Foi percebida uma hibridização midiática em suas ações, quando houve coexistência de diversas tecnologias e produtos em uma mesma ação e a circulação entre diferentes mídias. Os movimentos usaram grande criatividade em suas ações comunicacionais e produtos midiáticos, com nítida relação com a cultura local e em sintonia com os princípios do SUS. Foi possível concluir que as tecnologias digitais potencializam as possibilidades de luta dos movimentos sociais da saúde, embora não mudem os seus objetivos estratégicos; ampliam o repertório de ações, mas não substituem totalmente as anteriores; contribuem para a formação e consolidação dos movimentos, no entanto não são uma causa.

Palavras-chave: Comunicação e saúde, movimentos sociais, tecnologias digitais.

ABSTRACT

This research aimed to provide more clarity to the understanding of social health movements in terms of their communication configurations, focusing on their modes of appropriation of digital technologies. The empirical universe of the research included the Movimento pela Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase and the Nenhum Serviço de Saúde a Menos movement. Methodologically, we use the “Conversações” (ARAUJO, 2015) which, through a decolonial epistemological and political perspective of knowledge, consists of a set of successive approximations with the groups participating in the research, which includes conversations with activists of the movements, shared cartography communication practices, as well as the sharing of analyzes and preliminary research results. An analysis of materials of the movements was also carried out based on contributions from the *Semiologia dos Discursos Sociais*. We produced a map of the communication devices of the two movements and a timeline of the oldest, making it possible to observe when, what and how changes occurred in their communicational actions. We found that social movements had a great diversity of technologies, materials and communication strategies to mediate their struggles. A media hybridization was perceived in their actions, when there was the coexistence of several technologies and products in the same action and the circulation between different media. The movements used great creativity in their communication actions and media products, with a clear relationship with the local culture and in tune with the principles of the SUS. It was possible to conclude that digital technologies enhance the possibilities of struggle for social health movements, although they do not change their strategic objectives; they expand the repertoire of actions, but do not completely replace the previous ones; contribute to the formation and consolidation of movements, however they are not a cause.

Keywords: Communication and health, social movements, digital technologies.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	PROCESSO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	18
2.1	CAMINHO METODOLÓGICO.....	18
2.2	CAMINHO TEÓRICO.....	25
2.2.1	Comunico, logo existo.....	25
2.2.2	Comunicação e (é?) Saúde.....	33
2.2.3	Toda vez que damos um passo o mundo sai do lugar.....	36
3	UNIVERSO DA PESQUISA, RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	47
3.1	MOVIMENTO PELA REINTEGRAÇÃO DAS PESSOAS ATINGIDAS PELA HANSENÍASE	47
3.1.1	Análise de materiais.....	67
3.1.2	Mapas.....	89
3.2	NENHUM SERVIÇO DE SAÚDE A MENOS.....	92
3.2.1	Análise de materiais.....	99
3.2.2	Mapas.....	111
4	CONCLUSÕES.....	113
	REFERÊNCIAS.....	116
	MATERIAIS DE PESQUISA.....	124
	ANEXO A.....	129
	ANEXO B.....	130

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Captura de tela da segunda conversa com Artur.....	p. 23
Figura 2 - Diagrama do Mercado Simbólico.....	p. 27
Figura 3 - “A primeira parcela de uma dívida social”.....	p. 54
Figura 4 - “A Hanseníase foi expulsa da TV”.....	p. 55
Figura 5 - Dia Mundial das Pessoas Atingidas pela Hanseníase.....	p. 68
Figura 6 - “O Janeiro mais roxo da história do Morhan (até agora!)”.....	p. 69
Figura 7 - “Existir com dignidade”.....	p. 70
Figura 8 - “A vida é o primeiro direito”.....	p. 72
Figura 9 - “A luta pelo direito dos exilados em hospitais-colônia: do Ato Público em Brasília à Medida Provisória 373”.....	p. 73
Figura 10 - João do Morhan.....	p. 75
Figura 11 - Dona Ritinha e Dona Francisquinha.....	p. 76
Figura 12 - Morhan no Bar da Dona Jura.....	p. 77
Figura 13 - Ney veste a camisa do Morhan.....	p. 78
Figura 14 - Ney na <i>live</i> do Morhan.....	p. 78
Figura 15 - Reels da Miss para o Morhan.....	p. 79
Figura 16 - “Anti-educação em lepra: permanente, poderosa, invencível”.....	p. 80
Figuras 17 e 18 - O abraço da hanseníase.....	p. 86
Figura 19 - “Mãos que contém a linha de suas próprias histórias”.....	p. 88
Figura 20 - Mapa dos dispositivos de comunicação do Morhan.....	p. 90
Figura 21 - Linha do tempo dos dispositivos de comunicação do Morhan.....	p. 91
Figura 22 - A saúde vai parar!.....	p. 98
Figura 23 - Vídeo-resposta jogral.....	p. 102
Figura 24 - #NenhumServiçoDeSaúdeAMenos na passarela.....	p. 107
Figura 25 - São Januário lotado.....	p. 109
Figura 26 - Guardiões do Crivella.....	p. 110

Figura 27 - Guardiões do SUS.....	p. 110
Figura 28 - Alô, Crivella!.....	p. 111
Figura 29 - Mapa dos dispositivos de comunicação do NSSM.....	p. 112

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Abrasco	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
C&S	Comunicação e Saúde
CNS	Conselho Nacional de Saúde
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
IBISS	Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social
Icict	Instituto de Informação e Comunicação Científica e Tecnológica em Saúde
Laces	Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde
Labre	Liga Brasileira de Radioamadores
Morhan	Movimento de Reintegração de Pessoas Atingidas pela Hanseníase
MUSSC	Movimento dos Usuários da Saúde de São Cristóvão
NSSM	Nenhum Serviço de Saúde a Menos
Nomic	Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação
NASFs	Núcleos de Apoio à Saúde da Família
ODM Brasil	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio Brasil
ONU	Organização das Nações Unidas
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
OMS	Organização Mundial da Saúde
OSs	Organizações Sociais
RAJDH	Rede de Acesso à Justiça e Direitos Humanos do Morhan
REMOB	Rede de voluntários do Morhan
RCLE	Registro de Consentimento Livre e Esclarecido
SCZ	Síndrome Congênita do vírus Zika
SUS	Sistema Único de Saúde
UMA	União das Mães de Anjos

1 INTRODUÇÃO

Niterói, 19 de junho de 2013. Lembro de sair da escola e vir com uma amiga até minha casa para fazermos cartazes e levarmos para a manifestação que seria à tarde no centro da cidade, que ficamos sabendo por um evento no Facebook. O ato fazia parte do movimento que levou milhões de pessoas às ruas por todo o país naquele mês, inicialmente contra o aumento das passagens de ônibus e que posteriormente incluiu outras diversas pautas, impulsionado pela repressão policial e por uma crise de representatividade, permeado de disputas e contradições. No cartaz, guardado até hoje, tinha parte de uma letra de Chico Buarque, aniversariante do dia e quem muito admirava, principalmente pelas suas músicas de protesto contra a ditadura militar brasileira. Embaixo escrevi a *hashtag* #Chico71 de forma espontânea - até então não entendendo muito a dinâmica desse hipertexto e ainda errando a idade que o artista fazia, que era dois anos mais novo – ao tentar dialogar com um artifício comunicativo e político muito usado naquele momento.

Cinco dias antes, em São Paulo, o sociólogo espanhol Manuel Castells dava uma palestra em que apresentava seu livro recém-lançado sobre movimentos sociais na era da internet, a partir de estudos de caso de diversos movimentos que começaram a se espalhar pelo mundo no início da década, que apesar de estarem em contextos bem distintos, tinham alguns aspectos em comum, principalmente a sua articulação através das redes sociais digitais (CASTELLS, 2017). A primeira pergunta dirigida ao palestrante após o seu discurso era uma indagação sobre o porquê de movimentos semelhantes não acontecerem no Brasil. O autor conta sobre o caso no prefácio da segunda edição de seu trabalho. “Antes que eu pudesse improvisar uma sofisticada teoria sobre a excepcionalidade do caso brasileiro, alguém na plateia gritou: - Não podemos sair. A avenida Paulista está bloqueada!” (CASTELLS, 2017, p. 13).

Trouxe essas histórias para ilustrar rapidamente a intensa dinâmica dos movimentos sociais (e os desafios para quem pretende estudá-los), que ampliam suas formas de organização e atuação à partir das tecnologias digitais. Outro motivo é de situar a minha primeira aproximação subjetiva com a ideia concebida para esta pesquisa, pois a trajetória de vida diz bastante sobre o lugar que se ocupa e dos contornos do trabalho, desde a escolha do objeto, as referências teóricas, a metodologia utilizada, até a forma de escrever. Passados alguns anos, o adolescente do cartaz teve contato direto com outros tipos de movimentos e

mobilizações políticas, além de começar a refletir sobre essa forma de luta social sob outras lentes. Poucos meses após os acontecimentos de junho, como definiu Singer (2013), e um pouco inspirado a tentar examinar sobretudo o que parecia habitual, como versou Brecht, ingressei na graduação em Ciências Sociais, o que me permitiu abrir mais alguns horizontes nesse sentido.

A motivação para esta pesquisa se intensificou principalmente pela experiência de pesquisa com o campo da Comunicação e Saúde (C&S) nos últimos anos, vivenciada através da participação como estagiário e bolsista de iniciação científica no projeto Observatório Saúde nas Mídias, do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces), que pertence ao Instituto de Informação e Comunicação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Nesse período pude participar de pesquisas sobre a produção midiática dos sentidos sobre a saúde através de diferentes meios e a partir de distintos temas. As investigações sobre os processos que envolvem a dimensão simbólica do campo da saúde coletiva nos levaram a perceber que os espaços de articulação e reivindicação de grupos de pessoas que se organizam atualmente e produzem sentidos sobre a saúde têm se deslocado para espaços cibernéticos.

Através de pesquisa desenvolvida no âmbito comunicacional da epidemia do vírus Zika, analisamos o modo como um grupo de mães de crianças com a Síndrome Congênita do vírus Zika (SCZ), que tem como uma das suas manifestações a microcefalia, instauravam discursivamente suas identidades através do Facebook. Em trabalho em que foi debatida a circulação dos sentidos do sofrimento a partir da experiência dessa articulação e de blogs de mulheres com câncer de mama (LERNER et al, 2018), foi possível enxergar como a nova ambiência comunicacional pode favorecer outras formas de interação e fortalecer vínculos coletivos, possibilitando uma recirculação das narrativas e a mudança do lugar do sujeito enunciativo, que passam de pessoas faladas para um lugar de protagonismo enunciativo. Demonstrou-se que alguns aspectos coincidiram entre os grupos, enquanto outros os diferenciavam, o que pode apontar para a possibilidade de haver um padrão de dispositivos conformados pelos meios digitais, porém outros que seriam decorrentes dos seus processos específicos. Se evidenciava, portanto, a importância de mais estudos com esse olhar, o que me cativou a chegar até aqui.

Uma das diferenças entre os grupos era que enquanto os coletivos formados por blogs de mulheres com câncer eram da ordem do individual, mais focados nos relatos

compartilhados da trajetória de cada uma, o movimento de mães de crianças com a SCZ, chamado União das Mães de Anjos (UMA), era da ordem do coletivo, tendo como uma das suas dimensões um caráter de mobilização. Percebemos que esse processo reivindicatório pode assumir configurações híbridas entre o digital e o formato tradicional, nas redes e nas ruas, entre atos simbólicos por reconhecimento e ações mais concretas pela efetivação de direitos. Surgiu o interesse, então, de aprofundar as reflexões de como ocorrem esses processos através de outras experiências.

A saúde é uma pauta considerada primordial por diversos setores na sociedade contemporânea. Constantemente, a área é apontada como uma das maiores preocupações ou problemas pelos brasileiros em pesquisas de opinião². Está sempre presente como uma das principais promessas nos programas eleitorais, mesmo que de forma demagógica. Perpassa às reivindicações de inúmeros movimentos sociais, mesmo que o eixo central de atuação deles não seja a saúde de forma estrita. Ao lado da educação, é *script* certo nos gritos e faixas de manifestações de rua até com demandas mais difusas, como as que mencionamos anteriormente que aconteceram em 2013. Também é questão central em atos conjunturais, como nos que estão acontecendo nesse momento que estamos vivendo durante a pandemia de Covid-19³⁴. Diante desse amplo leque em que a saúde existe como problema, como promessa, como luta, será priorizado nesse trabalho o que entendemos como movimentos sociais da saúde, grupos que tem uma atuação permanente, não pontual, em que a centralidade de sua organização seja no campo da saúde, mesmo que demandem por outros direitos.

Historicamente os movimentos sociais foram motores de transformação da sociedade e fundamentais para a conquista e manutenção de direitos sociais, incluindo o direito à saúde, como mostrou a constituição do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. Concordando com Paim (2009, p. 40), “é possível afirmar que o SUS representa uma conquista do povo brasileiro”. Gohn (2013) fez um mapeamento dos principais movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo. A autora destaca que a saúde, principalmente a saúde pública e coletiva, é uma área que desde a década de 1980 (não por acaso, época da

2 Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/09/05/datafolha-aponta-que-18percent-dos-brasileiros-consideram-saude-como-principal-problema-no-pais.ghtml>>. Acesso em: 2. nov. 2020.

3 Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/21/por-todo-brasil-profissionais-de-saude-realizam-manifestacoes-em-defesa-do-sus>>. Acesso em: 2. nov. 2020.

4 Disponível em: <https://www.nepac.ifch.unicamp.br/pf-nepac/manifestos_publicos_em_tempos_de_covid_19.pdf>. Acesso em: 2. nov. 2020.

construção do SUS) concentra um grande volume de movimentos, associações, reivindicações, que se refletiram na construção pioneira de conselhos gestores de saúde, inspirados nas conferências e conselhos populares de saúde. Para a pesquisadora dos movimentos sociais, as principais mobilizações da saúde tomam seis contornos: movimentos ao redor do SUS, movimentos das conferências de saúde, movimentos dos agentes comunitários de saúde, movimentos de pessoas com deficiência, movimentos de pessoas em torno de doenças específicas e movimentos de solidariedade e apoio a programas específicos.

A comunicação sempre foi estruturante para os movimentos sociais. Consideramos aqui o midiativismo como a luta dos movimentos sociais através das mídias. Mattoni (2013) apud Peruzzo (2016) tipifica três formas do ativismo midiático, “o que se faz nas”, “com” ou “sobre” as mídias: o ativismo “através dos meios”, o “ativismo nos meios” e o “ativismo sobre os meios”. O primeiro é quando os movimentos sociais usam as tecnologias de comunicação como estratégias de organização, divulgação e produção de sentidos de suas lutas. O segundo se trata de quando o foco é a militância no próprio meio como forma de subversão simbólica. O terceiro diz respeito a quando os meios são objeto das lutas, como os movimentos pela democratização da mídia. Peruzzo pondera que a incorporação das tecnologias digitais pelos movimentos sociais não os fez abandonar outros meios comunicacionais, havendo uma coexistência das suas estratégias na internet e fora dela. Destacaremos essa questão a partir dos movimentos desta pesquisa.

Considerando o cenário traçado acima, esta dissertação situa-se no âmbito dos movimentos sociais da saúde, em suas novas configurações comunicacionais, pautadas pelas tecnologias digitais. O tema da investigação consiste no processo de mudança nas práticas comunicacionais dos movimentos sociais com o advento das tecnologias digitais. A pesquisa teve como objeto empírico as estratégias comunicacionais dos movimentos sociais da saúde em sua configuração contemporânea, a partir da apropriação das tecnologias digitais. A principal questão de pesquisa foi investigar quais são as principais características comunicacionais dos movimentos sociais da saúde na sua configuração contemporânea, observando se os movimentos mais antigos se diferenciam dos mais recentes, se houve um deslocamento de suas práticas comunicacionais para os meios digitais e de que forma isso ocorreu. O objetivo geral foi imprimir mais nitidez à compreensão dos movimentos sociais da saúde no que tange às suas configurações comunicacionais, tendo como foco os seus modos de apropriação das tecnologias digitais.

O universo da pesquisa foi constituído de movimentos sociais da saúde, dois dos quais privilegiamos como objeto empírico, um que surge no contexto do uso da internet como espaço/recurso de mobilização, o Nenhum Serviço de Saúde a Menos (NSSM); e outro, mais antigo, que tem continuidade na sua atuação através de ambientes digitais, o Movimento de Reintegração de Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan). Um que foi criado há mais de quatro décadas e um que surgiu há menos de uma. Um movimento que tem uma atuação mais localizada e outro de dimensão nacional. Movimentos que surgem em lugares diferentes, com pautas específicas de acordo com a realidade que os tocam, um maior e outro menor, com distintas estruturas de organização e redes de articulação. Em comum, lutam pelo direito à saúde e hoje usam as redes sociais digitais como recurso comunicacional.

Metodologicamente, lançamos mão das “Conversações” (ARAUJO, 2015) que, através de uma perspectiva epistemológica e política descolonial do conhecimento, consiste em um conjunto de sucessivas aproximações com os grupos participantes da pesquisa, que incluiu conversas com militantes dos movimentos, cartografia compartilhada das práticas comunicacionais, assim como o compartilhamento e validação das análises, resultados preliminares da pesquisa e conclusões. Também foi feita uma análise de materiais dos movimentos a partir de aportes da Semiologia dos Discursos Sociais. Produzimos um mapa dos dispositivos de comunicação dos dois movimentos e uma linha do tempo do movimento mais antigo, sendo possível observar quando, quais e como ocorreram mudanças nas suas ações comunicacionais.

Esta dissertação se divide em duas partes principais, além desta introdução, das conclusões e dos outros elementos pré e pós textuais. Na primeira, que chamei de processo teórico-metodológico, temos dois subcapítulos. No primeiro, caminho metodológico, teço considerações sobre a perspectiva do que é a metodologia e desenho as rotas que me ajudaram na pesquisa, tanto teoricamente quanto na prática percorrida. No segundo, caminho teórico, trago as principais referências e conceitos usados que ajudaram iluminar e refletir sobre o tema pesquisado. No primeiro tópico, discuto sobre a interpretação que privilegiei sobre a comunicação e as tecnologias digitais; no segundo são abordados os sentidos da saúde e a suas interfaces; no último, escrevo sobre movimentos sociais, suas histórias, categorias e a relação com a comunicação. A segunda parte trata concretamente do corpus da pesquisa, que dividi por cada movimento participante. Nela, discorro sobre cada um, sua gênese, história, configuração, opções comunicacionais, ilustro com parte de sua produção de estratégias e

produtos, procedo à análise e apresento os resultados decorrentes da investigação.

Com a pesquisa apresentada nestas páginas, aspiro contribuir para ampliação do conhecimento sobre o tema estudado no campo da C&S, aumentando o entendimento sobre as diferenças e similaridades das práticas comunicacionais entre os movimentos sociais da saúde, tendo como foco os seus modos de apropriação das tecnologias digitais. Mas, sobretudo, espero poder contribuir com os movimentos sociais da saúde, especialmente com os participantes da pesquisa, ao compartilhar com eles não só o processo de pesquisar, mas os resultados e conclusões a que chegamos em conjunto. Que esse compartilhamento possa gerar uma reflexão sobre suas práticas comunicacionais, além de abrir mais um canal de visibilidade e memória para si, quiçá para outros movimentos.

2 PROCESSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 CAMINHO METODOLÓGICO

É instigante a concepção de José Luiz Braga (2011) sobre a metodologia, pensada como uma lógica de tomada de decisões articulada com todo o processo de pesquisa. Ele confere maior atenção ao “em fazendo”, no caminho. Expressando-se de forma bem simples, Braga diz que “[...] a essência da reflexão metodológica se encontra na competência humana de, ao fazer qualquer coisa, termos a capacidade de observar e rever criticamente o que fazemos” (p.10). Essa passagem me recordou Bourdieu e seu conceito da vigilância epistemológica (2010), que também passa por essa atenção contínua e a capacidade de autocrítica durante o trajeto da pesquisa. Outro autor que aborda a discussão metodológica é Becker (1999), quando polemiza com os metodólogos e o “fetichismo positivista da especialização em metodologia”.

Os autores nessa linha recusam o que chamam de catecismo metodológico, referindo-se a um modelo de método único, verdadeiro, fechado, puramente mecânico e aplicável a qualquer situação de pesquisa, onde os procedimentos são ritualizados. A pesquisadora Cecília Minayo, em webinar⁵, afirmou que a pesquisa é uma curiosidade colocada em prática. Ouvi em uma aula⁶ o poema de Manoel de Barros que também nos ajuda a refletirmos sobre o que é esse processo de pesquisar: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo”. Podemos pensar o ofício do sociólogo (ou o do pesquisador em Comunicação e Saúde) como um trabalho de artesanato intelectual, como disse Wright Mills (2014), em que é preciso uma imaginação sociológica, criatividade, deixando sua assinatura na costura de teorias e métodos que serão usados para refletir em diálogo com o seu objeto específico. Já Santos (2018), inspirado por Mills, formulou a ideia de artesanaria das práticas, que enfatiza a singularidade de cada pesquisa, que em diálogo com os conhecimentos anteriores se refaz ao longo do processo investigativo. No meu trajeto, trouxe as letras e as vozes de todos esses autores que me inspiraram ao longo do percurso acadêmico e da vida e que se mostraram pertinentes para costurar essa pesquisa.

5 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rk7TCixxvDk>>. Acesso em: 03. jul. 2022.

6 A professora Inesita Araujo fez a citação na aula introdutória da disciplina Fundamentos Teóricos da Informação e Comunicação em Saúde, cursada no primeiro semestre do programa, ao falar sobre os desafios da interdisciplinaridade.

Em decorrência, minha estrada tem como guia uma perspectiva não extrativista do conhecimento, ou seja, que não fala sobre outros sujeitos, usando-os apenas como fonte e sem considerá-los como construtores do saber. A noção de alteridade aqui é importante, pois há uma alteração recíproca, como tematizou Amorim (2001). A autora, que tem uma visão bakhtiniana, faz um paralelo com o cinema no seu texto, trazendo inclusive na epígrafe uma fala do grande cineasta brasileiro Eduardo Coutinho: “O que se filma é o encontro e não a realidade...”. Podemos então adaptar essa fala para o processo de pesquisa, que não pretende chegar a uma verdade absoluta, mas a uma aproximação do que acontece na sociedade a partir de uma construção científica e dialógica. “Sem reconhecimento da alteridade não há objeto de pesquisa” (AMORIM, 2003, p. 29).

O clássico antropólogo Lévi-Strauss já afirmara que o trabalho de campo era um encontro entre subjetividades. Bakhtin (2003) faz uma diferenciação das ciências humanas, que propõe pensarmos como ciências do discurso, com as ciências exatas, forma monológica de conhecimento que trabalha com coisas mudas (a-sujeital). Há críticas também a outras vertentes das ciências humanas, como o estruturalismo, que se fecha dentro de um texto e transforma os sujeitos em conceitos. O autor russo argumenta que o conhecimento que se tem do sujeito só pode ser dialógico, ou seja, construído em diálogo.

Estamos falando do sentido da metodologia científica, então também vale aqui uma consideração do sentido de ciência, rejeitando seu rigor de objetividade e neutralidade. Como afirmou o sociólogo francês, “o universo ‘puro’ da mais ‘pura’ ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias.” (BOURDIEU, 1983, p. 122). O sociólogo português João Arriscado Nunes, que se filia às Epistemologias do Sul, traz uma perspectiva histórica sobre o terreno de disputas que a ciência está inserida:

Se o inconformismo, a crítica, a rebeldia contra as autoridades religiosas ou políticas tiveram um papel central na origem das ciências modernas, não é menos verdade que estas tiveram sempre a ambição de conhecer o mundo para o dominar e transformar, através de uma forma de poder que passava a ser legitimada pela referência à busca da verdade. Não deixa por isso de ser, ao mesmo tempo, perturbador e previsível verificar como o impulso crítico e de inconformismo com o mundo tal como ele é veio a dar lugar, à medida que as ciências, o poder político e a ordem econômica capitalista se iam interpenetrando, a uma reafirmação da dominação sobre o mundo, agora legitimada por uma nova autoridade, a dos saberes científicos e técnicos.” (NUNES, 2002, p. 189)

Não se trata de rejeitar a ciência, muito pelo contrário, mas propor um combate democrático por uma outra ciência que possa “[...] responder, de maneira socialmente responsável, às condições situadas em que as ciências se fazem e em que são mobilizadas para a transformação do mundo e da sociedade...” (NUNES, 2002, p. 197).

As Epistemologias do Sul buscam caminhar ao lado dos saberes produzidos pelos movimentos sociais que tem uma perspectiva para além das três cabeças que sustentam a opressão historicamente na sociedade: o colonialismo, o capitalismo e o (hetero)patriarcado. Essa forma de produção do conhecimento reconhece que a questão epistemológica é uma questão ética e política, estando comprometida com os povos excluídos socialmente. O Sul é concebido como uma metáfora cultural, fundadora da subjetividade emergente: “significa a forma de sofrimento humano causado pela modernidade capitalista” (SANTOS, 2018, p.118). Apesar de distribuído desigualmente, o Sul está presente por todo o globo, inclusive no Norte.

Na mesma proposta epistemológica é formulada a ideia de ecologia de saberes. Santos (2010) faz uma crítica à racionalidade ocidental, que chama de razão indolente, uma razão preguiçosa, que se coloca como única. Essa razão se divide em duas: a razão proléptica, que antecipa o futuro, desconsiderando a finitude da vida; e a razão metonímica, que toma a parte pelo todo, de forma dicotômica e contrai o presente, desperdiçando as experiências sociais. Esta razão produz ausências de cinco maneiras, que o autor também chama de monoculturas. Para inverter essa situação, ele propõe uma sociologia das ausências, que pretende mostrar que as inexistências são ativamente produzidas assim.

No lugar das monoculturas, o autor defende cinco ecologias, mas iremos nos ater a apenas uma delas aqui. Ao invés da monocultura do saber e do rigor, que invalida e produz o outro, quem não se adequa as regras da sabedoria do norte global, como ignorante; uma ecologia de saberes, ou uma ecologia de práticas de saberes, pois esses incidem nas práticas de conhecimento e no mundo social. A ecologia de saberes abarca também a ciência, mas reconhece como válidos uma diversidade de outras formas de conhecimento, que são autônomos, não hierarquizados universalmente e que podem estar em contato. “[...] a justiça social global não é possível sem uma justiça cognitiva global” (SANTOS, 2010, p. 134).

Em uma crítica ao logocentrismo na ciência, Guerrero Arias (2010) propõe o verbo coracionar (“corazonar”). O músico e cientista equatoriano fala que a centralidade da razão esqueceu completamente a importância das emoções. Coracionar, então, pretende reintegrar a dimensão humana de integralidade, dando a devida importância ao coração, nutrindo de

afetividade à razão para descolonizar o caráter dominador que historicamente deram à ela. Essa ideia vai de encontro a incorporação de outras linguagens no modo de produção e circulação do conhecimento.

Alcoff (1992) discutiu o problema de falar pelos e falar sobre os outros na pesquisa. Apesar da complexidade da questão, um caminho que a autora sugere é falar com e falar para os outros, além da busca para criar condições do diálogo e “uma distribuição mais equitativa e justa da capacidade de falar e ser ouvido/a” (p. 436). Para além do debate sobre dar voz, é importante pensarmos em como dar ouvidos, possibilitar uma escuta profunda. Secos & Molhados já abordaram essa discussão, dando prioridade a ouvir, do que dizer por dizer⁷.

A partir dessas premissas epistemológicas e políticas descoloniais⁸, a metodologia trilhada nessa pesquisa foi através do procedimento metodológico que Araujo (2015) denominou de “Conversações”, que consiste em um conjunto de sucessivas aproximações com os grupos participantes da pesquisa, de modo a que eles possam se apropriar do processo de pesquisar, tornando-se mais concretamente e nomeadamente coprodutores do conhecimento que emerge de cada pesquisa. Essas aproximações se dão a partir de diversos procedimentos compartilhados, que no caso específico desta pesquisa incluíram conversas com militantes dos movimentos, cartografia compartilhada de suas práticas comunicacionais, assim como o compartilhamento das análises, resultados preliminares da pesquisa e conclusões, visando à sua validação.

A cartografia aqui aparece tanto como método, na construção conjunta dos desenhos da comunicação dos movimentos que permitiu chegarmos a certas reflexões, quanto um produto, enquanto representação imagética do trabalho da pesquisa. Foram feitos contatos preliminares com pessoas inseridas nos movimentos, que se mostraram dispostas a dialogar⁹. Produzimos um mapa dos dispositivos de comunicação de cada um dos movimentos, sendo possível indicar algumas teias em comum e outras que foram específicas de cada contexto. Também foi traçada uma linha do tempo do movimento mais antigo, o Morhan, sendo

7 Música “Fala”. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/1HVKisttB0LgE0gxcqsnG4?si=361ab6101c7e482a>>. Acesso em: 29. jun. 2022.

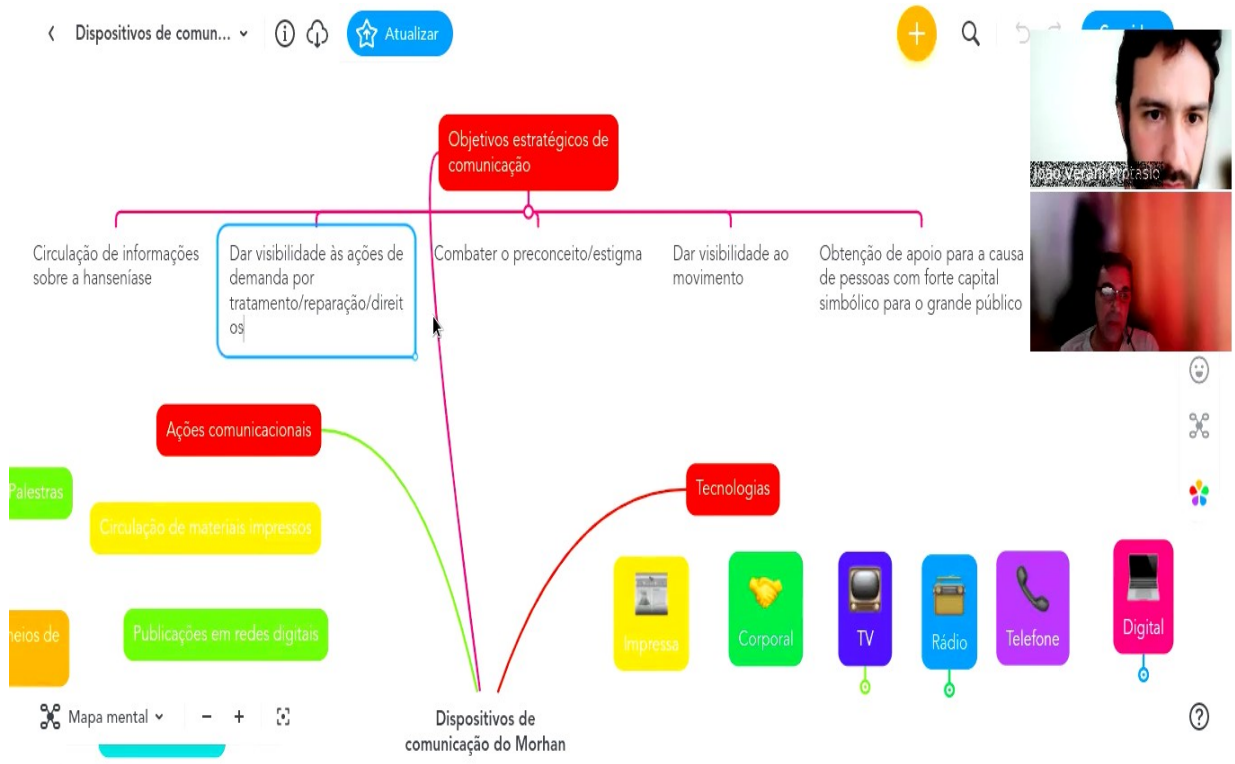
8 Entre as várias vertentes de pensamento e modos de nomear (anti-colonial, pós-colonial, decolonial), optamos por usar as conjugações do verbo descolonizar, como fazem os autores ligados às Epistemologias do Sul, que consideram o colonialismo não como um processo histórico terminado, sendo necessária a subversão do poder e do saber colonial.

9 Foi encaminhado o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) para o aceite de participação na pesquisa, seguindo os protocolos do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), onde foram explicitadas a descrição, metodologia e objetivos da pesquisa, além dos direitos dos sujeitos participantes. Os documentos enviados ao CEP e aos participantes, como o instrumento de pesquisa e o RCLE, estão nos anexos deste trabalho.

possível observar quando ocorreram as mudanças nas suas ações comunicacionais e produtos midiáticos e quais fatores externos e internos impactaram e motivaram as transformações. Na sequência procedemos a uma comparação entre os movimentos, buscando regularidades e diferenças que nos permitiram estabelecer reflexões sobre a adoção das tecnologias digitais como recurso comunicacional nos movimentos sociais da saúde.

Por causa da grave pandemia de Covid-19 e o necessário distanciamento físico, cinco conversas ocorreram por videochamadas através do aplicativo *Zoom* e uma por telefone (pela preferência do participante), além da troca de mensagens pelo *WhatsApp*. Houve duas rodadas de conversas. A primeira consistiu em ouvir os participantes sobre a história do movimento e suas respectivas relações dentro dele, quando foram feitas perguntas catalisadoras sobre a comunicação e as tecnologias digitais. A segunda teve o objetivo de apresentar aos participantes os mapas, a linha do tempo (do Morhan) e as reflexões oriundas das conversas anteriores e da análise de alguns materiais dos movimentos, para que pudessem ser objeto de debate, crítica, adendos, ou seja, de uma construção conjunta. Essa abertura foi a partir da fala e do compartilhamento da tela, através de texto escrito e do esboço da linha e dos mapas, possibilitando através de mais de uma linguagem uma visualidade mais concreta do material e um cenário de produção compartilhada do conhecimento, quando surgiram novos elementos e ricas reflexões dos participantes, prontamente incorporadas.

Figura 1: Captura de tela da segunda conversa com Artur.



Produção própria.

As conversações com o Morhan foram com o coordenador nacional do movimento, Artur Custódio, que é voluntário do movimento há mais de trinta anos. Com o NSSM, que não tem uma coordenação única e definida, foram com dois militantes que participaram das mobilizações desde que o movimento surgiu, Carlos Vasconcellos e Evelin Esperandio. Ambos são profissionais de saúde do município do Rio de Janeiro. Nas citações das conversas, me referi aos participantes pelos seus próprios nomes¹⁰, destaquei o trecho em itálico e coloquei a ordem e o ano da conversa realizada. As primeiras foram realizadas em agosto e setembro de 2021 e as segundas em abril e maio de 2022.

No total, foram mais de 6 horas de conversas, que foram gravadas e depois transcritas. No aplicativo Zoom, foi usado o próprio recurso de gravação do programa. A conversa por telefone foi feita através do recurso de viva voz e gravada em um aplicativo de gravação de áudio no computador. Todos os outros contatos foram feitos pelos WhatsApp, como a primeira abordagem e a explicação sobre a pesquisa, o envio do RCLE e a combinação da

¹⁰ Com a autorização dos participantes.

melhor maneira de realizar as conversas. Por lá, os participantes também enviaram materiais que julgaram ser pertinentes para a pesquisa, como áudios, links, arquivos, posts.

Outro componente da metodologia foi o monitoramento das práticas comunicacionais dos movimentos, o que contribuiu para traçar a linha do tempo e mapear seus dispositivos de comunicação. Esse monitoramento ocorreu através das redes digitais dos dois movimentos. No caso do Morhan, além do monitoramento, foram lidas todas as edições dos jornais do movimento possíveis de serem acessadas (64). Parte dos jornais está disponível nas redes do Morhan, mas o movimento compartilhou comigo o seu arquivo pessoal que está sendo digitalizado em uma pasta no Google Drive. Foi feita a descrição dos produtos midiáticos de cada um e uma análise de materiais selecionados por cada objetivo de comunicação adotado.

Essa análise inspirou-se teoricamente em contribuições advindas da Semiologia dos Discursos Sociais e se apropriou de parte da matriz analítica do mercado simbólico, que tipifica os fatores de mediação entre o centro e a periferia discursivos. Mais especificamente sobre os dispositivos de comunicação, que “referencia os fatores próprios dos processos de comunicação, envolvendo tanto os aspectos textuais como os materiais, os estruturais e os tecnológicos” (ARAÚJO, 2000, p. 268). Nos interessaram aqui os objetivos, as estratégias de comunicação, as ações comunicacionais por onde circularam, os produtos midiáticos e as mediações tecnológicas que os permearam.

A ideia inicial no projeto de pesquisa era trabalhar com quatro movimentos, dois mais antigos e amplos e dois mais recentes e localizados em um território específico. No entanto, diante dos imprevistos da vida e do tempo que correu mais rápido do que este pesquisador, o universo da pesquisa foi reduzido para dois movimentos. Essa escolha também foi ao encontro da orientação recebida anteriormente da banca de qualificação, preocupada com a necessidade de nos aprofundar mais nos movimentos, incluindo uma análise documental de cada um. Outro passo previsto e que mudou de rota foi a realização da conversa coletiva com todos os participantes da pesquisa, que não ocorreu. Foi priorizado, ao invés de uma individual com cada e uma coletiva, mais uma com cada participante dos movimentos para melhor detalhar as discussões e reflexões específicas. O compartilhamento coletivo será através do convite para a defesa e o envio da dissertação e de outras produções que possam ser feitas posteriormente, além da possibilidade de circulação junto aos movimentos, como em *lives* e em outros eventos.

2.2 CAMINHO TEÓRICO

Para seguir adiante, precisamos rememorar o que já foi feito. Quais as pesquisas que abordam as aproximações entre comunicação, saúde e movimentos sociais? Já há um bom repertório sobre a comunicação e os movimentos sociais; o ritmo sobre movimentos sociais da saúde também já tem muitas marcações; o campo da C&S vem se compondo institucionalmente há pelo menos três décadas. Já os compassos dos movimentos sociais da saúde sob a perspectiva comunicacional ainda não estão em muitas pautas. Nesse tópico trazemos alguns dos arranjos que entrelaçam esses temas e que embasaram teoricamente este trabalho.

2.2.1- Comunico, logo existo

O que é comunicação? A etimologia da palavra carrega o sentido de tornar comum. Tornar comum é se relacionar com o outro, é o ato de compartilhar. Como somos seres sociais, podemos considerar a comunicação como a base da sociedade. “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”, como disse o poeta Vinicius de Moraes no seu encontro com o velho parceiro Baden Powell¹¹. “E pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto”, jogaram no mundo os Novos Baianos Luiz Galvão e Moraes Moreira¹². Há quem fala sobre os problemas de quem foge dessa relação, como bradava o comunicador profissional Chacrinha: “Quem não se comunica se trumbica”. Cabe a nós pensarmos então como as sociedades se comunicam, como se configura essa prática social e como ela se transforma.

Em um evento científico chamado Comunic-Ação, um dos primeiros a já serem realizados de forma remota a partir da pandemia de Covid-19, Adriano Duarte Rodrigues fez uma conferência *on-line* chamada “O que é afinal a comunicação?”¹³. Criticando a visão

11 Música “Samba da bênção”. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/2GjgVelkVqRXhe76MsmMCc?si=9aee84275b004219>>. Acesso em: 25. jun. 2022. Apesar de não conter o verso citado, recomendo também a escuta da releitura feita por Mariene de Castro e Beth Carvalho, que amplia a homenagem aos encontros a partir de outras vozes e que não contém outros trechos problemáticos da versão original. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/3d5ixFFxet6jIWf1f6lft?si=acf26aa27ce24387>>. Acesso em: 25. jun. 2022.

12 Música “Mistério do planeta”. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/3TAMiM8XFmU9vFd333pgRh?si=bf48a3f6f0b6425e>>. Acesso em: 25. jun. 2022.

13 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=crdIhkS5eTI&list=WL&index=5>>. Acesso em: 11. jun. 2022.

instrumental da comunicação, como uma técnica de transmissão de ideias, o professor trouxe a metáfora de um beijo: o ato pode transmitir o coronavírus, mas não necessariamente o amor. O que pode ser transmitido são as coisas materiais, mas as simbólicas, como os sentimentos, pensamentos e ideias, precisam de um reconhecimento. As palavras adquirem um significado a partir da sua interpretação. São citados por Duarte os dispositivos apreciativos da comunicação: audição, visão, olfato e tato. A mídia seria então a sociogênese técnica para ultrapassar as barreiras desses dispositivos corporais.

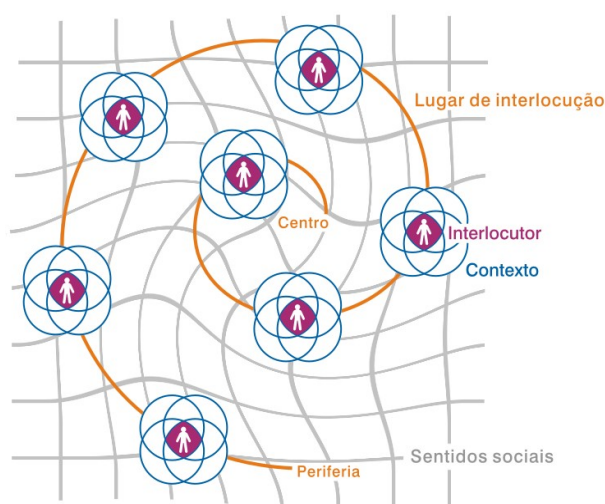
Essa concepção da comunicação transmissível foi e ainda é hegemônica, mas já há algum tempo circulam outras vozes científicas, como a de Duarte e a que me inspiro aqui, que pensa a comunicação como um mercado simbólico (ARAUJO, 2002; 2004). Essa concepção faz uma crítica aos modelos transferenciais, bipolares e lineares, como o matemático ou informacional, que vê a comunicação como uma compatibilização de códigos. Numa perspectiva desenvolvimentista, a comunicação é pensada como solução para problemas sociais, mas sempre a partir de um lado, ignorando o outro. A perspectiva humanista-dialógica freireana marcou uma posição contra-hegemônica, reconhecendo a equivalência de legitimidade do conhecimento do Outro. Mas ainda se permanecia na esfera das concepções bipolares de comunicação.

Com Araujo (2002; 2004), compreendemos a comunicação como um mercado simbólico, onde os sentidos sociais são produzidos, circulam e são apropriados pelos sujeitos e/ou comunidades discursivas. Nesse mercado, são disputados melhores lugares de interlocução (ARAUJO, 2002, 2006), objetivando a negociação dos sentidos sociais e, assim, o poder simbólico (BOURDIEU, 1989), poder de fazer ver e fazer crer, de constituir a realidade. Da perspectiva da comunicação como um mercado simbólico emergem referências a autores cujos conceitos foram estruturantes desse modo de pensar como Foucault (centro e periferia), Bakhtin (polifonia, dialogismo), Verón (processo produtivo), Pinto (teoria do discurso) e Fairclough (discurso como prática social).

O modelo está representado na figura abaixo, formulado por Araujo (2002; 2004). O diagrama ilustra a rede de sentidos sociais, em constante movimento. Temos os interlocutores, que são os agentes do processo comunicativo, situados na confluência de seus contextos, sendo destacados quatro, que a autora considerou essenciais para a compreensão de sua proposta: o contexto textual - ou cotexto - traz a relação entre os textos; o contexto intertextual ativa a semiose infinita, a memória; o contexto existencial tem a ver com o lugar

que a pessoa ocupa no mundo; por fim, o contexto situacional fala da posição ocupada em cada situação comunicativa, o lugar de interlocução. Lugar de interlocução aqui tem grande importância, pois “é um conceito definidor dos sentidos sociais, na medida em que é a partir dos lugares de interlocução em cena que se instauram as relações de poder e são produzidos os sentidos em qualquer prática comunicativa” (ARAUJO, 2006, p. 240). Esse lugar está presente na linha espiral que demarca as posições de poder discursivo, móveis, entre o centro e a periferia discursivos.

Figura 2: Diagrama do Mercado Simbólico.



ARAUJO (2002; 2004)

O conceito de mercado simbólico está na base do postulado da economia política do significante, um dos três definidos por Pinto (1994) na sua elaboração teórica sobre a Semiologia dos Discursos Sociais, que definiu como a disciplina que estuda os fenômenos sociais como fenômenos de produção de sentidos. Outros dois postulados importantes e que nos ajudam a olhar para a comunicação são o da heterogeneidade enunciativa e o da semiose infinita. Através de Araujo (2000), discípula de Pinto que escreveu sobre o olhar semiológico do mestre a partir de várias dimensões, ficamos sabendo que a heterogeneidade enunciativa consiste em rejeitar a singularidade do sujeito e a autonomia de seu discurso, trazendo o conceito de polifonia como constituinte das discursividades, onde estão presentes múltiplas vozes, mais ou menos explícitas ou implícitas, produzindo diferentes efeitos na produção dos sentidos. A semiose infinita traz a ideia da intertextualidade como primordial. Por isso, o uso da palavra texto, ao invés de mensagem: enquanto a segunda é fixa, ancorada no tempo, a

outra é fluida, não pode ser limitada, mas sim compreendida como parte de uma rede. Todo texto tem uma intencionalidade, mas não pode ser analisado de forma individual e sim em um contexto discursivo. Cada discurso traz consigo muitos outros, que vão sendo ressignificados ao longo do tempo e do contexto.

Esse conceito é bastante inspirado nas ideias de Bakhtin. O autor chama a atenção sobre a pequena e a grande temporalidade. A pequena temporalidade, que Bakhtin critica por nelas estarem inseridas a maioria das análises, se refere à contemporaneidade, ao passado imediato e ao futuro presumido. Já a dimensão da grande temporalidade abarca uma análise mais ampla dos “séculos, milênios, dos povos, das nações, das culturas” (BAKHTIN, 2003, p. 410), em um passado e futuro ilimitados, não havendo uma primeira e uma última palavra e nem sentidos cristalizados.

Toda palavra (todo signo) de um texto conduz para fora dos limites desse texto. A compreensão é o cotejo de um texto com os outros textos. [...] Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que o texto participe de um diálogo” (BAKHTIN, 2003, p. 404, 405).

É destacado então o processo de compreensão: cada ato desse processo tem sua autonomia, porém são articulados: a percepção do signo físico, seu reconhecimento e significação, a compreensão de sua significação em certo contexto e sua inserção em um contexto dialógico. “A passagem da imagem para o símbolo revela-lhe a profundidade e a perspectiva de sentido” (BAKHTIN, 2003, p.401). Essas reflexões conceituais me fizeram pensar em um episódio recente que aconteceu envolvendo o símbolo #. Ao ajudar minha mãe, que é musicista, a fazer uma atividade no computador, disse para ela apertar a tecla do *hashtag*. Ao não entender, falei que era o botão do “jogo da velha”, popular brincadeira. Ela então compreendeu, mas contou que para ela esse símbolo sempre foi o do “sustenido”, sinal usado na música para representar um semitom acima da nota. No exemplo desse curto diálogo, vimos três sentidos atribuídos ao mesmo símbolo (#) a partir de contextos diferenciados.

A midiatização pode ser entendida como a institucionalização dos fenômenos midiáticos nas sociedades humanas e suas múltiplas consequências (VERÓN, 2014). Por sua vez, Gomes (2016, p.1) realça sua propriedade de descrever “o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos

meios e a mudança sociocultural”. Sodré (2005) defende que é uma hibridização que articula as variadas instituições com as mídias, constituindo uma nova forma de estar no mundo, um novo *ethos*, o *bios* midiático. Os estudos da sociedade midiaticizada (MORAES, 2005) podem tornar mais nítidas as ancoragens dos processos de transição dos movimentos sociais em relação às suas estratégias comunicacionais. São pontos de vista inspiradores que nos ajudam na tarefa a que nos propomos, de entender o deslocamento dos movimentos sociais na esfera comunicacional.

Em outro âmbito de reflexões, Massimo Canevaci formulou o conceito de ubiquitime ao analisar as polifonias urbanas, em que as dimensões espaciais e temporais se misturam, especialmente com difusão da internet e da cultura digital digital: “ficou mais complexa também nossa sensibilidade, a nossa cotidianidade, a nossa experiência continua sempre menos baseada sobre um tempo-espaço claramente definido” (CANEVACI, 2017, p. 354). Cristiane Dias (2016b) falou das formas de mobilidade contemporânea, que se misturam. Uma é a mobilidade densa, que é feita no espaço físico, corpo e espaço estão colados, em uma temporalidade específica. A outra é a mobilidade rarefeita, no fluxo das redes digitais, onde a temporalidade é dispersa e as pessoas se movem descoladas do espaço geográfico. A conectividade então ligaria essas formas de mobilidade em uma nova forma de espaço, que a autora nomeia de retrográfico. O online e o offline se juntam na materialidade por meio dos discursos.

O conceito de materialidade digital (DIAS, 2016b) aparece então como pertinente para analisar a influência do digital sobre as discursividades contemporâneas. Segundo a autora, “o digital é um campo de discursividades constitutivo do espaço, do sujeito e do sentido, do conhecimento, com sua materialidade própria” (DIAS, 2016a, p.18). E “o que chamamos materialidade digital é o processo de significação que se dá pela emergência da discursividade digital na forma material do discurso (texto, imagem, cena urbana, etc.), e em certo meio material (aplicativo, outdoor, rede social, cidade etc.) (DIAS, 2016b, p. 173). Outra noção que Dias formulou e que cabe trazer aqui é a de corpografia, que busca

produzir uma compreensão da escrita no digital, levando em conta as tecnologias digitais e a maneira como esses dispositivos de arquivo [...] produzem uma injeção ao corpo na forma da letra, grafo, grafia, produzindo, com isso, a corpografia. O que chamei corpografia, é, portanto, essa textualização do corpo na letra, na tela, pelo afeto, produzindo uma escrita (e um corpo) afetada pelo digital (DIAS, 2016a, p.12-13).

A *hashtag* é um bom exemplo para se observar pela corpografia a materialidade digital, que também se dá pelos links, memes, gifs, ícones, imagens e tantas outras formas de comunicar. A autora traz o caso de um cartaz escrito à mão em uma manifestação de rua, que pode ser considerado o caso de uma materialidade digital por estar relacionado a um discurso digital. Assim, ela é caracterizada pela sua discursividade, não se reduzindo ao digital ou ao online. É importante pensar também na sua circulação: a própria noção de autoria se modifica, em que a propriedade é de certa forma compartilhada, como o exemplo das correntes através do hiperlink trazido no exemplo anterior e que circulam dos *trending topics* aos muros da cidade.

Pesquisador da sociologia urbana e dos movimentos sociais na segunda metade do século XX, Castells se tornou grande referência nos estudos sobre a internet com as discussões sobre as variadas transformações que a sociedade vem vivendo na passagem da sociedade industrial para o que o autor chamou de a era da informação e a sociedade em rede na virada do milênio. São mudanças estruturais e multidimensionais, mas que estão associadas à emergência de um novo paradigma tecnológico. As redes de comunicação digital se tornam então a “coluna vertebral da sociedade em rede” (CASTELLS, 2005, p. 17). Esse processo ocorre globalmente, mas de forma desigual. Afeta toda a humanidade por sua lógica, mas não necessariamente a inclui em sua inteireza.

São citadas três transformações principais: na economia, no Estado e na sociabilidade/comunicação, que passam a operar por redes. Nessa última são destacadas três tendências: a formação de aglomerados midiáticos simultaneamente globais e locais, a crescente digitalização e a passagem de um sistema *mass media* para um sistema multimidiático fragmentado e, principalmente, a difusão das redes horizontais de comunicação pela internet. É feita uma crítica, no entanto, a uma análise em termos de futurologia e da alienação pela tecnologia, lembrando que é a sociedade que dá os seus contornos e levando em consideração os múltiplos efeitos que essas mudanças podem trazer.

A questão é reconhecer os contornos do nosso novo terreno histórico, ou seja, o mundo em que vivemos. Só então será possível identificar os meios através dos quais, sociedades específicas em contextos específicos, podem atingir os seus objectivos e realizar os seus valores, fazendo uso das novas oportunidades geradas pela mais extraordinária revolução tecnológica da humanidade, que é capaz de transformar as nossas capacidades de comunicação, que permite a alteração dos nossos códigos de vida, que nos

fornece as ferramentas para realmente controlarmos as nossas próprias condições, com todo o seu potencial destrutivo e todas as implicações da sua capacidade criativa (CASTELLS, 2005, p. 18).

Alterando-se a sociedade e a comunicação, também se alteram as formas de luta.

Na sociedade em rede, a virtualidade é a refundação da realidade através de novas formas de comunicação socializável. Uma vez que a política é largamente dependente do espaço público da comunicação em sociedade, o processo político é transformado em função das condições da cultura da virtualidade real (CASTELLS, 2005, p. 23).

Apesar das redes sociais digitais possibilitarem a circulação de mais vozes no espaço público, ou no espaço *publidiático*, como chamou atenção Borges (2010) para a junção do público com o midiático, as desigualdades sociais também se expressam no acesso aos meios de produção comunicacionais, nesse caso à internet, além da sua dimensão comercial e das tentativas de controle político.

Araújo e Santos (2017) trazem um debate sobre a mídia e a tecnologia a partir das Epistemologias do Sul. As autoras lembram que apesar de ter sido no ocidente e na década de 1920 que se começou a falar de mídia, sua origem pode ser considerada desde das pinturas rupestres, assim como ocorreram registros desse processo por todo o mundo. É então defendido que ocorre uma linha abissal na comunicação, em comum com a monocultura do tempo linear, conceitos formulados por Santos (2010). É criado um universalismo sobre o que é considerado mídia e tecnologia e o que está do outro lado é produzido como inexistente: “um de cá tecnológico, moderno, racional, eficiente; um outro lado exótico, supersticioso, folclórico, arcaico e irrelevante” (ARAÚJO; SANTOS, 2017, p. 78). São então citadas realidades comunicativas que são consideradas inferiores ou temporalmente atrasadas, como as baseadas na oralidade, a literatura de cordel, os teatros de rua, entre outras.

Observando um outro ponto na mesma questão, Porto, Ferreira e Fasanello (2021) fazem uma reflexão entre tradição e modernidade a partir de algumas experiências de uso criativo dos instrumentos de comunicação, como a produção de vídeos e a divulgação em plataformas digitais por diversos povos indígenas e uma produtora audiovisual criada por uma comunidade quilombola no sertão pernambucano. Como afirmam os autores:

Essas iniciativas apontam que não há incongruência entre a apropriação de tecnologias ditas modernas ou sociais e a defesa de modos de vida e territorialidades tradicionais, como querem fazer crer muitos daqueles grupos que se opõem às demandas populares. Pelo contrário, em muitos

contextos, podem ser instrumentos de resgate e difusão da história de um povo, sua cosmovisão, modos de vida e projetos políticos atuais, que não só colocam em xeque nosso próprio modo de vida, como apontam para alternativas viáveis de outros mundos possíveis (PORTO, FERREIRA, FASANELLO, 2021, p. 154).

Cabe aqui outra letra para orquestrar o debate¹⁴:

Criar meu web site
 Fazer minha home-page
 Com quantos gigabytes
 Se faz uma jangada
 Um barco que veleje
 [...]

 Eu quero entrar na rede para contactar
 Os lares do Nepal, os bares do Gabão
 Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular¹⁵
 Que lá na praça Onze
 Tem um videopôquer para se jogar (Pela Internet - Gilberto Gil)

O título desse tópico se inspira na associação que Araujo (2011) faz da relação entre comunicação e existência pública a partir da famosa expressão decartiana¹⁶. Assim, também enxergamos a luta pelo direito à comunicação como a batalha pelo direito à cidadania (ARAÚJO, 2011), que atravessa todas as outras: é a luta por visibilidade, pelo poder de dar sentido às coisas do mundo, inclusive sobre si, ao contrário das nomeações arbitrárias (BHABHA, 1998) realizadas historicamente contra os segmentos sociais periféricos. O direito à voz ativa é o que dá a base para tornar-se um ator político, entendendo aqui a política como atravessadora de todas as relações sociais: “A gente quer ter voz ativa, no nosso destino

14 Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/6x8wP652O5uSpRfUGmxGRe?si=52e1407de9304c44>>. Acesso em: 16. jul. 2022. O mesmo autor fez uma outra versão duas décadas depois, atualizado as tecnologias, chamada “Pela Internet 2”. “Cada dia nova invenção. É tanto aplicativo que eu não sei mais não. What's App, what's down, what's new”. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/3oToC8kU9cEDbiJvi2Kd0b?si=d865ab779f734a64>>. Acesso em: 16. jul. 2022.

15 No título da música e nesse trecho específico há um intertexto com o samba gravado no início do século XX “Pelo Telefone”.

16 “*Cogito, ergo sum*”, traduzida popularmente como “Penso, logo existo”.

mandar”¹⁷.

Murtinho e Stevanim (2017) colocam como referência para o reconhecimento da comunicação como direito humano a defesa da ampliação, no âmbito da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) na década de 1960, da cobertura do artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, que tratava do direito à informação e do direito à liberdade de opinião e de expressão. Esses debates geraram o Relatório McBride, que diagnosticou enorme concentração dos meios de comunicação e a consequente desigualdade na distribuição do acesso a esses bens, propondo firmar uma Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (Nomic) com políticas públicas democratizantes e que expandia o sentido desse direito. Peruzzo (2013) considera a comunicação como um direito humano de quinta geração, que merece uma dimensão própria, a dimensão comunicacional da cidadania. Considerado inicialmente somente como direito à informação, se renova ao enfatizar a importância da democratização do poder de comunicar.

2.2.2 – Comunicação e (é?) Saúde

Me cansei de lero-lero

Dá licença, mas eu vou sair do sério

Quero mais saúde (Saúde – Rita Lee)¹⁸

Todos querem mais saúde, mas o que é saúde? A definição de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1946 foi importante para considerar os seus determinantes sociais: “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”. Almeida Filho (2011) amplia ainda mais a concepção desse sentido, trazendo uma compreensão holística do que é a saúde. O sanitarista fala da importância de considerar ao invés de determinantes sociais a produção cultural de práticas e a invenção simbólica dos sentidos da saúde. O autor fala da saúde como problema, como fenômeno, como medida, como ideia, como valor, como campo de práticas, até chegar a sua síntese: devemos falar de “saúdes” como um conceito plural, considerando o somatório de suas interfaces.

Invenção brasileira, a saúde coletiva, campo de saberes e práticas formado

17 Música “Roda Viva”. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/06ND7qqsmIRCuwDQNQIITE?si=978b48dddeed4717>>. Acesso em: 16. jul. 2022.

18 Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/li01coCdrJQTyTkdY0GC1x?si=60dcb6636fd14c70>>. Acesso em: 13. jul. 2022.

principalmente pela epidemiologia, a política, planejamento e gestão da saúde e as ciências humanas e sociais em saúde, aparece como novo paradigma empenhada em uma luta contra hegemônica na disputa do sentido de saúde. Esse campo foi essencial para a construção no país da Reforma Sanitária Brasileira, que mobilizou atores em defesa do direito à saúde pública e culminou no nosso sistema de saúde ainda vigente. Também foi fundamental para a construção da Reforma Psiquiátrica Brasileira, que desafiou o saber hegemônico psiquiátrico ao propor um redirecionamento no cuidado em saúde mental, em liberdade, que para além dos serviços técnico assistenciais, propôs um novo lugar social para a loucura.

Nunes (2021) propõe a noção de saúde planetária como possibilidade ao invés de Saúde Global, que considera limitada. A primeira se baseia nos conhecimentos indígenas e na relação que os povos têm com o planeta sendo intrínseca à saúde. Conceitos que considera descolonizadores como o de saúde planetária, então, “surgidos do pluralismo e dissenso interno nos espaços das ciências e dos saberes hegemônicos, abrem possibilidades de diálogos, de traduções interculturais e interepistêmicas e de ecologias de saberes” (NUNES, 2021, p. 4). Em outro trabalho, em coautoria, é lançada a ideia de uma ecologia de cuidados como proposta para a descolonização da saúde:

A leitura ecológica permite mostrar os limites da leitura monocultural da saúde biomedicalizada e, simultaneamente, mobilizar os recursos do saber científico para a procura das conexões parciais que abrem esse espaço para as ecologias dos saberes da/na saúde e para ecologias do cuidado (NUNES; LOUVISON, 2020, p. 8).

Apesar de considerar os avanços a partir do campo da saúde coletiva e da abertura aos diálogos com outras formas de conhecimento, os autores ressaltam que o reconhecimento de outros saberes ainda passa pelos filtros parciais da ciência. Nesse sentido, são problematizadas e complexificadas algumas noções de saúde e doença e seus determinantes, que devem ser refletidas como um processo dinâmico. Essa ampliação do modo de pensar e agir sobre a saúde parte da “diversidade de cosmovisões, linguagens, histórias, formas de expressão, modos de vida e de relação com o território e os diferentes ‘existentes’” (NUNES; LOUVISON, 2020, p. 11), assim como a ideia de se considerar uma saúde única, que abarque e inter-relacione tanto a saúde humana, quanto à animal e a dos ecossistemas.

Araujo e Cardoso (2007) escreveram um livro que dá visibilidade às questões e pautas da C&S e apontam um outro modo de ver a construção desse campo. As autoras demarcam a

importância do conectivo “e”, se diferenciando do “da”, “na”, “em”, “para”. Enquanto esses outros modos de dizer produzem o sentido de pertencimento ou submissão de uma área em relação à outra, falar de comunicação e saúde traz a ideia de articulação, interface entre cada campo de conhecimento. C&S caminha em interação de outros diversos campos, como dizem as autoras: informação, ciência e tecnologia, políticas públicas, educação, movimentos sociais... Principalmente com este último é que esta pesquisa se desenvolveu.

Apesar de ter se consolidado como campo há pelo menos três décadas, a relação entre comunicação e políticas públicas de saúde no país é centenária, remontando à década de 1920, com a inclusão da educação sanitária e da propaganda como parte importante das ações de saúde (ARAUJO; CARDOSO, 2007). Hoje essa articulação já está mais sólida institucional e academicamente, com instituições de ensino e pesquisa, projetos de extensão e inovação, oficinas e corpo maior de produções científicas que podem embasar as políticas públicas. Como afirmou Araujo em prefácio que também trazia um balanço dessa caminhada: “tempos idos, tempos vindos. Muita história por contar, muita história por fazer” (ARAUJO, p. 11, 2017).

Aqui consideramos o direito à comunicação como inerente ao direito à saúde, que deve ser pautado pela universalidade, integralidade e equidade, princípios do SUS (ARAUJO; CARDOSO, 2007). A frase “Democracia é saúde”, que deu nome à célebre conferência de Sergio Arouca na 8ª Conferência Nacional de Saúde¹⁹, marco na história do SUS, pode então ganhar contornos similares. Como disse Araujo em publicação do Grupo de Trabalho da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) que traz o nome do campo e faz uma reflexão sobre essa trajetória:

A instituição do SUS foi um marco muito importante nesse processo. Ao definir como um de seus princípios a participação, sem a qual os outros princípios ficam sempre em débito, constituiu a comunicação de forma orgânica em seu projeto. Não se faz participação sem comunicação. Não se atinge a universalidade, não se pratica a equidade, não se constitui a integralidade. Não se tem saúde sem comunicação. Comunicação é Saúde (ARAUJO, 2017).

Belchior cantou que “a máxima saúde hoje é pretender usar a voz”²⁰.

19 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-_HmqWCTEeQ>. Acesso em: 11. jun. 2022.

20 Música “Conheço meu lugar”. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/2J73aXEJt6qdKCDdROf5Zg?si=f9efa66d3dfa49b6>>. Acesso em: 25. jun. 2022.

Stevanim e Murtinho (2021) abordaram a trajetória sobre os processos que afetam o direito à comunicação e saúde no país. Segundo os autores, podemos considerar três dimensões principais que sustentam essas pontes:

Em primeiro lugar, a democratização da comunicação é condição essencial para garantir democracia efetiva – e sem democracia, não há saúde. Segundo, as políticas públicas de comunicação podem promover a concretização e a ampliação das experiências de participação social. Por fim, tanto a saúde quanto a comunicação precisam enfrentar modelos e práticas que as reduzem à noção de mercadoria, o que só é possível pelo fortalecimento da concepção de direitos (STEVANIM; MURTINHO, 2021, p. 36)

Nesse sentido, além de considerar a relação do direito à comunicação com a saúde, enxergarmos como o SUS é ao mesmo tempo resultado das lutas sociais e importante para o fortalecimento destas, ao assegurar legalmente o direito à saúde, sendo papel dos movimentos sociais batalharem pela sua efetivação na prática.

2.2.3 – Toda vez que damos um passo o mundo sai do lugar

Abro esse item com uma adaptação da música de Siba²¹ para começarmos a refletir sobre o sentido do que é um movimento social. O verbo foi usado no plural, pois é no coletivo que o movimento social existe; e a cada passo dado o mundo se desloca. Movimenta a sociedade. Transforma: atravessa a forma como são ordenadas as relações sociais, que subverte as estruturas materiais e simbólicas. A luta que muda a vida. Trazendo outra letra de um pensador musical, “Muda que quando a gente muda, o mundo muda com a gente”²². Podemos pensar nos movimentos de maneira dialética: se ele muda a sociedade, é a própria sociedade que o cria, com suas desigualdades, injustiças e violências. Como mostra um canto tradicional de movimentos sociais no Brasil: “Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga não atíça o formigueiro”.

Candón e Benítez-Eyzaguirre (2016) organizaram um livro sobre o ativismo digital, com contribuições reflexivas sobre diversos movimentos ao redor do mundo. Na introdução,

21 Música “Toda vez eu dou um passo o mundo sai do lugar”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_sqkepDZqq8>. Acesso em: 22. jun. 2022.

22 Música “Até quando?”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=atXuxbc7zZk>>. Acesso em: 22. jun. 2022.

os organizadores alertam sobre o cuidado de não analisarmos a relação entre movimentos sociais e tecnologia a partir de um determinismo tecnológico. Os autores apontam a contradição das tecnologias que surgem com um propósito de melhorar a vida das pessoas, mas que são usadas para a exploração da maior parte da população, o que também vale para as tecnologias comunicacionais.

Cada medio de comunicación prescribe en parte un modelo de organización social, pero nunca lo determina porque es la sociedad la que decide y son los usos los que construyen el escenario de interacción y las posibilidades de futuro en un completo proceso de lucha y negociación entre las tendencias de apropiación y de colaboración entre diferentes sectores e intereses (CANDÓN; BENÍTEZ-EYZAGUIRRE, 2016, p.9).

Como depende dos usos sociais que deles fazem e os meios de comunicação no Brasil historicamente foram dominados pelos setores hegemônicos político-econômicos, os movimentos sociais sempre produziram canais próprios e alternativos de comunicação, como mostra Peruzzo (2016), pesquisadora referência sobre a dimensão comunicacional dos movimentos sociais populares. A autora destaca a importância das tecnologias de informação e comunicação para os processos de mudança social.

Em conformidade com as condições do desenvolvimento tecnológico de cada momento histórico e com as circunstâncias vividas pelos grupos sociais mobilizados, ou em processo de articulação, agregam-se formas e canais comunicativos como parte dos processos de consciência, organização e ação para fortalecer laços internos, tornar pública sua situação, defender seus interesses e dar visibilidade às suas reivindicações e conquistas. Dos gestos, palavras, desenhos, pinturas, manuscritos, panfletos, hinos, canções, poemas, festas, gestos (dança), alto-falantes, rádios, televisões, vídeos às mídias e redes sociais digitais e a criação de softwares livres, as forças sociais defensoras do interesse público e dos direitos cívicos disputam um lugar participativo na feitura da sociedade (PERUZZO, 2016, p. 47).

Portanto, já existia o midiativismo antes da internet, mas através dela assume outras configurações.

Scherer-Warren (2014) tipifica cinco modalidades de organização do ativismo na contemporaneidade. A primeira são os *movimentos sociais organizados*, que têm uma continuidade temporal, principais objetivos definidos e um projeto de mudança social. Esses são os que nos interessam especificamente neste projeto de pesquisa. A segunda modalidade diz respeito às *manifestações ou marchas dos movimentos sociais* que se realizam através de

atos de rua, mas que tem alguma regularidade, vinculadas aos movimentos sociais. O terceiro tipo designa as *manifestações amplas da cidadania e/ou dos “indignados”*, que agregam coletivos diversos no espaço público com protestos conjunturais, em que a autora destaca que são mobilizados principalmente por redes sociais virtuais. Se aproximam mais dos movimentos sociais em rede que aborda Castells. A quarta modalidade aponta para as *manifestações-bloqueio ou “formas de ação nas ruas”*, que se configuram mais como uma tática de ação de ação direta, como os Black Blocks. A quinta e última forma referencia a *ação-manifesto sociocultural*, que expressa coletivamente em espaços públicos as lutas de setores periféricos por reconhecimento e afirmação dos direitos socioculturais. Vale ressaltar que essas modalidades se entrelaçam. Como conclui a autora:

[...] a articulação discursiva construída na prática política desses movimentos sociais organizados e em suas relações com as manifestações de rua vem permitindo uma identificação na política mais abrangente que as especificidades de cada movimento, bem como a construção de novos significados simbólicos compartilhados, empoderando, assim, a cidadania politicamente ativa (SCHERER-WARREN, 2014, p. 31).

Além das manifestações de rua, as articulações discursivas construídas através da redes sociais digitais entre essas modalidades de ativismo podem construir também novos sentidos compartilhados e empoderar essa cidadania politicamente ativa.

Os estudos dos movimentos sociais têm uma vasta trajetória, sendo permeado de contradições, disputas e em permanente atualização. Goss e Prudencio (2004), ao revisitarem o conceito de movimentos sociais, lembram que até o início do século XX era resumido às lutas dos trabalhadores através dos sindicatos. A formação de um campo de estudos nas Ciências Sociais foi se tornando mais consistente nos anos 1960, principalmente a partir de Alan Touraine, que chegou a considerá-los como o próprio objeto da Sociologia. As autoras citam um desgaste da perspectiva marxista dos movimentos sociais, que reduzia seus agentes apenas às classes sociais, pensamento que foi hegemônico até o final da década de 1970. A partir daí, começam a surgir outros fatores relevantes para análise para além da estrutura político-econômica, quando alguns autores começam a falar da categoria de novos movimentos sociais.

A teoria dos novos movimentos sociais coloca a cultura no centro do conflito, fazendo uma série de diferenciações com outras vertentes analíticas. Para esses pensadores, os movimentos sociais que começam a surgir na década de 1980 têm outros paradigmas: a

política se desloca da macroestrutura para a micro, o sujeito das mudanças não é mais somente a classe trabalhadora, mas um sujeito plural, difuso e não hierarquizado, onde a identidade coletiva se torna central. Alberto Melucci (1989) fala que esses movimentos têm uma função profética, de nova mídia, destacando suas lutas no âmbito simbólico de revelação de projetos para a sociedade. O autor italiano frisa a mudança organizacional, que passa a operar em redes e não ser mais instrumental, mas um objetivo em si mesmo. “O meio, o próprio movimento como um novo meio, é a mensagem” (MELUCCI, 1989, p. 62). O francês Alan Touraine (1989) vai na mesma linha, ao afirmar que os movimentos passam do papel do *intelligentsia* ao *mass-media*, ou seja, de uma mudança na mediação dos conflitos, agora descentralizada.

Santos (1999) situa os novos movimentos sociais na interface entre a relação entre regulação/emancipação e entre subjetividade/cidadania. Ao identificarem novas formas de opressão para além da relação capital/trabalho, também reinventam as formas de transformação social. O que se configura não é uma afirmação da subjetividade sobre a cidadania, mas um alargamento dessa última, que se torna multidimensional. Aqui considero que a própria subjetividade é produzida por múltiplos fatores ou agenciamentos coletivos de enunciação (GUATTARI; ROLNIK, 1986). Podemos pensar as novas lutas sociais, então, também através das contribuições desses analistas, sendo ao mesmo tempo molares e moleculares, micro e macropolíticas.

Na América Latina autores também refletiram sobre movimentos sociais à luz dessa teoria e sob o olhar comunicacional. O argentino Ernesto Laclau (1986) definiu os discursos como uma estrutura para os novos movimentos sociais. Laclau (1986) afirma que a identidade dos agentes sociais não pode mais ser vista como constituída em um único nível da sociedade, saindo em defesa da pluralidade do social. Assim, defende que o político também deixa de ser apenas um nível do social, homogêneo e fechado, para o lugar de sua presença em toda a prática social, com os novos movimentos sociais dando em ênfase nas mobilizações a partir do conjunto de posições do sujeito, instáveis e abertas, que são pontos de conflito e de possíveis práticas articulatórias diversas. Essas novas formas de luta rompem também com um imaginário totalizante, gerando uma proliferação de demandas e espaços políticos.

Já o brasileiro Eder Sader (1988) aborda a importância das matrizes discursivas dos movimentos. Estas são modos de abordagem da realidade que implicam em atribuições de significado e dependem de práticas e lugares materiais. Como afirma o autor, “os sujeitos não

são livres para produzir seus discursos e nem podem inventar na hora seus sistemas e comunicação” (SADER, 1988, p. 142). Sempre partem de matrizes discursivas constituídas, atreladas à cultura, requisito para que haja comunicação social, mas também expressam rupturas, reelaborando os sentidos e criando matrizes a partir das representações sobre si mesmos e sobre suas vivências nas lutas sociais.

Outra perspectiva que dá ênfase ao simbólico na análise dos movimentos sociais é a teoria do reconhecimento. Axel Honneth (2007) discorre sobre os variados sentidos do reconhecimento historicamente, entre eles através de uma ética do discurso, em que se refere ao respeito recíproco. O autor alemão defende que o reconhecimento da dignidade é vital para o conceito de justiça, cuja ideia é eliminar a degradação e o desrespeito. São elencados então três padrões de luta por reconhecimento, sempre desencadeados por situações de injúria moral e que perpassam por uma atitude positiva com si próprio e na relação com o outro.

Nancy Fraser (2006) refletiu sobre o reconhecimento de uma forma diferente. São citadas como forma de injustiça simbólica a dominação cultural, o ocultamento e o desrespeito, que se enraízam socialmente nos padrões de comunicação, interpretação e representação. Para combatê-las são mencionados dois tipos de “remédios”: os afirmativos, que procuram fazer uma desdiferenciação, e os transformativos, que vão mais no sentido de desestabilização dos quadros vigentes. Com uma crítica a Honneth, a autora estadunidense soma a importância da redistribuição econômica ao lado do reconhecimento, uma política cultural da diferença combinada com uma política social da igualdade como elementos cruciais para a efetivação da justiça. Em uma tréplica, o autor defende que as regras de distribuição não são apenas derivadas das relações de produção, mas que também estão travadas em uma luta por reconhecimento, na medida que são “lutas simbólicas pela legitimidade do dispositivo sociocultural que determina o valor das atividades, atributos e contribuições” (HONNETH, 2007, p. 93).

Através das perspectivas da sociologia das ausências e das emergências (SANTOS, 2010), podemos perceber as estratégias comunicacionais atuais tanto como forma de denúncia das ausências ativamente produzidas e luta por visibilidade e como uma contração do futuro ao produzirem uma outra forma de comunicar e existir. Demarcamos a importância de considerar os movimentos sociais como feito por pessoas que se organizam em torno de determinada causa que diz respeito direto às suas vidas, construindo uma identidade através da luta compartilhada pela transformação de um determinado estado de coisas. São

catalisadores da mudança: “trazem a força do agora”, como disse Evelin, participante da pesquisa em nossa conversa. Os movimentos sociais são antes de tudo movimentos emocionais (CASTELLS, 2017). E como dizem muitos deles: só a luta muda a vida.

James Jasper (2016), dialogando com Tilly, faz um resgate sobre o que considera o primeiro movimento social moderno, ocorrido na Inglaterra no século XIX, as “turbas de Wilkes”, que eram “em parte campanha eleitoral, em parte agitação por liberdades civis, em parte um festival de bêbados” (JASPER, 2016, p. 36). O autor fala que John Wilkes era um “mestre da mídia” e destaca como se tornou comum na época o grafite com o número de um panfleto seu que foi marcante, assim como seus bordões, o grito de convocação que levava seu nome, além de jornais populares - que os sindicatos e partidos de tradição marxista vão dar grande importância. Jasper lembra que historicamente se protesta de diversas maneiras. São lembradas como as “armas dos fracos” as piadas, rumores e fofocas. Em tempos que muito se discute sobre *fake news*, recordamos que a comunicação como estratégia política é usada, com seus variados fins e de diferentes maneiras, há bastante tempo.

Jasper fala da comunicação não-verbal, por exemplo, como um gesto corporal de deboche com uma autoridade pode repercutir. Ou até como a queima de um prédio que pode ser visto por grandes distâncias também pode ser uma mensagem (ou faísca) de indignação. O autor volta a pesquisa de Tilly de meio século na França e na Grã-Bretanha, que mostrou como há uma mudança nos protestos nos séculos XVIII e XIX, quando diminuem as estratégias de ação direta através da coerção para atos indiretos, mais persuasivos. Se passa da queima de casas e do constrangimento de adversários às marchas de rua com cantos, slogans, faixas e cartazes, cartas, petições.

Entre as muitas arenas políticas em que atuam os movimentos, há a da mídia jornalística, “menos claramente definida, em que os atores se confrontam a respeito de quais declarações e imagens vão aparecer nos websites, nas transmissões de televisão e nos jornais impressos” (JASPER, 2016, p. 39). Hoje essa arena se complexifica na medida em que cada militante pode se tornar uma mídia, disputando com seus próprios registros e discursos nas redes sociais digitais, ainda que haja desigualdade de visibilidade e acesso. A mídia pode ser o meio pelo qual expressa suas lutas, mas também o próprio motivo. O sociólogo estadunidense, lembrando como o movimento social desenvolveu-se em seu país, destaca como marco a resposta a ações impopulares do então governo britânico, como a Lei do Selo de 1765, que instituía imposto que só podia ser pago na moeda dos colonizadores sobre o

papel de jornais, como uma censura a mídia usada pelos colonos. Seria o início do midiativismo?

McCarthy e Zald (1977) foram importantes em uma linha de reflexão sobre os movimentos sociais, participando da teoria da mobilização de recursos. Suas reflexões foram criticadas por diversos outros teóricos por se deterem a uma preocupação burocrática, ao tratar os movimentos sociais como grupos de interesse, que teriam um cálculo racional de benefícios. Essa lógica dá centralidade aos recursos, frisa a importância de atores externos, deixando de lado às reivindicações em si, suas origens e motivações. A comunicação nos movimentos sociais então é entendida principalmente como publicidade. Ela se torna muito importante quando as organizações dos movimentos sociais dependem de constituintes isolados.

Muita publicidade, porém, depende de como as organizações conseguem influenciar os meios de comunicação sem custos, por causa da sua dificuldade de recursos. Assim, os meios de comunicação têm um papel de mediação entre os movimentos sociais e os constituintes isolados. Além da barganha com a mídia de massa, as organizações de movimentos sociais usam a comunicação de mala direta para tentar conquistar e manter seus integrantes. Outra estratégia destacada é a vinculação de pessoas famosas com a organização, construindo uma imagem de “credibilidade”. Mais do que isso, esse recurso é uma maneira de aumentar a visibilidade da causa para outros campos. Essa é uma das estratégias utilizadas pelos movimentos participantes de nossa pesquisa.

A teoria do confronto político formulada por McAdam, Tarrow e Tilly (2009) frisa a importância dos repertórios dos movimentos sociais, que pertencem a uma estrutura compartilhada de conflitos. Suas performances expressam publicamente suas demandas e ajudam a criar/manter seus adeptos. Os autores afirmam que os ciclos dos movimentos e os repertórios se relacionam, com os símbolos, temas e ações influenciando uns aos outros. É dado o exemplo da tática do *sit-in*, em que as pessoas sentam passivamente ocupando as ruas, usado pelo movimento de direitos civis nos anos 1960 e depois apropriado pelos estudantes estadunidenses. Geralmente essas formas de ação, assim como obtenção de publicidade, “tendem a generalizar-se e tornar-se acréscimos de longo prazo aos repertórios de ação coletiva” (McADAM; TARROW; TILLY, 2009, p. 26), a menos que tenham um histórico de fracassos.

Outro aspecto comunicacional que os teóricos do confronto político abordam é a

expansão da capacidade de comunicar, o que também pode acarretar novas formas de ação coletiva, assim como aproximar a periferia e o centro do sistema mundial. Porém, essa ligação não é automática. Os autores problematizam a ideia de um movimento global e defendem que os movimentos se formam através de laços interpessoais e redes nativas, então mais do que movimentos transnacionais temos o “intercâmbio político entre atores aliados cujo contato foi facilitado pela integração econômica global e pela comunicação” (McADAM; TARROW; TILLY, 2009, p. 43).

“Nós somos a rede social”, dizia a faixa dos manifestantes em uma passeata no Rio de Janeiro em junho de 2013. A mesma faixa foi capa do livro de Manuel Castells (2017) em que analisava os movimentos sociais na era da internet, chamados por ele de movimentos sociais em rede. Para além do contexto brasileiro, o autor faz estudos de caso de movimentos que eclodiram na segunda década do século XXI em diversas partes do mundo, como Tunísia, Islândia, Egito, Espanha, Estados Unidos... Apesar de estarem em contextos bem distintos, tinham alguns aspectos em comum, principalmente a sua articulação através das redes sociais digitais. “A tecnologia e a morfologia dessas redes de comunicação dão forma ao processo de mobilização e, assim, de mudança social, ao mesmo tempo como processo e como resultado” (CASTELLS, 2017, p. 190). A internet não é causa para nenhum movimento, mas cria as condições para essa forma de prática e para o que seria um novo padrão de movimentos sociais.

O sociólogo espanhol descreve suas variadas características. Assim como a sociedade em rede, os movimentos sociais em rede são simultaneamente globais e locais. Têm uma outra relação com o tempo, um tempo atemporal, um híbrido do “agora” com o “para sempre” – o que nos faz remeter a proposta da ecologia das temporalidades de Santos (2010). Espontâneos em sua origem, são geralmente desencadeados por uma faísca de indignação. Os movimentos são virais, através de uma sociabilidade do compartilhamento, que através das redes digitais tomam uma velocidade exponencial. Geralmente são movimentos não personificados, sem lideranças. Criam companheirismo a partir de uma mesma identidade. Estão a todo momento refletindo sobre a própria prática. Sendo sua força ou fraqueza, têm muitas demandas e raramente são programáticos. São voltados para a mudança dos valores da sociedade, tendo relativa independência de partidos e governos. Por fim, Castells defende que esses movimentos são muito políticos ao praticarem uma democracia direta, a democracia em rede, encarnando a utopia da autonomia do sujeito em relação às instituições.

Se Castells sublinha a importância da internet para a constituição dos movimentos sociais em rede, o autor lembra que a comunicação sempre foi fundamental para a formação e para a prática dos movimentos sociais ao longo da história. Caminho parecido com o que toma Maria da Glória Gohn (2014) ao falar dos novíssimos movimentos sociais, como chama por exemplo na sua análise movimentos como os Indignados, Primavera Árabe, Occupy, entre outros. Quando discute a relação dos protestos sociais com a novas tecnologias, Gohn afirma as redes sociais digitais como espaço de organização, estruturação e convocação das manifestações. A autora fala que na atualidade predominam performances para chamar a atenção da grande mídia, além do desenvolvimento de mídias próprias. É feito um bom retrospecto dos meios comunicacionais utilizados pelos movimentos sociais, do século XVIII até as recentes manifestações durante a segunda década do século XXI.

Nos séculos XVIII e XIX, na Europa, já se recorria às marchas para protestar, utilizando-se também da música e palavras de ordem, formas básicas de se comunicar, pois a maioria da população era analfabeta. Havia a figura dos “repetidores”, homens que ficavam em altos postes gritando palavras de ordem, repetindo o discurso das lideranças. No século XX, com a escrita e o acesso de muitos à escolarização, com os gramofones e alto-falantes, os “repetidores” foram substituídos por instrumentos de som e surgiram jornais de categorias, boletins, cartilhas e imagens do cinema (antes mudo, depois os vídeos). As marchas tornaram-se mais barulhentas. Veio ainda o carro de som, o trio elétrico. Neste século, surgiram as mobilizações *on-line*, organizadas via *blogs*, *twitter*, *facebook*, monitores *on-line*, torpedos e mensagens de celulares. Também foram criados recursos para mapear não só o trajeto, mas também os principais pontos de repressão. Curiosamente, em 2011, em momentos de repressão, como ocorreu com o movimento *Occupy Wall Street*, quando os megafones foram proibidos, os manifestantes usaram antigas estratégias: “o microfone humano”. A multidão próxima dos oradores repetia as frases deles (GOHN, 2014, p. 22).

Podemos notar como os recursos e estratégias vão mudando de acordo com o contexto social e tecnológico, mas ao mesmo podem coexistir, com alguns resistindo aos anos, como o caso citado do “microfone humano”, semelhante ao jogral, técnica artística ainda mais longeva no tempo, popular na Idade Média. Exemplos de épocas mais recentes são citados quando aborda outros tipos de protestos nas redes virtuais, caso de grupos de jovens que fazem um ativismo direto através desses meios, como o *Anonymous*, do *Wikileaks*, blogs específicos, grupos hackers, *flashmobs*. Gohn nos lembra que essa última forma usada para se protestar existe desde 1800 e que o que dá uma nova roupagem é a sua organização através do

uso da tecnologia. Diria que se entendermos a tecnologia de maneira mais ampliada, como um conjunto de técnicas, ela na verdade não é nenhuma novidade, apenas a sua forma digital. Por fim, a autora brasileira reconhece que as novas mídias sociais através da mediação da internet têm produzido mudanças nas sociabilidades e aberto campos de luta, mas também faz um alerta para as possibilidades do seu uso para o controle social.

Algumas outras reflexões sobre movimentos recentes abordaram em alguma medida o lugar da comunicação. Carolina Catini e Gustavo Mello (2016) estudaram o movimento de ocupações das escolas paulistas em 2015. Os autores brasileiros dizem que o movimento começou a partir de manifestações de estudantes das escolas em páginas nas redes sociais e em pequenos atos e paralisações. Logo começou a circular um manual para ocupações de escolas feita pelos estudantes chilenos, que tinham travado muitas lutas recentemente. Podemos ler essa situação através do que falou Castells sobre a característica dos movimentos sociais em rede de serem locais e globais ao mesmo tempo, onde um exemplo de luta local pode influenciar diretamente as mobilizações em outro país e de forma viral, disseminada rapidamente pela cultura do compartilhamento.

Catini e Mello afirmam que redes sociais digitais foram muito usadas para mobilização do movimento para expressar suas pautas, conseguir apoiadores e convocar para seus atos. O uso de recursos próprios de comunicação desde o início era uma forma de fazer frente às diversas formas de oposição que tiveram, inclusive da grande mídia. Como parte da sua produção cultural, é destacada a utilização do rap e do funk com paródias adaptadas às suas pautas. Constatação semelhante a que fez Alexandre Barbosa-Pereira (2016) quando refletiu sobre os movimentos dos rolezinhos também na cidade de São Paulo. O autor afirma que os jovens eram ainda mais estigmatizados por se declararem adeptos do funk, música considerada marginal, sendo as redes sociais cruciais para essas manifestações. Assim, conclui que “cada vez mais tais tecnicidades serão também invocadas como elemento de construção das subjetividades juvenis, mas também de encontro, mobilização e mesmo de reivindicação por cidadania e participação nas mais diferentes esferas sociais” (BARBOSA-PEREIRA, 2016, p. 553).

No início de 2020, o coronavírus se espalha pelo planeta, dando início a uma terrível pandemia que ainda não terminou. Entre muitos dos seus males diretos e indiretos, afetou a maneira dos movimentos sociais se mobilizarem e comunicarem. Donatella Della Porta (2020) discute as dificuldades de mobilização em locais públicos e de trabalho por causa do

distanciamento social, tornando impossíveis as formas de protesto habituais. Por outro lado, as novas tecnologias permitiram a realização de protestos online, através das petições, *lives* de movimentos sociais, além da convocação para outras maneiras de se protestar, como as marchas de carro, os painelaços e outras intervenções pelas janelas dos prédios. No Brasil, podemos destacar o “breque dos apps”, paralisação feita por trabalhadores de aplicativos, categoria super explorada de um serviço que cresceu muito durante a pandemia. Della Porta sugere que os momentos de grave crise podem tanto gerar reações autoritárias quanto revoluções e que os movimentos sociais contribuem para aberturas cognitivas nesses tempos de incertezas.

Breno Bringel e Geoffrey Pleyers (2020) consideram que apesar do ativismo digital já ser um elemento que merece atenção nos movimentos sociais desde o início desse século, a pandemia catalisou uma maior digitalização dos movimentos sociais. É citada como importante nessa questão a difusão massiva dos smartphones, inclusive nas periferias, sendo usados pelos movimentos de bairro. Alfonsin et al (2021) discorrem sobre a mobilização de comunidades periféricas de Porto Alegre durante a pandemia. Os autores afirmam que a comunidade se mobilizou pelo WhatsApp, Facebook, chegou a produzir um *podcast* e assim “[...] cria e se apropria das ferramentas para iniciar uma disputa a partir de uma “guerra híbrida”, dentro do mundo virtual” (ALFONSIN et al, 2021, p. 14). Todavia, salientam que uma das faces da desigualdade social pela qual sofrem também afeta o uso das tecnologias, sendo a luta pela inclusão digital incorporada na luta pelo direito à cidade.

Vimos neste tópico que o olhar comunicacional perpassa por diferentes correntes teóricas e autores, com maior ou menor intensidade, tratada seja como apêndice ou coração dos movimentos sociais. Dos atos do século XVIII até hoje, das ruas às redes, a comunicação entra como componente da organização dos coletivos, modo de expressar suas bandeiras e de se relacionar com os grandes meios de comunicação, com o Estado e com a população em geral. De peça fundamental para sua formação é também estratégia para conseguir novos militantes. É mídia, produção cultural, recurso, publicidade, repertório, tecnologia, símbolo, discurso. Como meio ou como fim, sendo suporte para alcançar seus objetivos ou a própria pauta de sua luta, pelo direito de relações comunicacionais mais democráticas, pelo direito à voz.

3 UNIVERSO DA PESQUISA, RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 MOVIMENTO PELA REINTEGRAÇÃO DAS PESSOAS ATINGIDAS PELA HANSENÍASE

“Valeu a pena fazer a hora,
 Colher do medo o doce fruto da coragem;
 Valeu a pena escrever história
 Com mãos podadas e abrir passagem
 Liberdade! Liberdade!
 Cabeça erguida, voz, identidade.”²³

Apesar de já ter se organizado em alguns núcleos um pouco antes, o Morhan foi nacionalmente fundado em 1981 na cidade de Bauru, São Paulo, em uma antiga colônia. Constituiu-se pela mobilização de pessoas atingidas pela doença e profissionais da saúde, mas sempre se propôs a ser aberto a todas as pessoas que se dispusessem somar na causa. Como disse Artur na nossa conversa:

Existia uma discussão assim: o movimento tal é de ou para? De pessoas com deficiência ou para pessoas com deficiência? O Morhan nunca se encaixou em nenhuma das duas categorias. A gente sempre disse: nós somos um movimento social. Que quer amplitude, a gente quer trazer todo mundo (Artur, conversa 1, 2021)

Surge em um momento de luta pela redemocratização do país violentado durante anos pela ditadura militar e inspirado por movimentos eclesiais de base, entre outros que fervilhavam na época em prol da reivindicação por direitos sociais e cidadania, quando novos personagens entraram em cena, como bem disse Sader (1988) sobre os movimentos sociais nesse período. Segundo Artur, foi um dos primeiros movimentos de pessoas afetadas por uma doença ou com deficiência no país e contribuiu para a formação de muitos outros. Essa aliança com outros movimentos sociais de pessoas com deficiência ou de patologias está inclusive no estatuto do movimento. Artur conta da importância de lutar por pautas mais

²³ Música feita por Francisco Vieira Nunes, o Bacurau, fundador e grande militante do Morhan, que compôs quando o movimento completou a primeira década de existência.

amplas, até porque as pessoas afetadas pela hanseníase estão em sua maioria em situação de vulnerabilidade social e privadas de uma série de direitos.

Bacurau, que era a mente filosófica do movimento, quando tá no Rio de Janeiro e a gente tava andando na rua, ele vê uma criança na calçada dormindo em um dia chuvoso. Ele é acreano, então pra ele tava frio. E ele olha um carro importado com uma capa. Ele disse assim: o Morhan é pra isso, pra lutar contra essa sociedade que valoriza mais o carro do que a sua criança na rua. Então o mesmo motivo de ter a criança na rua e valorizar mais o carro é o motivo de ter hanseníase. Não adianta a gente ficar enxugando gelo, o Morhan tem que ser uma luta mais ampla, uma luta social (Artur, conversa 2, 2022)

Durante a década de 1980 esteve presente no processo de luta para inclusão de direitos e a realização da Assembleia Nacional Constituinte, em um movimento que percorreu o país chamado “Morhan e a constituinte”. Esteve presente na 8ª Conferência Nacional de Saúde, participando ativamente na criação do SUS e compõe o Conselho Nacional de Saúde (CNS) desde que este mudou seu formato com a lei 8.142/90. Como disse Artur na reportagem no jornal 66 que destacava a última reeleição da representação do movimento: “Morhan e SUS estão intrinsecamente ligados”.

O objetivo da sua constituição foi lutar pelo fim do preconceito contra as pessoas com a doença, que por séculos foram violentadas e excluídas, inclusive através de políticas de Estado, e que continuam sendo invisibilizadas e estigmatizadas, além de sofrerem com a doença negligenciada. O Morhan tem como pauta ações para eliminação da doença através da conscientização para a prevenção, diagnóstico precoce e acesso ao tratamento e à reabilitação e reparação às pessoas que viveram as atrocidades da política de isolamento compulsório no país, defendendo a dignidade e os direitos das pessoas atingidas pela hanseníase. O movimento hoje se configura como entidade sem fins lucrativos com atuação em todos os estados do país, com mais de setenta núcleos. Além do CNS, tem cadeiras no Conselho Nacional de Direitos Humanos e no Conselho Nacional de Direitos das Mulheres, já participou do Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência e do Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas Idosas, além compor inúmeros conselhos estaduais e municipais pelo Brasil a fora.

A luta do movimento já teve vitórias marcantes como a conquista de quatro leis federais que contribuíram para o respeito e para a reintegração das pessoas atingidas pela hanseníase. Duas se referem a reparação e outras duas de conscientização e combate ao preconceito. Em 1982, no início da trajetória de luta do Morhan, foi conquistada uma lei de

indenização das vítimas da Talidomida, medicamento usado para tratamento da hanseníase, mas que causa má formação nos bebês, antigamente distribuído erroneamente para gestantes. Um grande marco foi a garantia da pensão vitalícia às pessoas que passaram pelo isolamento compulsório em colônias, instituída pela lei 11.520/07. Outra lei que é fruto da mobilização do movimento é a 9010/95, que proíbe a terminologia lepra em documentos públicos, palavra carregada de estigmas que perseguem a pessoa atingida pela hanseníase. A quarta, aprovada em 2009, criou o dia nacional de conscientização sobre a hanseníase. As conquistas institucionais do Morhan também abarcam a derrubada de leis, como a última oficialmente discriminatória em 1989, que mandava esterilizar o título de eleitor das pessoas afetadas pela doença.

Atualmente o movimento continua com as pautas fundacionais de enfrentamento contínuo ao preconceito contra às pessoas que tem a doença, com ações de educação e comunicação e até judiciais, quando as pessoas são desrespeitadas; da mobilização diária para eliminação da doença, buscando fortalecer as políticas públicas de atendimento e contribuir com a prevenção, diagnóstico precoce, acesso ao tratamento e reabilitação; e de reparação, objetivando reintegrar socialmente e garantir a cidadania da pessoa atingida pela hanseníase. O Morhan atua historicamente em parceria com o poder público, mas também faz enfrentamentos e reivindicações. Como disse Alice Tibiriçá, em frase que estampa a edição número 10 do jornal do Morhan publicada em 1986, que a homenageava pelo seu centenário: “Com o governo, se preciso. Sem o governo, se possível. Contra o governo, se necessário”.

Em relação ao tratamento, frequentemente denuncia a falta de medicamentos e cobra uma política para a produção dos remédios que fazem parte do tratamento das pessoas com hanseníase, objetivando uma autonomia nacional. Sobre a reparação, o movimento defende que a pensão conquistada para as pessoas segregadas compulsoriamente seja ampliada para os filhos separados dos pais nesse período – em junho deste ano, o Morhan conseguiu a aprovação no Estado do Rio de Janeiro. Outra que diz sobre reparação e para que a história da hanseníase não caia no esquecimento é a preservação das ex-colônias, transformando-as em outros equipamentos, como em hospitais gerais, espaços de memória e garantindo o direito de moradia das pessoas que ainda vivem nos seus arredores.

A hanseníase é uma doença infecciosa, causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*. O nome da doença se origina do médico norueguês Gerhard Armauer Hansen que identificou, em 1873, este bacilo como o causador. Sousa (2019), coordenador do Morhan e que

participou desta pesquisa, escreveu em sua dissertação de mestrado uma análise da invisibilidade e da estigmatização da hanseníase através da ferramenta de buscas do Google e fez uma contextualização sobre a trajetória e os sentidos da doença. A hanseníase é uma doença milenar: os primeiros registros da doença foram nos continentes africano e asiático por volta de 600 A.C. As incursões europeias colonizadoras de Alexandre, o Grande, seguido das de Roma e das cruzadas contribuíram para levar a doença ao Ocidente. No século XV, os europeus a trazem para as Américas.

O Brasil tem a maior incidência (casos em relação ao tamanho da população) da doença no mundo, além do problema da subnotificação dos casos (problema que se agravou com a pandemia de Covid-19), o que indica que a incidência é ainda maior. No país, as primeiras colônias, também conhecidas como sanatórios (os dois nomes também foram usados para as estruturas de isolamento manicomiais e de outros agravos de saúde) e leprosários datam dos séculos XVIII e XIX e chegaram a uma centena. Apesar de haver cura para hanseníase desde 1940, a política de isolamento só terminou no país em 1986. Hoje, ainda existem 33 antigos hospitais-colônias nacionalmente. Manuela Castro fez uma reportagem que gerou livro sobre a história da hanseníase no país – ou o holocausto da hanseníase, como chama no subtítulo da obra (CASTRO, 2017). Contando sobre as motivações para a escrita, a jornalista fala da surpresa em saber que ainda existem cerca de 10 mil pessoas que recebem a indenização porque foram vítimas da política de isolamento compulsório.

Historicamente a hanseníase foi chamada de lepra, termo carregado de estigma, preconceito e medo e usado genericamente para abarcar outras doenças dermatológicas. Castro conta um pouco das muitas referências ao termo e à doença na literatura, no cinema e na pintura ao longo da história no capítulo que chama “A maldição dos pobres que não poupa os reis”. A autora lembra inclusive como é tratado em textos bíblicos, valendo aqui trazer um trecho:

No Velho Testamento há um trecho que se refere à Lei dos Leprosos, no capítulo 13 do livro Levítico. O doente com manchas suspeitas deveria ser analisado por alguns dias pelo sacerdote. Se constatada a lepra, a regra era implacável. ‘O sacerdote terá que declará-lo impuro. Quem ficar leproso, usará roupas rasgadas, andará descabelado, cobrirá a parte inferior do rosto e gritará: Impuro! Impuro! Enquanto tiver a doença, estará impuro. Viverá separado, fora do acampamento’(CASTRO, 2017, p. 27).

Qualquer contato, inclusive com objetos, era considerado digno de impureza, amaldiçoado. Roupas eram jogadas fora, casas eram derrubadas. Outros relatos dizem as pessoas não podiam se banhar, eram declaradas legalmente mortas. Alguns falam de uma identificação para manter a distância como o carregamento de um sino. O sociólogo canadense Erving Goffman (1982) tem trabalho conhecido sobre o estigma, que é uma característica atribuída socialmente como depreciativa, a distinguindo e definindo-a exclusivamente por esse traço considerado inferior. Além do termo leproso, outras nomeações estigmatizantes já foram utilizadas, como lazarento. Passados milênios, o estigma ainda persiste, justificando a luta incansável do Morhan.

Podemos dizer que a primeira estratégia de comunicação interna do Morhan foi a do “boca a boca”. Seus voluntários, principalmente Bacurau, seu fundador e coordenador durante muito tempo, percorria o país para conseguir atrair pessoas para o movimento, até a pé e de carona. Com os núcleos se organizando, as cartas foram o principal meio de comunicação entre as regiões. A sede começou a ter um telefone, que era disponibilizado no jornal. Artur contou que o movimento fez uma festa quando ganhou o primeiro fax. Chegaram então na internet, através do e-mail e dos grupos de Facebook. Mais recentemente, com a popularização dos smartphones, tem inúmeros grupos no WhatsApp e no Telegram.

A comunicação sempre foi questão central para o Morhan. Na estrutura do movimento, sempre teve pessoas responsáveis pela área. No seu primeiro jornal, já celebra que o lançamento concretiza um dos seus objetivos previstos em seu estatuto: “Divulgar materiais didáticos, informativos aos profissionais de saúde em geral e à população, versando sobre a hanseníase e seu controle”. No seu documento de fundação é destacada ainda em outros dois momentos: “Desenvolver trabalhos educativos visando defender, esclarecer, divulgar, direitos, deveres, educação e conscientização do doente, família e comunidade, através de todos os veículos de comunicação”; “O MORHAN para a consecução de seus objetivos e na medida de suas possibilidades editará livros, revistas, jornais, materiais impressos de qualquer natureza e cursos audiovisuais.” Artur em nossa conversa destacou o lugar da comunicação para o movimento e o princípio para a criação do jornal:

E aí o Morhan como base marxista, uma base de movimento social, de movimento social de base, ele sempre se preocupou, como dizia Marx, que todo o movimento operário tinha que ter um jornal... Então a gente tem um jornal. Então a gente foi de cara dizer que o problema da hanseníase é um problema que também está associado a educação, a comunicação, a informação e por conta disso a gente tem que ter um jornal (Artur, conversa 1, 2021)

Como a primeira edição do jornal foi apenas no seguinte da sua fundação e é o principal registro de memória do Morhan, estamos considerando-o como o marco zero da linha do tempo dos seus dispositivos de comunicação. Naquele ano, já eram utilizados como produtos também camisetas, faixas, cartazes (do posto de saúde ao outdoor, até chegar ao digital), panfletos. Livros de voluntários estavam sendo publicados. Palestras, seminários e missas eram ações muito presentes. Em 1984, começaram a ser publicadas cartilhas. As cartilhas ainda perduram no movimento: no número 63 do jornal, publicado no final de 2020, foi divulgada a Cartilha de Direitos Humanos das Pessoas Afetadas pela Hanseníase, em versão online e um modelo para que os núcleos pudessem imprimir. No ano de 1986, já temos informação sobre passeatas para a reivindicação de direitos – ao longo dos anos também houve carreatas, bicicletadas, até chegarem a navegar na internet através das *lives*.

A arte e a relação com a cultura popular na comunicação aparecem como elemento importante para o movimento social. No primeiro mês de fevereiro após a criação do Morhan, o movimento já estava presente na folia de Recife para pular e lutar no carnaval através do bloco “Morhan pede passagem”. Anos mais tarde o movimento sambou no eixo Rio-São Paulo através de parceria com as escolas Beija Flor (2005) e Vai-Vai (2009). A agremiação carioca fez inclusive leques falando sobre a hanseníase. Eles subiram no palco do Encontro de Manifestações Culturais pela Eliminação da Hanseníase organizado pelo movimento no tradicional Teatro João Caetano no Rio de Janeiro, que contou com a participação de vários outros artistas. Já no Sambódromo do Anhembi, o movimento participou de ala no desfile em que a escola paulista foi vice-campeã com um enredo sobre saúde.

A fotografia sempre foi muito presente na história do Morhan e pode ser considerada arte visual e ao mesmo tempo produto de comunicação, que vai modificando o seu modo de produção e circulação a partir das transformações tecnológicas. Em vários momentos o movimento fez exposição de fotos em eventos e nas ruas. Já entre o final do ano de 2021 e início de 2022, o Morhan realizou um concurso fotográfico como parte da campanha “Não esqueça da hanseníase”, com a ideia de dar um “rosto humano” à doença e visibilidade para a diversidade de pessoas afetadas, especialmente durante a pandemia de Covid-19. Os participantes teriam que postar suas fotos no Facebook ou Twitter com a *hashtags* da campanha. Artur, que é fotógrafo, falou em nossa conversa que o Morhan tem o maior acervo de fotos aéreas de colônias do mundo, feitas com um drone que adquiriu mais recentemente.

Ainda na década de 1980 vemos o teatro de mamulengos, teatro de bonecos muito popular na cultura nordestina. Vários modos de artes cênicas estiveram nos palcos da comunicação do movimento: ações com bonequeiros, variados teatros de fantoches (em 1997 existiu uma com o boneco “Morhanzinho”), diversas peças (entre elas a peça “Deus e o diabo na terra da hanseníase”, realizada em Maracanaú/CE em 2007), grupos circenses, esquetes humorísticos e o Teatro Bacurau, companhia do movimento criada em 2004 que em seu nome homenageia o fundador do Morhan e até hoje bem ativa. As práticas da trupe continuaram nas redes digitais através da produção de vídeos e participação em *lives*.

Outras estratégias artísticas merecem ser lembradas: em 2012 uma gincana cultural no Paraná e um CD chamado “Morhan hits”, publicação de história em quadrinhos (“Mazinho e a mancha” em 2004), santinho na festa de Santo Antônio (Barbalha/CE, 2000), repente, cordel, poesia, grafites, ilustrações, poesias, literatura... Artur falou da importância dessa ligação com a cultura para o movimento, que esteve presente em suas ações desde o seu início até as *lives* atuais.

Acho que têm duas coisas aí. Primeiro que pensar que o estigma está dentro da cultura, ele é estrutural, então uma das formas de enfrentamento é por dentro da cultura. Trabalhar a cultura, a mudança desses hábitos, desse olhar. Então trazer artistas, primeiro eles chamam a visibilidade, segundo que é isso, você trabalhar a mudança de comportamento da sociedade por dentro da cultura, isso é fundamental. E aí durante a pandemia assume um outro papel, nas lives etc., não era preencher buraco da live, a ideia é mostrar que os artistas estão aí, eles são importantes no processo de resistência, eles são importantes para o país, para a cultura brasileira. Ainda mais nesse momento político, ao contrário dos que querem acabar com cultura, a gente tem que também trazer lá nossa forma de mostrar os artistas, mostrar importância deles, mostrar a importância inclusive na pandemia para a saúde mental das pessoas, isso é fundamental (Artur, conversa 1, 2021).

Em 1988, um grande marco para a comunicação do movimento. Depois de anos de luta por visibilidade, acontece a primeira campanha sobre hanseníase na televisão. O jornal 14 estampa o acontecimento em sua capa: “Finalmente, a hanseníase na TV”. O título da reportagem sintetiza o sentido para o movimento, como um passo para a reparação às pessoas atingidas pela hanseníase: “Primeira parcela de uma dívida social” (Figura 3). A matéria vinha acompanhada de uma charge, em que o filho pergunta para o pai o que era hanseníase, a partir do olhar atento para o televisor, servindo como cotexto para destacar a campanha. No mesmo ano, também fizeram jingles para rádio.

Figura 3: “A primeira parcela de uma dívida social”.



JORNAL DO MORHAN, nº 14, 1988.

O movimento ressaltava o feito histórico do alcance do debate sobre hanseníase em rede nacional pela primeira vez, mas também fazia muitas críticas pela forma que ocorria. Para além do atraso na campanha, ela ocorreu em um curto espaço de tempo e pecou nas suas estratégias, devendo na criatividade e deixando de lado pautas caras ao movimento, como combate ao preconceito. Enquanto isso, existiam campanhas de impacto relativas à outras doenças, ficando nítida a diferença de prioridade. O assessor de comunicação social do Ministério da Saúde na época, Nunzio Briguglio, deixou explícito que a hanseníase não era prioridade, o que foi repudiado pelo Morhan: “hanseníase, politicamente, não rende dividendos. O que rende é a AIDS.”

Na edição seguinte do jornal, o título é inverso: “A Hanseníase foi expulsa da TV” (Figura 4). Ainda repercutindo a infeliz declaração de Briguglio, outra charge ilustra dessa vez uma televisão transmitindo uma campanha sobre a AIDS, enquanto por trás uma fita da hanseníase questiona: “por que me tiraram da TV?”. A falta de campanhas na televisão ainda perdurou por mais de uma década, como conta Artur na edição número 32, publicada no início de 2000. Em entrevista para o jornal do movimento, o coordenador diz que o Ministério da Saúde não prioriza a hanseníase e que é papel do Morhan denunciar esse fato para a imprensa e divulgar o número do Telehansen.

Figura 4: “A Hanseníase foi expulsa da TV”.



JORNAL DO MORHAN, nº 15, 1988.

Artur contou em nossa conversa outro caso de um atrito em uma campanha de TV, mas dessa vez com a Rede Globo de Televisão. A emissora havia topado veicular campanhas gratuitamente junto ao movimento, se dispendo a circular as peças produzidas pelo Morhan. No entanto, o movimento naquele momento estava com dificuldades financeiras para produzir, então a Globo propôs fazer. O projeto, elogiado por Artur, era de uma pessoa que teve hanseníase fazendo a restauração de um quadro, lembrando uma metáfora de Bacurau que falava que as pessoas com hanseníase eram quadros valiosos e que o sistema de saúde só se preocupava em matar o cupim que tinha dado no quadro, mas não recuperar a estrutura que tinha roído. Porém, o que parecia um detalhe no vídeo, para a história das pessoas com hanseníase tinha um grande peso simbólico negativo: a pessoa usava luvas, um dos símbolos de segregação, que eram usadas para não tocar nas pessoas atingidas pela doença. Aqui é evidente a descontextualização no planejamento da comunicação.

A primeira notícia sobre a ideia do Telehansen aparece no jornal 17, em 1990. Seis anos depois, na edição 22, foi aparecer o número no meio de comunicação do movimento. Artur falou que é fruto de um projeto de extensão da comunicação social da UERJ em parceria com o Morhan, quando estudantes foram estimulados a pensar estratégias de comunicação para o enfrentamento da hanseníase. A ideia dessa ação era dar informações sobre a doença através de um número de telefone, combatendo o preconceito e também servindo como forma de agregar voluntários para o Morhan. Artur conta que a primeira linha do projeto foi a da casa da mãe dele. A segunda foi um ramal da própria universidade e a

terceira ligada ao Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social (IBISS), através de uma parceria com o movimento. A quarta, então, passa a ser 0800, que aparece pela primeira vez no jornal no ano de 1999, no número 30. O projeto vigorou até dezembro de 2018, quando a linha foi desativada. Houve algumas iniciativas locais, como na Bahia, no Maranhão e no Distrito Federal. Artur conta que o Telehansen chegou a ganhar o prêmio Shell de inovações em relações públicas.

A participação em programas de rádio existe desde a fundação do Morhan. Não continua diferente hoje, inclusive nos novos formatos de programas de áudio que tem se popularizado nos últimos anos, como os *podcasts*. Diferente das antigas rádios, são programas acessados pela internet a qualquer momento. Em 1982, já circulava o programa “Por dentro do Morhan” na “Voz da Aespan”, rádio da associação na colônia de Mirueira/PE. Em 1996, temos a inauguração da primeira rádio amadora do movimento em Betim/MG, a “Morhan Gerais FM”. O jornal 22 daquele ano trouxe nos informes uma boa e uma má notícia: a primeira era a fundação da rádio e a ruim era ela que tinha sido roubada: “O jornal local até levantou uma suspeita: ‘Pelo visto, queriam parar a rádio a qualquer custo’”.

No jornal 26 em 1998, há uma matéria sobre a ampliação dos canais de comunicação do Morhan, com destaque para a instalação de uma central de radioamador em sua sede nacional, naquela época ainda em processo. “A ideia é divulgar as campanhas e atividades do Morhan através das ondas de rádio atingindo outros estados e até outros países”. O texto fala que a ideia surgiu de um voluntário que era diretor de rádio-escotismo da Liga Brasileira de Radioamadores (Labre). Artur em nossa conversa, no entanto, disse que a pessoa que estava pilotando esse projeto faleceu e a estação do Morhan acabou não indo pra frente. Na edição 30 em 1999, há uma matéria falando sobre a importância de rádios comunitárias e a participação do Morhan em algumas. “E não pense que a abrangência é do tamanho de um ovo porque está mais para uma melancia”, falando sobre a circulação de uma em bairros populosos. Ao final, tem um passo a passo para a criação de uma rádio comunitária.

O início da apropriação das tecnologias digitais pelo Morhan foi através do e-mail, em 1998. Artur dizia da necessidade do movimento de trabalhar com pontos focais para agregar voluntários que faziam contato e se perdiam, quando a ficha pelo e-mail facilitou. Depois fizeram formulários pela internet até chegar na homepage, criando a rede de voluntários do Morhan (REMOB). Apesar de ter diversas formas de se comunicar com a sociedade, o jornal do Morhan sempre foi o instrumento oficial de comunicação. Até a chegada da internet. Artur

justifica a mudança pelas dificuldades financeiras, quando havia intermitência entre as edições. A partir do número 39 (2004), depois de três anos sem publicar, o jornal não vem mais com o título de órgão oficial. No editorial, a importância do jornal é reafirmada, mas há o reconhecimento do descompasso de suas publicações com o fluxo de mobilização do Morhan, reconfigurando o seu papel dentro do movimento e com a homepage passando então a ocupar o canal mais imediato de comunicação. Artur fala que foi uma decisão tomada em assembleia:

A gente até brincou, se Marx tivesse vivo, ele ia dizer que todo movimento precisava de uma homepage. Então naquele tempo era a entrada da homepage no cenário. E aí a gente partiu para mudar, então passa a ser parte como instrumento oficial de comunicação do Morhan a homepage e o jornal passa a ser de documentação histórica. Ou seja, a gente olhar para trás, né, então a gente podia até dizer “ah, não tem dinheiro pra fazer agora, mas tem dinheiro depois”. A gente sempre fazia com marcos teóricos das conquistas e tal, como se fosse um documento histórico das coisas que aconteceram (Artur, conversa 1, 2021).

A homepage teve início em 1998 e três versões contando com a atual²⁴, que Artur afirma que está desatualizada e que estão em busca de dar uma repaginada, tanto que deixou de ser citada nos jornais do movimento a partir da edição 65. A página contém uma seção sobre o que é o Morhan e um pouco da sua história, inclusive uma linha do tempo de marcos do movimento formulada por Vieira (2009). Possui uma aba sobre informações sobre a hanseníase, com informações sobre a história da doença, transmissão, sintomas e tratamento. Sobre o movimento, tem um acervo de notícias, publicações de documentos e textos, galeria de fotos e de vídeos e uma parte referente aos processos que buscam a indenização. Há um canal de contato direto, através de chat online, que se chama Webhansen, na linha do que é o Telehansen e o acesso para o cadastro na REMOB (a partir da segunda homepage). Artur afirma acreditar que o site ainda tem o seu valor, apesar do grande crescimento das redes sociais digitais, que também se tornaram canais oficiais de comunicação do movimento.

No último ano do século XX, houve um concurso de grafite na cidade de Niterói/RJ. Em parceria entre a Fundação Municipal de Saúde e o Morhan, grafiteiros pintaram o muro de 200 metros de uma unidade de saúde pública que era referência para o tratamento da doença e que tem localização privilegiada na cidade, perto de movimentado acesso à ponte Rio-Niterói. O evento foi destacado nas edições 32 e 33 do jornal: na primeira, as informações do concurso foram divulgadas para as pessoas participarem e na segunda ele foi repercutido. Participaram 37 grafiteiros acompanhados de suas equipes, um total de 72 pessoas. O vencedor, que foi

24 Disponível em: <<http://www.morhan.org.br/>>. Acesso em: 04. jun. 2022.

premiado com um compressor e um aerógrafo, estampou um painel inspirado em caso de preconceito que acontecera na época no Ceará. Um idoso que tinha tido hanseníase há anos, já curado, não teve a impressão digital coletada para colocar na sua carteira de identidade, que no lugar teve escrita a frase: “portador de hanseníase”, porque o funcionário não quis tocá-lo.

O concurso compunha a programação do dia mundial das pessoas atingidas pela hanseníase, mas a matéria do jornal diz que o evento ganhou nova dimensão e se transformou no “Dia de Luta contra o Preconceito da Hanseníase”. Na comissão julgadora do concurso estavam o secretário de saúde da cidade, Artur, que já era coordenador nacional na época e Ney Matogrosso. Ney falou da importância da ação, dizendo que “a arte do grafite é mais acessível e atraente por ser visual” (JORNAL DO MORHAN, 2000). Artur disse ter a ideia então de fazer outros concursos e inclusive criar o “muro da saúde” em Niterói, também abrangendo desenhos sobre outras doenças.

O movimento em 2006 lançou o Cadernos do Morhan, uma revista eletrônica de publicação trimestral. Como diz na apresentação de sua primeira edição, sempre que possível publicariam também uma coletânea impressa. O editorial aborda o sentido do material.

Cadernos do Morhan é muito mais que uma proposta de divulgação do Morhan como uma instituição que faz a sua parte. Ao contrário, é uma tentativa que tem duas grandes bandeiras, a primeira é ser um instrumento que dê voz à base do movimento, de maneira que ele possa se ouvir em todos os níveis; e a segunda, é a ideia de que uma instituição que se diz movimento social, precisa efetivamente sistematizar e registrar sua ação. (CADERNOS DO MORHAN, 2006)

No final de 2007 é lançado o projeto do Caminhão da Saúde, também chamado de Carreta da Saúde. A matéria no jornal 46 fala sobre a iniciativa.

Pela primeira vez um veículo vai abrigar cinco consultórios - um destinado à detecção e diagnóstico de hanseníase -, um laboratório - para exames com resultados imediatos - um banheiro - com torneiras automáticas -, elevador para deficientes físicos e gerador. Também haverá um palco para apresentação de peça teatral sobre sinais, sintomas e como cuidar da hanseníase, além da exibição de vídeos sobre a doença. (JORNAL DO MORHAN, 2007)

A ação permitiu a chegada da informação e da comunicação sobre a hanseníase em pequenos municípios em vários estados no país, mas principalmente no Norte e no Nordeste, que tinham alta incidência de casos, gerando milhares de diagnósticos. Artur conta na matéria que o contexto local era sempre priorizado: “O município dirá onde e como o caminhão deve

ir, respeitando as peculiaridades de cada região”

Em 2011, inspirada nessa experiência, foi lançada a Carretinha da Saúde, com um veículo um pouco menor (três consultórios), no estado do Rio de Janeiro. Dois anos depois, recebeu o Prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio Brasil (ODM Brasil), concedido a iniciativas que contribuíam para o cumprimento dos 8 Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU). Além de profissionais de saúde, a carreta e a carretinha contaram com apoio de voluntários do movimento, artistas e misses para contribuir com a visibilidade da ação. A ideia era sempre priorizar regiões periféricas e difícil acesso para chegar a povos em vulnerabilidade como a população indígena, cigana, remanescentes de quilombo, acampamentos sem-teto, moradores de favelas e a população privada de liberdade.

Em nossa conversa Artur conta que a ideia nunca foi substituir o papel do Estado, mas um exemplo de como trabalhar em parceria:

Mas a ideia das carretas na verdade não é substituir o poder local, é justamente comunicação, ela é o balão da festa, uma distração, é uma atração. Tudo que você faz nela, você faz no posto de saúde, tudo que você faz nela, faz numa barraca, em uma barraca na praça você pode fazer igual. A questão é que ela é a novidade, é um gancho de mídia, aí você atrai mídia, mobiliza a população, mobiliza profissionais, faz treinamentos... Então você faz todo um pacote em volta da carreta. A gente costumava dizer que é um balão da festa. A festa é diagnosticar os casos (Artur, conversa 1, 2021).

Em 2007 foi criado o canal do Youtube, também chamado de TV Morhan. Artur contou que o seu pontapé inicial foi durante um encontro de direitos humanos. Através de um financiamento que tiveram, destinaram parte da verba para a comunicação, comprando uma câmera profissional e depois criando o canal. O papel do audiovisual para o movimento já era ressaltado na sua fundação e antes das publicações em redes digitais já estava materializado em documentários, exibição de vídeos em eventos e na produção de propagandas para a televisão. O coordenador em nossa conversa afirmou a existência de alguns canais diferentes, em virtude da espontaneidade de voluntários e núcleos. O primeiro se chamava “morhanvídeos”. O atual só foi criado uma década depois, em 2017. Possui 3,45 mil inscritos e centenas de vídeos, entre antigos que foram migrados para a nova página, novos que foram produzidos, registro de suas ações, documentários sobre a história das pessoas que foram afetadas pela hanseníase, os cursos de EAD do Morhan, concurso de vídeos, transmissões ao vivo e as *lives*, que começaram em abril de 2020 e até agora já passaram de 100.

O Facebook foi criado em 2011 e é a rede digital de maior visibilidade do Morhan. É utilizado tanto para a comunicação interna, através de grupos específicos de núcleos e pautas; quanto externa, com sua página que possui mais de 10 mil seguidores. Artur destaca por exemplo que as *lives* tinham muito mais circulação por lá do que pelo Youtube. Além das transmissões, são publicados fotos e vídeos de suas ações e pautas e republicações de outras mídias (#MorhanNaMídia). O recurso da criação de eventos é utilizado como alavanca de mobilização. A primeira conta do Morhan no Twitter também foi criada em 2011, mas teve idas e vindas. Depois de “alguns ensaios”²⁵, como destacou o próprio movimento, voltou organicamente em 2021. Hoje possuem pouco mais de 300 seguidores.

Em 2019, depois de mais de duas décadas e com “dor no coração”, como disse Artur, o Morhan desativa o Telehansen por motivos tecnológicos e financeiros. Artur explica que com a diminuição dos orelhões e telefones fixos, estava muito caro manter uma linha 0800. Com a necessidade de manter o contato com um fluxo de pessoas, seu principal substituto foi o Zaphansen, que já tinha entrado em cena há três anos, pretendendo cumprir a mesma função do anterior, só que agora por mensagens através do aplicativo WhatsApp ao invés das ligações. Artur, ao explicar essa transição, conta sobre uma surpresa positiva:

A gente criou o Zaphansen e a primeira surpresa que a gente teve, uma das primeiras, que a gente achava que as pessoas que vão ligar para a gente vão ser de outro grupo, muita gente não tem telefone celular, a gente vai perder muita gente... Mas aí a gente começou a ter algumas surpresas do tipo: um áudio que chega para gente pedindo informações sobre hanseníase a gente vai lá, copy-cola, bota de volta, manda. Aí a pessoa diz assim: ‘poxa, não dava para fazer por áudio? Porque eu sou analfabeto’. Opa. Acendeu uma luzinha amarela. A gente tem um público pra investir no Zaphansen sim e avançar nesse sentido (Artur, conversa 1, 2021).

O Instagram é a rede mais recente do Morhan, criada em 2020. Na primeira *live* do movimento, Nanda, que trabalha na coordenação da comunicação, falou sobre a criação do perfil: “É mais um jeito de nos acompanhar e da gente divulgar os conteúdos do movimento, especialmente nesse momento em que se comunicar tá dependendo tanto das tecnologias”²⁶. O Instagram foi usado também para fazer transmissões ao vivo, de curta duração. Além dos conteúdos compartilhados nas outras redes, a página possui alguns recursos específicos: o *story*, que permite publicações e republicações (de outros usuários que citam o Morhan) que ficam no ar por até 24h; e o Reels, que é um modelo de vídeos rápidos (até 30 segundos) de

25 Disponível em: <<https://twitter.com/morhanbr/status/1387518057145372676>>. Acesso em: 22. mai. 2022.

26 Disponível em: <<https://www.facebook.com/Morhan.Nacional/videos/560123708042138/>>. Acesso em: 03. jun. 2022.

simples edição. Esse recurso foi criado em 2019 e popularizou-se no ano seguinte, se assemelhando com o aplicativo Tik Tok²⁷.

Artur inclusive abriu as portas para outras redes em nossa conversa e deixou claro o motivo: “O pior é que a gente qualquer dia vai ter que entrar pro raio do TikTok [...]. A gente tem que ir atrás do povo, né” (Artur, conversa 1, 2021). Em 2021, o Morhan começou a participar de *podcasts* e Artur disse que existe a ideia do movimento ter uma produção própria. Outro nicho que lembrou foi o de jogos:

A gente foi à rua e fez uma pesquisa estruturada na hora, só pra ouvir pessoas. Aí a gente foi lá no metrô, antes do segurança barrar a gente. Então a gente entrevistou algumas pessoas: você olha exposição no metrô? você sabe o que é hanseníase? Aí teve um cara ótimo, um cara de terno. ‘se for de jogos eu paro. Se vocês fizeram alguma coisa da doença ligada a jogo eu paro pra ver’. Então tem um universo aí pouco explorado. Noutro dia eu estava vendo meu filho jogando e teve um cara que colocou o codinome de lepra. [...] A gente precisa avançar nisso, falar com públicos diferenciados (Artur, conversa 2, 2022)

Nessa fala podemos perceber como a noção de contexto está presente na comunicação do Morhan. Ao falar da importância de ir atrás do povo, de falar com pessoas diferentes de maneiras diferenciadas, de renovar o voluntariado do movimento, do desejo de sempre se reinventar, pode-se perceber como a concepção de uma comunicação plural e contextualizada pode contribuir para a apropriação das tecnologias digitais.

Artur conta que o Morhan já fazia transmissão de algumas atividades antes da série de *lives*, como os encontros e eleições do movimento. O motivo também foi financeiro, diante de um movimento nacional passando por dificuldades de arrecadação de recursos. O voluntário ressalta que o Morhan é um movimento de pessoas negligenciadas e que seria impossível os próprios voluntários bancassem um encontro presencial. Em 2018, por exemplo, o encontro nacional do movimento teve algumas pessoas reunidas presencialmente e a maioria virtualmente. O evento foi transmitido pelo Facebook e as pessoas e núcleos faziam propostas e votavam pelo Google Formulário. O coordenador, logo no início da nossa conversa, comentou sobre como as tecnologias digitais afetaram o movimento e a sua rotina especificamente.

Eu estou em um momento que as coisas tão muito misturadas entre o presencial e o virtual. Então o virtual na minha impressão veio pra ficar. E aí a gente vai ter que pensar sempre. Ah, eu vou ali fazer uma reunião do Conselho Nacional de Saúde em Brasília, vou ter que pensar

27 O Tik Tok foi o aplicativo mais baixado do mundo em 2021.

como vai estar a minha internet, porque talvez uma reunião no meio, uma conversa sei lá aonde, entendeu? Então acho que isso vai fazer parte da rotina. Nesse momento, o meu trabalho, que é voluntário, aumentou pra caramba, aumentou demais. Porque uma coisa é você viajar pra aquilo, focalmente é aquilo que você tá fazendo. Hoje não é mais. Hoje eu tenho mais umas dez coisas pra fazer durante a viagem em vários lugares diferentes do país (Artur, conversa 1, 2021).

Perguntado sobre se o contexto de isolamento causado pela pandemia teria intensificado o uso das tecnologias digitais, Artur concorda e admite que contribuiu principalmente para que acabasse a resistência com esses meios, que existia em alguns voluntários do movimento.

A gente acabou tendo que criar um grupo de trabalho dentro do Morhan de pessoas só para ensinar a galera usar o Zoom. Então aquele ato do Morhan que a gente botou quase 300 pessoas, tinha gente que nunca tinha usado ferramenta de internet, nunca tinha participado. Então a gente teve várias reuniões pequenas, vários voluntários que foram e se propuseram a ficar reunindo e ensinando o Zoom, tocando para pessoa ‘agora você faz isso, agora você faz aquilo’, ensinando. Então a gente até brincou que isso também foi uma inclusão digital, o trabalho de inclusão digital que o Morhan fez com a base (Artur, conversa 1, 2021).

Com a pandemia de Covid-19 e o isolamento físico das pessoas, a *lives* se multiplicaram pelo mundo. O trabalho remoto aumentou significativamente. Aulas, shows e reuniões também começaram a ser feitas com esse recurso como uma possibilidade de encontro se adaptando à nova realidade. Não foi diferente com os movimentos sociais, como diz a matéria no jornal 62 do Morhan: “Das ruas para as telas: as *lives* que vieram para ficar”. A primeira *live* do movimento foi no dia 22 de abril de 2020 no Facebook. A partir da segunda, na semana seguinte, começaram a transmitir simultaneamente também no Youtube. O movimento chamou o conjunto de *lives*, que chegaram a 40 naquele ano, de “Morhan na quarentena”.

O tema foi destaque na edição 64 do jornal, que apresentou os números em infográfico: 87 horas de transmissão ao vivo, 206 debatedores/as, 30 artistas envolvidos/as, 14 países conectados e mais de 65 mil visualizações. Em 2021, uma nova temporada de *lives*, que foi até o início do ano seguinte e alcançou a metade da série de 2020: “Morhan (ao)vivo” – mostrando a vitalidade e atualidade do movimento social. Em abril de 2022, mais um nome para o conjunto de *lives*: “TV Morhan ao Vivo”. Além das *lives* próprias, o Morhan participou de inúmeras através de parcerias. No mês de janeiro de 2022, por exemplo, o movimento auxiliou a Rede Universitária Nacional para o Enfrentamento da Hanseníase a publicar 31

lives, que também foram transmitidas pelos canais do Morhan, cumprindo a meta de uma por dia, o que gerou aproximadamente mil seguidores a mais no seu canal do Youtube.

Artur fala que as *lives* impulsionaram as redes digitais do movimento e cumpriram um papel até para a saúde mental dos voluntários.

Os depoimentos são impressionantes, voluntários nossos que estavam deprimidos de ficar em casa, então a live foi importante, esperavam a live, ficavam felizes com a live. Então tem um monte de coisa bem bacana aí de depoimentos da galera do Morhan e de muita gente que foi aparecendo com a live mesmo. A gente sai de um Youtube nosso que tinha se eu não me engano um pouco mais de 200 assinantes para 2200 e pouco, a gente deve estar chegando em 2300, então a gente dá uma pulada de assinantes. E aí a gente vai criando as outras, o Facebook já existia, a gente começa a usar o streamyard²⁸... (Artur, conversa 1, 2021)

O principal meio de comunicação do movimento durante muitos anos foi o Jornal do Morhan. Entre 1982 e 2022, foram publicadas 66 edições. Começou de forma trimestral, passou a ser bimestral, em alguns anos tiveram menos edições, em outros não tiveram nenhuma, em alguns (1999 e 2000) chegaram a publicar cinco. O primeiro editorial cita três jornais nacionais que circularam na década de 1950: O Momento (PE), Damião (RJ) e Tópicos (SP). Na edição 7 há uma parte que fala sobre a importância da preservação da história da hanseníase no Brasil e é recordado um outro jornal editado em Pernambuco na mesma década, A Voz da Mirueira. Todos foram feitos por pacientes e profissionais de saúde. “Nossa preocupação hoje é resguardar a memória destes combatentes, a quem muito devemos”, diz o texto. O Morhan também criou jornais locais, como nos núcleos de Belém/PA e Salvador/BA.

Ricardo Mendonça (2009) escreveu sua tese sobre a luta das pessoas atingidas pela hanseníase em diferentes âmbitos interacionais, entre eles através do jornal do Morhan. O autor fala da sua importância:

Assim, o Jornal do Morhan contribui não apenas para que membros do movimento saibam o que integrantes de outros núcleos estão fazendo, mas também afeta práticas que ocorrem fora da cena midiática. As informações ali disponibilizadas podem ser reapropriadas por membros do Morhan, participando do processo em que eles se veem, percebem o mundo e se inserem em interações comunicativas. O ponto que aqui defendemos é que o discurso da publicação se insere em um processo de reflexividade social. O Morhan produz discursos em seu jornal que permitem ver determinadas situações como problemáticas. No ato mesmo em que produz (e publiciza)

²⁸ O StreamYard é um software que funciona como um estúdio virtual, permitindo que as *lives* sejam transmitidas simultaneamente por mais de uma rede digital.

uma realidade como negativa e sugere outras, pode afetar práticas sociais de maneiras diversas, já que tais discursos são submetidos a diferentes interpretações em um processo ininterrupto de semiose. (MENDONÇA, 2009, p. 130)

O número 0 foi publicado no primeiro trimestre de 1982. Na época, ainda era órgão de divulgação interna do Morhan, que se chamava Movimento pela Reintegração do Hanseniano. O jornal passou a circular publicamente em 1985, já o nome só mudou para o atual em 1996. Hanseniano foi um nome usado pelo Morhan para se distanciar do estigma do leproso, no entanto o movimento depois o abandonou porque ainda reduzia a identidade da pessoa à doença, passando a adotar pessoa atingida pela hanseníase. No início, era preto e branco e pago. Na edição 28, em 1999, tem a capa colorida, mas somente na edição 39 em 2004 passa a ser todo colorido, assim como a ter distribuição gratuita. Alguns números chegaram a ser publicados na língua inglesa. Em suas primeiras edições era composto por muitos textos, acompanhando de algumas fotos e também ilustrações. Havia notícias sobre os primeiros passos do movimento, notícias dos núcleos, carta dos leitores (depois as “c@artas” passaram do correio para o e-mail), mas boa parte das informações eram sobre a doença, assim como o combate ao preconceito. Em relação a essa última bandeira, há denúncia de como existem meios de comunicação que o reproduzem.

Ainda em 1985, em sua oitava edição, o movimento lança uma coluna chamada “Deu no jornal”, na mesma linha que décadas depois o #MorhanNaMídia, *hashtag* empreendida ao divulgar a cobertura midiática sobre a causa em suas redes digitais. Na edição 20 (1993), o Morhan chega a anunciar um concurso sobre matérias nos meios de comunicação contendo erros sobre a hanseníase, incentivando as pessoas a fazerem esse monitoramento. O Morhan além de refletir sobre como a comunicação externa circulava os sentidos sobre a hanseníase e sobre o movimento, também faz uma autorreflexão sobre suas práticas e incentivava a militância a se mobilizar comunicacionalmente. A partir da edição 40, publicada em 2004, o jornal passa a contar com uma coluna chamada “Comunicação e saúde”, onde eram destacadas as iniciativas do movimento na área.

Na edição 66 do jornal faz um balanço recente sobre a comunicação do movimento, especialmente com a apropriação das tecnologias digitais e fala da repercussão positiva até internacionalmente:

Como parte do seu projeto de fortalecimento, o Morhan vem intensificando e diversificando nos últimos anos as suas estratégias de comunicação. E uma

parte importante desse processo, sobretudo desde o início da pandemia, tem sido desenvolvido nas mídias sociais e com uma presença virtual cada vez mais marcante. Os frutos e o reconhecimento deste trabalho têm se expressado de muitas formas, como por exemplo o convite da Sasakawa Health Foundation para que a equipe de comunicação do Morhan, a dupla de jornalistas Nanda Duarte e Fernanda Guedes, ministrasse uma oficina chamada “Como usar as mídias sociais efetivamente” para representantes de organizações de enfrentamento da hanseníase de todo o mundo! (JORNAL DO MORHAN, 2022)

No mesmo número, destacam que também houve uma oficina para jornalistas e comunicadores populares pela comunicação do movimento em parceria com o núcleo do Piauí chamada “Hanseníase e comunicação: para não esquecer a hanseníase é preciso comunicar”, que inclusive gerou uma cartilha, que tinha apenas o subtítulo diferente do da oficina: “Por uma linguagem da dignidade”.

Uma matéria no jornal 27 (1998) falou sobre a participação do Morhan no Congresso Internacional de Hanseníase, na China, onde foi discutido um plano de informação, educação e comunicação para eliminação da hanseníase. Em seu editorial, também destacava o conjunto de ações que estavam sendo feitas: “Morhan: investindo na criatividade e fazendo sua parte”. Na edição seguinte em 1999, o jornal publica uma matéria com dicas de comunicação: “O desafio de divulgar o trabalho do Morhan”. O aspecto formativo do movimento também trouxe à tona a importância da comunicação: no terceiro curso de EAD do Morhan, em 2020, as aulas 7²⁹ e 8³⁰ foram sobre o tema “Democratização da comunicação e movimentos sociais”. A primeira faz uma introdução sobre a comunicação popular e depois aborda as diretrizes da comunicação do Morhan; a segunda faz o debate da democratização da comunicação de forma mais ampla.

As diretrizes trazidas na aula e exploradas na cartilha de comunicação mencionada anteriormente partem de uma perspectiva dos direitos humanos. Essa abordagem reconhece os determinantes sociais da hanseníase e é implicada com a garantia da participação social das pessoas atingidas. É feito um guia de palavras e imagens que se devem evitar e uma orientação do que deve ser considerado na produção de conteúdo. Assim, falam que a comunicação estaria comprometida com

29 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PHJaynZ5oRA&list=PLcsbal_53cVD0ZRWIXImwJsO-IgmtO92D&index=7>. Acesso em: 06. jun. 2022.

30 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x3JGDNpYCP0&list=PLcsbal_53cVD0ZRWIXImwJsO-IgmtO92D&index=6>. Acesso em: 06. jun. 2022.

o protagonismo das pessoas que vivenciaram a doença; a compreensão da história e dos desafios ainda prementes para posicionar e contextualizar a informação sobre a doença e as pessoas que ela atinge; uma apuração que vá além do mês de janeiro e com sensibilidade para localizar regionalmente as barreiras que ainda se impõem aos direitos humanos das pessoas atingidas pela hanseníase. (MORHAN, 2022)

Seguem: “Uma comunicação para fazer saber a história; fazer saber a doença; fazer saber os direitos; fazer saber os meios pelos quais lutamos pelos direitos”.

A edição número 60, publicada em 2019, foi a primeira exclusivamente digital do movimento, depois de um hiato de quatro anos sem publicação. O jornal dá um maior destaque às ações do Morhan em suas várias frentes de atuação: atuações locais dos seus núcleos, na Conferência Nacional de Saúde, diálogo com os governos e outros movimentos sociais e até a participação em eventos internacionais, como um discurso na ONU. Há ênfase nas mudanças na comunicação do movimento, como a ampliação dos conteúdos e dos seguidores de suas páginas na internet e a desativação do Telehansen, que continuaria através do fixo da sede e de outra maneira pelo Zaphansen, e-mail e redes digitais. A manchete da capa é emblemática para esse novo momento do Morhan: “Na ONU, em Brasília, nas ruas ou na internet: Morhan presente”. Além de ter nova configuração gráfica, ter menos textos e mais imagens, é o primeiro que tem links para acesso aos conteúdos mencionados, além de *prints* e símbolos como o do *play* fazendo parte do design. Apesar da grande apropriação que o Morhan fez das tecnologias digitais, Artur fala da importância ainda da comunicação não digital para poder dialogar com os diversos públicos, defendendo que não deve ser abandonada com a incorporação das tecnologias digitais.

Eu sou das antigas da comunicação, sabe? Eu aprendi uma coisa com o Telehansen, quando o Ministério parou de fazer cartazes a gente brigou. "Ah, cartaz não tem impacto". Para que público que não tem impacto? Então a gente via, o Telehansen tinha assim, pessoas que entraram em contato com o Telehansen porque viram no cartaz, aí viu uma linhazinha aqui embaixo, mas era uma linha constante, não parava. Ah, viu na televisão, aí tinha uns impactos assim, umas ondas grandes e descia, rádio, onda grande e descia. O jornal vamos dizer era aquela tartaruga, então você tinha as lebres da comunicação, você conseguir botar ali o Faustão falando da hanseníase, o bar da dona jura, dona jura pendurando cartaz no bar dela. Já os cartazes, folhetos, o Ministério parou de fazer cartazes e parou de fazer folheto, tá se dedicando só a parte de mídia, para mim é um equívoco. Assim como eles fizeram uma época que estavam fazendo campanhas publicitárias só pras regiões de alta incidência porque era mais barato, aí você chegava lá em Ximbioá no Tocantins com 80% de analfabetismo e você perguntava se as pessoas tinham visto a campanha que passou na TV não tinham visto, porque mesmo com a casinha de pau a pique dela tudo era antena parabólica, só pegava rede nacional, então tem umas coisas de gabinete, o comunicador ou comunicólogo que tá lá "ah, mas cartaz não". O botequim que funciona é o cartaz lá perto da unidade de saúde, funciona o

cartaz que é aquela tartaruga, então o Morhan continua investindo quando tem recurso em algum material impresso. (Artur, conversa 1, 2021)

3.1.1 Análise de materiais

Fortalecer a visibilidade e a escuta do movimento

Um dos seus objetivos na comunicação é fortalecer a visibilidade do movimento. Na nossa segunda conversa, Artur falou então para incluir também o fortalecimento da escuta do movimento, atingir novos voluntários, que trazem novas demandas e contribuem para as suas intervenções, além de manter os atuais internamente. A campanha do Janeiro Roxo foi criada em 2016 como forma de dar visibilidade à hanseníase, mas o mês já era icônico para a luta do movimento há bastante tempo, antes até do Morhan existir. Em 1954 o jornalista francês Raul Follereau criou o Dia Mundial das Pessoas Atingidas pela Hanseníase, que passaria a ser no último domingo de janeiro.

Essa história é contada na capa da edição 33 do jornal do Morhan (2000), que destaca o dia mundial, com de fotos de variadas ações pelo país dentro de um design de negativos, como mostra a figura abaixo. Em Niterói/RJ, um concurso de grafite. Uma caminhada em Maracanaú/CE. “Concerto contra o preconceito”, mostra de cinema e teatro em Betim/MG. No município de Paracatu/MG, uma exibição de vídeos na rua. Em Campo Grande/MS, panfletagens, colocação de faixas e palestras. Em Queimados/RJ, entre as várias atividades, algumas com tradução em Libras, fizeram um *stand* de fotos e circularam *spots* em uma rádio comunitária. Essas são apenas algumas citadas para mostrar o repertório comunicativo do movimento para se manifestar nessa data simbólica, em que podem ser vistos vários de seus objetivos estratégicos de comunicação, ações comunicacionais e produtos midiáticos, mas especialmente dar visibilidade ao movimento.

Figura 5: Dia Mundial das Pessoas Atingidas pela Hanseníase.



JORNAL DO MORHAN, nº 33, 2000.

As últimas edições do jornal também destacaram esse mês simbólico. A edição 64, referente aos dois primeiros meses de 2021 trouxe na capa a frase “Janeiro da falta, Janeiro da luta”, acompanhadas de fotos referentes a falta de medicamentos para o tratamento da hanseníase e a luta para reverter essa situação. Em matéria no meio do jornal o Morhan cita o que foi feito no mês, mesmo com as adversidades no período: “Nem a pandemia barrou a mobilização dos núcleos no Janeiro Roxo 2021”. As duas páginas seguintes carregam fotos das ações por todo o país. Algumas das atividades foram feitas presencialmente, seguindo os protocolos sanitários e outras foram feitas virtualmente, como a 28ª edição do “Concerto contra o Preconceito” em Betim/MG.

Já o número 66 abarcou um período mais amplo de tempo, de julho de 2021 até março do ano seguinte. O jornal quando aborda o primeiro mês do ano traz a cor roxa em seu fundo e o título pra cima: “O Janeiro mais roxo da história do Morhan (até agora!)” (Figura 6). Novamente as ações são trazidas em imagens, mas dessa vez todas com hiperlinks. Da

primeira ação de um núcleo, as atividades passam por busca ativa, *lives*, oficina de pintura, vídeo em libras e a iluminação de equipamentos públicos, como os Arcos da Lapa no Rio de Janeiro/RJ.

Figura 6: “O Janeiro mais roxo da história do Morhan (até agora!)”.



JORNAL DO MORHAN, nº 66, 2022.

No dia 09 de junho de 2020 o Morhan produziu um grande ato virtual³¹. A *live*, que ocorreu em virtude do aniversário de sua fundação, teve mais de 13 mil visualizações e 741 comentários e durou mais de 5 horas. “*Live sertaneja*”, segundo Artur, comentando a extensão e o “sucesso de público”. Na semana seguinte, o Morhan celebrou o ato, como mostra a figura abaixo, o marcando na história. “39 anos de existência. E o compromisso contínuo com a defesa da dignidade das pessoas atingidas pela hanseníase no Brasil. Nosso ato nacional virtual EXISTIR COM DIGNIDADE foi histórico. E essa história é de toda a **#militânciamorhan**”, disse a legenda, que acompanhava um print da tela do Zoom em uma ilustração de uma tela de celular e números da participação e da repercussão da manifestação

31 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F_DZlhS7P5E&list=PLcsbal_53cVD8k8aqwtOFyljchHnvEJayv&index=23>.

Acesso em: 19. abr. 2022.

virtual. O coordenador, em nossa conversa, citou o pioneirismo do Morhan em fazer um ato em formato de *live*, afirmando que contribuiu de alguma maneira para que outros movimentos sociais de patologias seguissem esse caminho posteriormente.

Figura 7: Existir com dignidade.



Disponível em:

<<https://www.facebook.com/Morhan.Nacional/photos/a.489169657779197/3557314430964689>>. Acesso em: 12. abr. 2021.

No ato-aniversário do Morhan estiveram presentes voluntários de todo o país, parlamentares, representantes de associações científicas, movimentos sociais e artistas. No final, a dupla do Teatro Bacurau cantou parabéns pelos 39 anos do movimento. No bolo apareciam as mesmas *hashtags* da descrição da *live*. A primeira (#ToNoAtoDoMorhan) se refere à própria participação no ato, incentivando uma maior agregação das pessoas na causa e dando visibilidade ao movimento. A última (#MarchaPelaVida) tem a ver com a inclusão do ato na marcha mais ampla, assumindo suas pautas e dialogando com outros coletivos que a compõe. As outras duas são bandeiras do próprio Morhan: #HanseníaseTemCura, slogan que antes da internet, já estampava os materiais do movimento, buscando comunicar que existia tratamento para a doença, combatendo tanto a doença em si, quanto ao estigma que a cerca, contra a definição da pessoa em um diagnóstico. #ExistirComDignidade traz a luta contra a invisibilidade das pessoas atingidas pela hanseníase, historicamente segregadas. Em meio à pandemia de Covid-19, era importante lembrar o Brasil ainda é o país de maior incidência de hanseníase no mundo e que é uma doença negligenciada, afetando em sua maioria a população periférica. Para além da existência, é uma reivindicação pela dignidade humana, pelo respeito aos direitos das pessoas afetadas.

O ato compôs a programação da Marcha pela Vida, uma manifestação chamada para

esse dia em defesa do direito à vida, em defesa da saúde, do SUS, da ciência, do meio ambiente e da democracia e pela solidariedade diante da crise sanitária, econômica, social e política. Essa marcha foi convocada pela Frente pela Vida, conjunto de instituições e associações científicas, movimentos sociais e entidades sindicais, criada para combater a pandemia de Covid-19. No dia, o ato virtual teve uma série de *lives*, para além de disponibilização de materiais para compartilhar nas redes digitais e incentivar a população a se manifestar dessa forma, como através do evento no Facebook, um “tuitaço” e pelo aplicativo Manif.app, que permite que as pessoas criem avatares e marquem presença em uma manifestação virtual através do mapa.

Dar visibilidade às ações pela *eliminação da doença e de demanda por tratamento/reparação/direitos*

O dia mundial das pessoas atingidas pela hanseníase também esteve na capa na década de 1980, na edição 10. Centralizada, uma grande foto de manifestantes carregando suas placas de reivindicações, reproduzida na figura abaixo. Era de uma manifestação do Morhan em Rio Branco/AC para que o governo estadual instituísse uma pensão aos hansenianos, como se identificavam na época. Entre elas, há uma que diz “a vida é o primeiro direito”. Em outras fotos do mesmo ato, disponibilizada no site da Sala Memória Bacurau³², há a tradicional “hanseníase tem cura”. Outros cartazes falam da fome, do desemprego, da demanda por tratamento e do desrespeito da sociedade com a pessoas atingidas pela doença, além da menção à data simbólica: “não é o bacilo que mata, mas a fome”; “hanseniano quer emprego”; “queremos tratamento para todos os hansenianos”; “por que a sociedade rejeita o hanseniano?”.

32 Criada em 2005 para preservar a história do fundador do Morhan, é localizada na casa onde viveu em Rio Branco/AC, aberta à visitação pública no local e por tour virtual em seu site.

Figura 8: “A vida é o primeiro direito”.



Disponível em: <http://www.casadebacurau.org.br/sala_memorial_acervo/militancia/>. Acesso em: 28. mai. 2022.

A pauta sobre a reparação às pessoas atingidas pela hanseníase também é uma defesa antiga e motivo da fundação do movimento, segundo matéria da edição 58 do jornal. O meio de comunicação do movimento em 2014 destaca os 7 anos da lei 11.520/07, que institui pensão vitalícia às pessoas que passaram pelo isolamento compulsório em colônias. O texto não só comemora o marco dessa lei, mas vai adiante, afirmando que a luta tem que continuar para que a pensão seja estendida para os filhos separados dos pais na mesma época, grande batalha que o Morhan ainda trava.

O jornal 45 (Figura 9) é o que fala da mobilização que culminou na conquista da Medida Provisória 373 do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que depois virou a já mencionada lei. Antes da MP já tramitava o PL 525/07, conhecido como Lei Tião Viana, nome do senador do Acre pelo Partido dos Trabalhadores que a redigiu, mas acabou sendo acelerado por Lula. Voluntários do Morhan de 17 estados estiveram presentes em um ato público em Brasília no dia 18 de abril. Fizeram uma marcha até o Congresso Nacional, todos vestindo a camisa do movimento e carregando grandes faixas, se reuniram com o CNS, até serem recebidos pelo presidente. No dia 24 de maio, data da assinatura, o movimento ainda voltou à capital federal.

Figura 9: “A luta pelo direito dos exilados em hospitais-colônia: do Ato Público em Brasília à Medida Provisória 373”.



JORNAL DO MORHAN, nº 45, 2007.

A demanda pelo tratamento da hanseníase também é histórica e que continua presente. O vídeo³³ postado no dia 19 de fevereiro de 2021 faz uma denúncia sobre o desabastecimento do remédio responsável pelo tratamento da doença, chamado de poliquimioterapia (PQT). Começa com uma música no fundo em tom dramático e um texto dizendo que os relatos da falta do PQT começaram em abril de 2020, ainda perdurando. O texto segue então falando que um familiar de uma pessoa com hanseníase enviou o seu relato em vídeo. Antes de passar o vídeo, aparecem as *hashtags* #FaltaDeMedicaçãoTambémÉDiscriminação e #PQTJá.

A primeira dá nome a campanha do movimento, fazendo uma denúncia sobre o desabastecimento e afirmando que ele é seletivo, traz à tona uma das faces da discriminação; a outra é uma reivindicação, uma cobrança de um direito que está sendo desrespeitado e que a pauta é urgente. O vídeo é de uma jovem de Jaboatão do Guararapes/PE que conta a história do pai, passando do diagnóstico de hanseníase tardio até a falta do medicamento e as

33 Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=800756340650271>>. Acesso em: 15. abr. 2022.

desinformações sobre a doença. Adiante, o texto incentiva as pessoas a continuarem enviando seus relatos e disponibiliza um formulário. Por fim, o movimento coloca o endereço de suas redes digitais e escreve “Acompanhe a luta do Morhan por dignidade e reparação”. Na descrição da publicação, o Morhan disponibiliza uma petição da avaaz.org para pressionar as autoridades.

O movimento publicou outro vídeo³⁴, que reunia além de familiares de pessoas atingidas, depoimentos das pessoas que estavam passando por essa situação e profissionais de saúde. Diferente do anterior, os relatos ganharam vozes de outras pessoas que são voluntárias do Morhan, preservando suas identidades, sendo apenas citado o seu lugar de interlocução (pessoa diagnosticada, pessoa em tratamento, familiar e profissional) e região do país (Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste). Os vídeos das histórias contadas são em preto e branco e são traduzidos em texto para a língua inglesa. Ao fundo, a música Hallelujah (Leonard Cohen) é tocada instrumentalmente, ajudando a compor as narrativas de sofrimento das pessoas que estão sendo atingidas com a falta do PQT.

Ao todo, o movimento recebeu em menos de dois meses através do formulário disponibilizado 112 relatos de 18 estados de todas as regiões do país. Os dados foram enviados para o Ministério Público Federal e para a Defensoria Pública da União. O número 64 do jornal do Morhan trouxe centralidade para a pauta e citou o repertório de ações feitas na capa: “O Janeiro Roxo do Morhan foi marcado pela mobilização em torno da crise de desabastecimento de PQT no Brasil. Recebemos denúncias, fomos às ruas (na imagem, ato do Morhan Palmas), à internet, à imprensa e a organizações nacionais e internacionais para a solução do problema.”

Além de lutar pelo tratamento, o movimento dá visibilidade aos existentes e circula informações sobre a hanseníase de diversas maneiras, objetivando a eliminação da doença. A sátira e o humor constituem outra abordagem muito presente no movimento e que se mistura à poética/artística nas suas estratégias, objetivando comunicar suas pautas de uma maneira sensível e cativante. Teatro, bonequeiros, palhaços, desenhos, vídeos arrancaram risos e inquietações e estiveram presentes nas ruas, em palestras, em materiais impressos, nas suas redes digitais... Desde o primeiro jornal do Morhan existem charges e ilustrações. Na edição 23 (1997) tem uma charge de Daniel Pinna chamada “João do Morhan, o herói anônimo em: a mancha ataca!!!” (Figura 10). Nela, o personagem começa a identificar manchas em seu

34 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=97tbHYPOTpE>>. Acesso em: 28. mai. 2022.

corpo, ficando primeiramente assustado e envergonhado e depois preocupado, até ouvir (pelo rádio, TV?) a informação: “E atenção! Em casos de manchas pelo corpo, procure o posto de saúde ou ligue para o Telehansen”. João então não titubeia: “vou ligar logo para o Telehansen!”. Ao lado do quadrinho, a frase “a seguir: informação: o melhor remédio!”.

Figura 10: João do Morhan.



JORNAL DO MORHAN, nº 23, 1997.

Dona Ritinha (Francisco Franklin) e Dona Francisquinha (Faustino Pinto) são duas personagens do Morhan que fazem peças humorísticas. No dia 30 de novembro de 2021 foi publicado nas redes digitais do Morhan (Facebook, Instagram, Twitter e Youtube) um vídeo das duas juntas (Figura 11). O Facebook, como geralmente é no caso desse movimento, teve mais visualizações. O vídeo é de uma conversa entre as duas. As duas se cumprimentam e Dona Francisquinha repara em algumas manchas na comadre. Ritinha diz que um potó (como é conhecido popularmente o *Paederus irritans*, inseto comum no nordeste brasileiro que causa queimaduras) “mijou” nela, mas Francisquinha alerta que parece mancha de hanseníase, dizendo que a doença tem cura e tratamento gratuito, a incentivando a procurar um posto de saúde.

Figura 11: Dona Ritinha e Dona Francisquinha.



Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=485698142798344>>. Acesso em: 16. abr. 2022.

Ritinha então segue a dica da amiga e vai procurar atendimento, quando são mostradas as cenas de sua consulta, como a realização de exames e o medicamento sendo dado a ela. No fundo toca a música “Não esqueça da hanseníase” (Jully Oliver), feita para campanha de mesmo nome. No final do vídeo, o logo da campanha internacional também aparece, além de ter a *hashtag* na descrição da publicação.

A obtenção de apoio para a causa de pessoas com forte capital simbólico para o grande público foi e é uma estratégia importante para o movimento dar visibilidade aos seus objetivos. Capital simbólico é aqui entendido nos termos de Bourdieu (1988), que agrega valor ao seu poder simbólico, dando maior legitimidade ao discurso. No dia 11 de junho de 2002 foi ao ar um episódio da novela *O Clone*, no qual Ney Matogrosso vai ao bar da Dona Jura (Solange Couto, que se torna também voluntária na época) e pede para colar cartazes de uma campanha de conscientização sobre a hanseníase (Figura 12). Nele dá para ver o símbolo do Morhan e o número do Telehansen. Ney fala da importância do diagnóstico precoce, falando de alguns sintomas e que a doença tem cura, orientando as pessoas a procurarem um posto de saúde e pegarem remédios gratuitos.

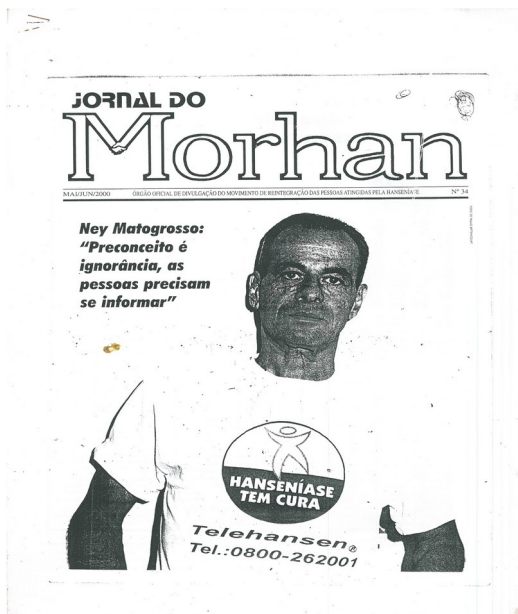
Figura 12: Morhan no Bar da Dona Jura.



Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/o-clone/videos/v/capitulo-de-11062002/8858640/>>.
Acesso em: 15. abr. 2022. A cena tem 1 minuto e aparece entre 11 e 12 minutos.

O ator não participava da novela, apenas fez uma participação interpretando a ele mesmo como voluntário do Morhan. A participação foi uma parceria da Rede Globo com o movimento firmada em 1999 como parte do programa Aliança Global para a Eliminação da Hanseníase, criado pela OMS. O artista entrou no Morhan em 2000 e já foi capa da edição 34 do jornal (publicada no mesmo ano) usando a camisa do movimento, com a palavra de ordem do Morhan e o número do Telehansen (Figura 13). Ney voltaria a estar na primeira página do jornal outras vezes, como na edição 65 (2021), que celebrava o aniversário do movimento em uma *live* (Figura 14).

Figura 13: Ney veste a camisa do Morhan.



JORNAL DO MORHAN, nº 34, 2000.

Figura 14: Ney na *live* do Morhan.

JORNAL DO MORHAN, nº 65, 2021.

Artur em nossa conversa destacou que sua entrada no movimento deu uma guinada nas atividades de comunicação do Morhan. Além da cena na novela, Ney participou como jurado do concurso de grafite, gravou *spots* para rádio, comerciais de televisão, estampou cartazes, fez panfletagens, falou sobre a causa em seus shows e em entrevistas e esteve presente em diversos eventos do movimento ao longo de mais de duas décadas de voluntariado.

No início de 2021, o Instagram do Morhan publicou um Reels com Ana Finkler, Miss Paraná do Concurso Nacional de Beleza 2020 (Figura 15). O movimento repostou o vídeo da miss, indicando através da #Repost e da menção à página dela no início da descrição, indicando que já tinha sido publicado anteriormente. Nele, Ana vai acenado e se expressando positivamente ou negativamente para informações referentes à hanseníase que aparecem em frases quem entram e saem, juntamente do áudio “Yes or No”, muito utilizado na produção de vídeos desses aplicativos. Sempre dizendo primeiro o texto errado para depois consertá-lo, aparecem na sequência “Lepra” - Hanseníase”, “a doença foi erradicada’ - o Brasil é o país com a maior incidência de hanseníase no mundo”, “houvi (sic) dizer que não tem cura’ - Hanseníase TEM cura”, “As pessoas com a doença precisam ficar isoladas’ - Hanseníase possui tratamento e as pessoas NÃO precisam ficar isoladas”. Fixo no alto aparece o título

Janeiro Roxo – Conscientização sobre a hanseníase, destacando a campanha que acontece em todo primeiro mês do ano.

Figura 15: Reels da Miss para o Morhan.



Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CKrmOgkJEUb/>>. Acesso em: 15. abr. 2022.

A parceria do Morhan com o concurso de Miss & Mister, através do programa Beleza com Propósito (existente desde 1972), se inicia em 2013, com as/os participantes do concurso participando de diversas atividades do movimento, como visitas à antigas colônias e panfletagens. Na edição 58 do jornal, que destaca a parceria, Artur fala sobre essa estratégia: “O apoio das misses do Brasil é muito importante para chamar a atenção para a questão da hanseníase. Afinal, ainda há muita desinformação e preconceito envolvendo a doença, que é considerada a mais antiga da humanidade. A beleza traz frescor para causa e é mais um atrativo para a conscientização e mobilização...”. O coordenador do movimento destacou na nossa conversa a importância dessa parceria para a visibilidade, especialmente através das tecnologias digitais. A *live* mais assistida entre as dezenas produzidas pelo movimento durante a pandemia, excetuando-se a do ato virtual de aniversário, foi com as Misses e Misters. Outro impacto pode ser percebido no número de seguidores nas redes digitais do Morhan, que aumenta bastante quando, por exemplo, essas pessoas compartilham os conteúdos do movimento, pois elas têm milhares ou até milhões de seguidores em alguns casos.

Combate ao preconceito/estigma

A luta contra o preconceito e o histórico estigma carregado pelas pessoas atingidas pela hanseníase foi o que motivou a criação do movimento e ainda embasa suas ações de comunicação. Desde seu surgimento o Morhan buscou dialogar com os veículos de mídia, tanto em busca de fazer participações em meios de grande alcance para dar visibilidade às suas pautas, quanto no movimento contrário, usando seus próprios produtos para criticar quando esses meios reforçavam os preconceitos contra as pessoas atingidas pela hanseníase.

Na edição 0 do Jornal do Morhan, publicada em 1982, temos um exemplo. Já na capa, há uma série de recortes de jornal que contribuíam para a perpetuação do estigma. “Anti-educação em ‘lepra’: permanente, poderosa, invencível”, diz a manchete. Entre os selecionados, uma charge de Henfil, que mostrava os personagens “Os Fradinhos”. Nela, Baixim, como de costume, debochava de Cumprido. O primeiro oferece uma comida pro companheiro, que pergunta se é “fritas à francesa”. Baixim então responde que é “casquinha de leproso”, raspando a pele de uma pessoa coberta de lesões.

Figura 16: “Anti-educação em lepra: permanente, poderosa, invencível”.



JORNAL DO MORHAN, nº 00, 1982.

Trinta e sete anos depois o jornal do Morhan continua a ocupar suas páginas chamando a atenção sobre o tom preconceituoso como falam sobre a hanseníase na mídia, dessa vez fazendo uma severa crítica ao programa Porta dos Fundos, por um vídeo que reproduz fortemente o estigma e desrespeita as pessoas atingidas pela doença. Nele, o ator Fábio Porchat interpreta uma pessoa que volta de viagem com lesões na pele e a perna amputada, dizendo para a família que tinha lepra e que não podiam tocá-lo. O caso foi notícia na edição 60 do jornal e circulou também pelas redes digitais do movimento. O Morhan entrou em contato com a assessoria do programa, que não se manifestou sobre o caso. O movimento então acionou a Defensoria Pública da União por meio de denúncia junto ao Observatório Nacional de Direitos Humanos e Hanseníase. Vemos então como o estigma é poderoso e ainda persiste no tempo, até mesmo sendo reproduzido por humoristas críticos como Henfil e pela equipe do Porta.

No dia 09 de abril de 2018, a cantora Anitta falou em seu programa de televisão que não convidaria para participar dele pessoas com hanseníase. Em seguida, o Morhan publicou em seu Facebook³⁵ uma nota repudiando a declaração, exigindo que a artista se retratasse. Lançaram, então, um abaixo-assinado na plataforma change.org, além da *hashtag* que logo começou a circular: #AnittaRetrateSe. Deu (a princípio) certo: quatro dias, Anitta publicou em suas redes digitais um pedido de desculpas e dizendo que errou, confundindo o nome da doença com pessoas que ela tinha ranço. Ao final do post, compartilhou o link de cadastro na REMOB.

Um ano depois, no entanto, o movimento publica um vídeo³⁶ intitulado “Anitta nos enganou...”. Faustino, coordenador nacional na época, relembra os acontecimentos e diz que o Morhan entrou em contato com a assessoria da cantora, que possui grande popularidade mundialmente, para que ela pudesse gravar um vídeo em apoio a causa, o que foi ignorado. A sua retratação, que teria dado a entender que estava se voluntariando ao Morhan, então seria mais uma satisfação aos seus fãs do que uma mínima preocupação com a questão da doença no país. Faustino, porém, deixa as portas abertas para uma possível contribuição ao movimento e mostra vídeos de alguns artistas que apoiaram a causa, como Geraldo Azevedo, Alceu Valença, Karla Karenina e Leo Santana.

35 Disponível em: <<https://www.facebook.com/Morhan.Nacional/posts/2050849931611154>>. Acesso em: 16. abr. 2022.

36 Disponível em: <<https://www.facebook.com/Morhan.Nacional/posts/2636735466355928>>. Acesso em: 16. abr. 2022.

Para além de veículos e pessoas da mídia e artistas, o movimento também enfrentou a classe política, inclusive o chefe de Estado. O caso foi tratado na edição 66 do jornal. No final de 2021, o movimento entrou na justiça através do seu departamento jurídico, a Rede de Acesso à Justiça e Direitos Humanos do Morhan (RAJDH) contra a União Federal e o presidente Jair Bolsonaro por conta de uma declaração discriminatória em que usa a linguagem pejorativa em que as pessoas com hanseníase foram historicamente estigmatizadas. A decisão do juiz foi favorável ao Morhan pelo presidente ferir a lei nº 9010/1995, sob pena de multa. Artur afirma que a decisão é histórica; já Alice Cruz, Relatora Especial para a Eliminação da Discriminação contra as Pessoas Afetadas pela Hanseníase e seus Familiares da ONU, destaca que a lei é umas das poucas antidiscriminatórias da hanseníase em todo o mundo.

Para combater o preconceito/estigma, o Morhan utilizava de diversas ações e produtos. A abordagem poético/artística é uma delas. Cordel e outras formas de poesia, música, teatro e artes visuais estão presentes na história do Morhan. Na edição número 6 do jornal (1984), na coluna de “Livros”, é destaque o cordel de Chico Simeão, voluntário de Cascavel/CE. Está presente uma nota com a xilogravura de capa, que tem o nome de “A luta do hanseniano contra o preconceito”. O texto traz um comentário do autor e um trecho da obra, que vai “direto na mente e no coração”. Vemos que a circulação era em âmbito reduzido, pois quem tivesse interesse tinha que entrar em contato com a sede do Morhan ou diretamente com o autor.

(...) acho que ser o principal ponto para iniciar/é por o fim o nome antigo e o novo pronunciar/Pra depois a problemática que ele causa a enfrentar. Depois podemos pensar na doença e seus efeitos/Que atinge o ser humano/lhe dando horríveis defeitos/Os fatos responsáveis do medo do preconceito. Mas tudo isso tem jeito/E só questão de lutar/Vamos chamar a atenção dos poderes popular que é quem tem a parte técnica e meios para evitar. (JORNAL DO MORHAN, 1984)

A citação começa com a questão da nomeação como objeto de luta, pauta do movimento desde que surgiu e que perdura até hoje, apesar de ter conquistado avanços há muitos anos, como a proibição da associação da hanseníase à lepra em documentos públicos (1995). Essa é a primeira luta: antes da doença, vem o nome.

A edição dupla do jornal referente aos números 4 e 5, publicada também em 1984, traz uma matéria que destaca essa questão. A chamada na capa já alertava: “Pior do que a doença,

uma palavra e suas consequências”. O título é categórico: “Numa palavra, a raiz de todo o preconceito”. A lepra pode ser considerada uma nomeação arbitrária (BHABHA, 1998), uma forma de nomear o outro que é autoritária, dada de cima pra baixo por quem detém o poder de nomear. Ao se tornar um “leproso”, “lazarento”, antes das possíveis consequências de uma doença que não fosse tratada, o sujeito é excluído, privado de direitos e está passível de sofrer violências diversas. Por isso, como mostra Araujo (2011), a luta pelo direito à comunicação é uma batalha pelo direito à cidadania, incluindo fortemente o direito de poder se nomear e dar sentido às coisas do mundo. Nos últimos trechos do poema são citadas as consequências da doença em si e também do preconceito, mas termina de forma otimista com a esperança através do compartilhamento da luta popular.

No dia 28 de junho de 2021 foi publicado em todas as redes do Morhan um vídeo intitulado “Pedaços – poema visual de Faustino Pinto”. A descrição fala da proposta do vídeo e da arte como meio de luta contra o estigma e do preconceito:

“Você já se sentiu em pedaços? E como fez pra se fazer inteiro de novo? As pessoas afetadas pela hanseníase precisam encarar cotidianamente uma visão fragmentada sobre si mesmas, fruto de estigma e preconceito. E muitas vezes, a arte é um instrumento para enfrentar isso. O vice-coordenador nacional do Morhan - e artista - Faustino Pinto convoca nossas emoções nessa linda obra chamada apenas "Pedaços". Confira!”

Abaixo transcrevo a letra na íntegra, transcrita por mim, em formato de poema.

No dia que eu chegar
Pra contar os meus problemas
Espero que alguém me escute
Espero que alguém me entenda

Se juntar o meu saber
Com o teu da faculdade
Nós vamos fazer história
Nós vamos levar verdades

Minha voz alcança o mundo
E a gente muda essa história
Preconceito, discriminação e estigma
Vai ser coisa do passado

Nós vamos olhar pra frente
Com os olhinhos no passado
Mas não vamos deixar passar
Mais nenhum sequelado

Não sou feito de pedaços
Nem deles vem minha prosa

Mas nesse mundo de hansen
Cada pedacinho conta
E se constrói uma história

Não que deva ser assim
Mas enquanto nos olharem
Pedacin por pedacin
Triste será o lamento
Dos que são olhado assim

Enxergam as manchas brancas
Também enxergam as vermelhas
Eles veem até caroços
Até olham nos meus olhos
Só não conseguem enxergar
As dores que eles mostram

Por trás daquela colina
Tem o pôr do sol mais lindo
Mas já não posso enxergar
É que a visão tá diminuindo

Tocar é maravilhoso
Toco com o coração
Ou mesmo com as minhas mãos
Às vezes digo que sinto
Às vezes digo que não

Sigo enganando a mente dizendo que sinto então
Andar bem já não consigo
Tropeço em todo caminho
Ai que bom seria andar
Sem me faltar pedacinhos

Já dei descanso ao espelho
Me olhar já não consigo
É que já não me enxergo
E nem me sinto tão lindo

Sou alguém fragmentado
Pela doença ou destino
Mas espero um dia ser
Visto todo inteirinho

Mas lhe peço, meu doutor
Com todo esse meu jeitinho
Não julgues o meu saber
Ele não é só um tiquinho

Vai te ajudar a me entender
Me enxergar e me ver
Como alguém bem completinho

O começo da letra é sobre a importância da escuta e da visibilidade, algo que historicamente não aconteceu com as pessoas atingidas pela hanseníase. Em seguida fala da necessidade de somar saberes em prol da luta dessas pessoas, levando em consideração o delas junto ao acadêmico, indo em direção ao que Santos (2010) propõe com a ecologia de saberes. Mostra como quando a voz dessas pessoas circula, a história de preconceito, estigma e discriminação pode mudar. Diz sobre olhar para frente sem esquecer do passado e não deixar mais passar mais nenhum “sequelado”, ou seja, continuar na luta lembrando de toda a trajetória do movimento (“Se muito vale o já feito, mais vale o que será”³⁷, como também lembram os versos de Milton Nascimento e Fernando Brant), assim como a história de sofrimento das pessoas atingidas pela hanseníase, que tiveram sequelas graves pela falta de tratamento que seriam evitáveis.

Pedaços, palavra que dá título ao poema, aparece em alguns momentos como metáfora do estigma: a pessoa é vista por partes, não na sua integralidade, havendo uma crítica à personificação da doença. São citados alguns sintomas da doença, como as manchas, caroços e consequências mais graves como a perda da visão ou do tato. O poema visual aborda como as pessoas são afetadas por essas sequelas, mas também pelo preconceito, gerando medo, solidão e a baixo autoestima. Por fim, é retomada a questão da importância da valorização do saber: “mas lhe peço, meu doutor, com todo esse meu jeitinho, não julgues o meu saber, ele não é só um tiquinho. Vai te ajudar a me entender, me enxergar e me ver como alguém bem completinho”.

O vídeo começa em preto e branco e tem uma música instrumental no fundo, junto da narração do poema, contando inclusive com tradução na Língua Brasileira de Sinais. É protagonizado pelo próprio Faustino, junto de outras pessoas atingidas pela hanseníase. As cenas são centradas no corpo das pessoas, trazendo visualmente a metáfora dos pedaços. Em várias cenas olhos, orelhas, pés, mãos são centralizados. Em alguns momentos, a câmera então se afasta, mostrando o corpo inteiro. Também estão presentes imagens em consultas médicas e do cotidiano da militância, como Faustino dialogando com outras pessoas com a camisa do Morhan.

Quando o poema termina, o vídeo passa a ser colorido, no momento que Faustino dá um abraço em uma outra pessoa, como mostrado nas figuras abaixo.

37 Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/5QwyEKH5FaYd6WyhHSv4JK?si=fdaacc99f0e64cbd>>. Acesso em: 19. jul. 2022.

Figuras 17 e 18: O abraço da hanseníase.



Capturas de tela. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UGXR5nCBIsI&t=7s>>. Acesso em: 02. jun. 2022.

O abraço - o toque - no contexto das pessoas atingidas pela hanseníase tem uma importância simbólica enorme, por historicamente as pessoas terem sido isoladas e não serem tocadas, sendo alvos de discriminação. Aqui pulsa a semiose infinita, a história dos sentidos. Esse simbolismo está presente no próprio logotipo do Morhan, criada pelo artista e voluntário do movimento Alvimar, ainda em 1983. Nele, a primeira letra da sigla é formada por dois braços que dão as mãos. Parecida com a de Faustino no vídeo, onde duas mãos se cumprimentam e formam um coração. Artur, em editorial do jornal nº 26 (1998), escreveu um texto chamado “o toque da hanseníase” e contou duas histórias. Uma era de um idoso de setenta anos de Nova Iguaçu/RJ, que ao descobrir que tinha hanseníase, não deixou mais o neto o tocar e um tempo depois se suicidou. O outro era de uma pessoa de Niterói/RJ que tinha abandonado o tratamento da hanseníase porque estava muito deprimido e se emocionou

muito quando o coordenador do Morhan o tocou, pois ninguém o tocava há sete meses. Artur ressalta então a importância do ato de tocar, afirmando que faz questão desse contato com todas as pessoas com quem conversa.

Peço licença para abrir um parêntese de uma lembrança cinematográfica. Ouvindo/vendo as palavras e pessoas, me veio à mente uma cena do filme “Diários de motocicleta”, dirigido pelo cineasta brasileiro Walter Salles, que conta sobre a viagem pela América Latina realizada pelos então estudantes de medicina argentinos Ernesto Guevara e Alberto Granado em 1952. Chegando em uma colônia na região da Amazônia peruana, um funcionário sugere que a dupla use luvas para tocar nos pacientes, apesar de saber que a hanseníase não é contagiosa quando se está realizando o tratamento. Guevara então questiona: “*se no es contagioso, esto es puramente simbólico, no?*”. Em seguida, afirma que não irão usar. Ao encontrar com um dos pacientes, Guevara estica a mão para cumprimentá-lo, causando um estranhamento. O paciente, receoso, indaga o porquê de ele não seguir as regras, mas depois que aperta sua mão muda o seu semblante, feliz pelo contato raro. Guevara, assim como Artur, mostra como um ato aparentemente pequeno pode revolucionar uma vida, sendo então o toque no contexto da hanseníase uma poderosa tecnologia de comunicação.

Esse filme também está na memória afetiva dos militantes do Morhan. Conversando com Artur justamente sobre o sentido do toque, ele citou a mesma cena descrita anteriormente. Disse, inclusive, que falou sobre ela com o embaixador da Boa Vontade da Organização Mundial de Saúde para a Eliminação da Hanseníase, Yohei Sasakawa, que o inspirou para a criação da logo da campanha que ocorreu em 13 países através de 32 organizações, por iniciativa da OMS e encampada firmemente pelo Morhan no Brasil. O desenho é formado por duas rodas (em referência à motocicleta dos médicos viajantes) entrelaçadas, uma vermelha e uma azul. Uma delas representava as ações governamentais, de enfrentamento da doença; a outra ilustrava o combate ao estigma e a luta dos movimentos sociais. A campanha global tem o objetivo de lembrar da importância do diagnóstico e o do tratamento da hanseníase em meio à pandemia de Covid-19, período em que os casos diagnosticados caíram muito, além de combater o preconceito associado à doença, pautas que o movimento traz desde sua fundação.

Artur na nossa conversa mencionou outro fato que vale contar aqui para somar na análise desse tema. O coordenador lembrou de uma foto (Figura 19) publicada na página do

ex-presidente Lula, do toque de sua mão com Zulmira, que tivera hanseníase, em encontro com o Morhan na ex-colônia Santa Isabel, que foi a maior do país, em Betim/MG.

Figura 19: “Mãos que contém a linha de suas próprias histórias”.



Captura de tela. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Lula/photos/nas-m%C3%A3os-a-doras-m%C3%A3os-que-contem-as-linhas-de-suas-pr%C3%B3prias-hist%C3%B3riasnuma-m%C3%A3o-fa/1602634613138866/>>. Acesso em: 26. jul. 2022.

A postagem do registro foi acompanhada de um texto emocionado do filho de Zulmira, que falava dos sentidos carregados naquele gesto, de histórias sofridas e de afeto. A foto em preto em branco mostra o contato das mãos com sequelas da doença com a que perdeu o dedo em um acidente de trabalho; simboliza o encontro das pessoas historicamente intocáveis com a de quem já foi a maior autoridade do país. Naquele momento, também representava a parceria entre movimento social e poder público e um posicionamento de solidariedade com o ex-presidente, que na época sofria perseguição política que depois gerou sua injusta prisão, hoje já revogada. Artur lembrou também em nossa conversa o caso de um outro encontro do Morhan com Lula, único presidente a receber o movimento sem agendamento, quando ainda ocupava o cargo: ao rever as fotos realizadas no Palácio do Planalto, estavam destacadas as mãos calejadas segurando as xícaras de porcelana com o brasão da República, ao invés de copos descartáveis, como geralmente recebiam café.

3.1.2 Mapas

No mapa dos dispositivos de comunicação (Figura 20), estão presentes os objetivos, que são os grandes mobilizadores do movimento; as estratégias, que mostram as maneiras de tentar alavancar seus objetivos; as tecnologias, que são os suportes pelos quais circulam; as ações comunicacionais, que diz sobre os atos da comunicação realizados na prática; e por fim os produtos midiáticos, que são os materiais que dão concretude à comunicação. Na segunda conversa, alguns elementos foram adicionados a partir da contribuição de Artur. A conversa também levou a uma complementação na categorização: foi necessário incluir a categoria de estratégias, de forma separada aos objetivos, para acolher as referências às grandes finalidades do Morhan. Os objetivos dão mais especificidade às estratégias. As cores das ações comunicacionais e produtos midiáticos foram separadas de acordo com a tecnologia utilizada. Boa parte perpassa mais de uma tecnologia, o que foi diferenciado no mapa através de um tom misturado, como o jornal, que passa da tecnologia impressa para a digital. As ações e produtos na maioria das vezes incluíam mais de uma estratégia e objetivo citados, por exemplo: uma pessoa famosa, através da arte, circula informações sobre a hanseníase com o objetivo de combater a doença, o preconceito e dá o contato do movimento.

Em relação às tecnologias, o coordenador do movimento Artur destacou a tecnologia corporal afirmando que todas as outras ocorrem em função da corporal, são instrumentos para chegar no corpo a corpo, ressaltando a conexão entre elas.

O panfleto, por exemplo, é a forma de ter o contato corporal. ‘Aqui, João, você sabe o que é hanseníase? Toma esse panfleto’. [...] Quando eu vou pra TV, o que eu quero é mobilizar para que ela, pessoa física, ela, corpo, ir pra uma unidade de saúde tratar precocemente ou ela não sofrer com o preconceito. Ou eu mobilizo ela para ela conversar comigo pelo telefone e no telefone eu vou fazer outra abordagem. Então é pouco isso que você falou, elas se intercomunicam, se interagem, se relacionam (Artur, conversa 2, 2022)

Figura 20: Mapa dos dispositivos de comunicação do Morhan.



Produção própria.

Na linha do tempo (Figura 21), tracei os principais dispositivos de comunicação do Morhan por década. Do lado direito, destaquei os anos que marcaram a apropriação de determinada tecnologia, a criação de algum produto midiático ou alguma ação marcante. Do lado esquerdo, coloquei os repertórios comunicacionais de forma mais ampla por cada época. Os dados que embasaram o desenho foram obtidos através das conversas e pela observação das redes digitais e dos jornais do movimento, que se tornaram importante instrumento de memória. Como algumas edições foram espaçadas, algumas datas são aproximadas, caso do Telehansen, que aparece pela primeira vez no principal meio de comunicação do Morhan até então em 1996.

Figura 21: Linha do tempo dos dispositivos de comunicação do Morhan.



Produzido por Clara Mendes de Oliveira Cesar.

Artur falou que no fundo as estratégias do Morhan passam sempre por furar a barreira de uma doença negligenciada midiaticamente, que é a discussão também feita por Araujo, Moreira e Aguiar (2013). A respeito, vale destacar um trecho da cartilha de hanseníase e comunicação publicada pelo movimento: “O Morhan costuma afirmar que isso acontece porque não é a doença que é negligenciada e sim porque são doenças que atingem pessoas que são negligenciadas” (MORHAN, 2022). Podemos associar essa questão a uma outra reflexão de Araujo (2006) em que faz referência à desigualdade comunicacional a partir de uma alegoria da abertura das Olimpíadas de 2004, realizadas em Atenas, que mostrava os tambores dos deuses e dos homens. Nessa metáfora, os primeiros seriam os tambores das instituições (Estado, Mercado, Mídia), mais ouvidos dos que os segundos, que seriam da sociedade, especialmente os movimentos sociais. Ao final, fala sobre as condições da luta por melhores lugares de interlocução. “[...] é provável que de fato a Comunicação se instaure efetivamente, em todas suas dimensões e possibilidades, quando as pessoas forem de fatos reconhecidas como interlocutores... Quando os deuses ouvirem os tambores dos mortais” (p. 251).

3.2 NENHUM SERVIÇO DE SAÚDE A MENOS

O Nenhum Serviço de Saúde a Menos surge em agosto de 2017 na cidade do Rio de Janeiro/RJ. É criado por um coletivo de trabalhadores dos serviços públicos de saúde do município em defesa do SUS. Apesar de surgir de articulações de lutas anteriores no campo da saúde no município, o estopim para sua criação foi a luta contra o fechamento de clínicas da família anunciada pelo bispo e então prefeito Marcelo Crivella. Fundado em uma plenária com aproximadamente 300 pessoas, criaram uma página no Facebook no dia publicando seu manifesto³⁸, que segue abaixo.

MANIFESTO DE TRABALHADORAS E TRABALHADORES,
USUÁRIAS E USUÁRIOS DO SUS DO RIO DE JANEIRO
Rio de Janeiro, 3 de agosto de 2017

Há tempos, temos observado um desmonte do SUS no Rio de Janeiro. Nos últimos anos, esse processo se acentuou, com fechamento de serviços, demissões de profissionais de saúde, corte de verbas e falta de materiais e

38 Disponível em: <<https://www.facebook.com/NenhumServicoMenos/posts/278735309272926>>. Acesso em: 01. mai. 2022.

medicamentos. Junto a isso, assédio moral a trabalhadores e precarização do trabalho, com desrespeito a direitos trabalhistas e contratos temporários. Esse quadro se acentuou em 2017, com o congelamento das verbas para aplicação em programas sociais, como a saúde, educação e assistência, além da Reforma Trabalhista e a nova Lei das Terceirizações, que expõem, na prática, o trabalhador ao iminente risco de desligamento do trabalho e à incerteza do funcionamento dos serviços. A população, num quadro de perda de direitos, recessão econômica, desemprego e desorganização social, cada vez mais necessita, para sobreviver, dos serviços de saúde, justo quando eles se desorganizam e são desestruturados pelos gestores.

No Rio de Janeiro, isso se acentua. A rede estadual, em especial na UERJ, está falida, com servidores sem pagamento e com serviços fechados. Os hospitais federais, com o falso discurso da reorganização, estão com leitos fechados e serviços sem funcionar porque os contratos temporários dos trabalhadores não foram renovados. E, agora, na rede municipal, convivemos com a incerteza. De um lado, na Prefeitura, temos servidores municipais atuando em hospitais e serviços com graves problemas de manutenção e reposição de insumos, além de uma política salarial inteiramente defasada. E, de outro, na atenção primária e na saúde mental, uma política de terceirização para Organizações Sociais (OSs), iniciada nos Governos Paes, que, se de um lado, possibilitou uma ampliação da oferta de serviços, com a abertura das clínicas da família e de serviços de saúde mental, o fez numa lógica de terceirização da gestão, com contratações de profissionais por OSs, sem estabilidade e submetidos a forte assédio moral e exploração no processo de trabalho.

Outro ataque ao SUS está configurado com a proposta de mudança da Política Nacional de Atenção Básica, que muda para pior, tornando opcional a existência dos Agentes Comunitários de Saúde e desvirtuando os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASFs), tornando insegura a existência de equipes multidisciplinares para dar integralidade ao cuidado.

Em resumo: As gestões TEMER/BARROS, PEZÃO/DORNELLES e CRIVELLA se articulam para um ataque ao SUS. Retiram recursos, direitos e assediam os trabalhadores. Há alguns anos, a rotina dos trabalhadores das OSs é conviver com atrasos de salários e rumores de cortes de pessoal e de direitos. O quadro se agravou no início de agosto, quando houve a sinalização de profundos cortes de mais de 60% em contratos, fazendo com que, na prática, o caminho fosse a demissão de trabalhadores e o fechamento de serviços e equipes de saúde da família. Inclusive, na região da Barra da Tijuca e Jacarepaguá, os trabalhadores foram informados verbalmente que deveriam assinar aviso prévio. Em paralelo, trabalhadores da UPA Manguinhos foram postos em aviso prévio, com perspectiva do fechamento do serviço.

Na rede onde os servidores atuam, tivemos o fechamento da emergência psiquiátrica do Instituto Municipal Philippe Pinel, por falta de médicos, com a gestão informando que não poderia contratar ninguém por conta da Lei de Responsabilidade Fiscal, além de diversas notícias de precariedade dos hospitais municipais, como o Salgado Filho e o Hospital da Piedade. Por isso tudo, os trabalhadores e trabalhadoras da saúde conclamam a sociedade carioca para se mobilizar em defesa do Sistema Único de Saúde da cidade do Rio de Janeiro.

Nenhum serviço de saúde a menos!

- Exigimos que a Prefeitura da gestão Crivella se comprometa com a manutenção dos serviços já existentes e prossiga com a ampliação da

Atenção Básica, que é coordenadora do cuidado em saúde e reduz os custos de atendimento e sobrecarga nas emergências e hospitais.

- Exigimos que a rede de saúde mental seja mantida e ampliada, seguindo a política nacional de saúde mental.
- Exigimos pleno acesso à assistência farmacêutica, com o funcionamento das farmácias nas unidades de saúde.
- Exigimos a reabertura dos serviços estaduais e federais, integrados em rede com os serviços da Prefeitura, com ampla transparência sobre seu funcionamento.
- Exigimos que os trabalhadores da saúde e usuários tenham ampla participação nos processos de gestão na saúde.
- Em defesa de um SUS público, gratuito e de qualidade
- Por fim, nos cabe afirmar que nossa luta é para termos, na cidade onde vivemos, um sistema de saúde que seja público, gratuito, organizado, universalizado, integral e adequado à necessidade do conjunto da população, em suas especificidades.

NENHUM DIREITO A MENOS

SAÚDE NÃO É MERCADORIA

O SUS RESISTE

LUTA UNIFICADA PELA SAÚDE PÚBLICA

#nenhumserviçodesaúdeamenos

#mexeucumummexeucumtodos

Saffer, Mattos e Rego (2020) escreveram um artigo sobre a trajetória do movimento. Os atores afirmam que a experiência do NSSM tem relação com o contexto dos movimentos sociais surgidos no país nos últimos anos e destaca a sua comunicação na internet. “Trabalhando a horizontalidade e a espontaneidade sem perder de vista a pauta, faz uso extensivo de redes sociais e comunicação digital, constrói frentes ampliadas entre movimentos dispersos, mobiliza a partir de vivências concretas” (SAFFER; MATTOS; REGO, 2020, p. 157). Outro ponto importante trazido pelo trio é o marco de suas mobilizações para o movimento sanitário brasileiro, formando uma base de novos sujeitos que lutam pela saúde pública através de uma organização mais horizontalizada e com uma estratégia menos institucionalizada, ao contrário do que os autores afirmam sobre os rumos que as lideranças da Reforma Sanitária Brasileira seguiram.

Evelin contou um pouco sobre o contexto dos serviços de saúde em que se formou o movimento. Na gestão de Eduardo Paes e com um fluxo maior de verba no período em que se realizaram as Olimpíadas na cidade, a atenção primária foi expandida, porém através de OSs, terceirizando a gestão da saúde primária no município. Os serviços de saúde da cidade então ficaram divididos em várias OSs, com vínculos empregatícios curtos, sem estabilidade e concursos públicos. Crivella então assume com a promessa de “cuidar das pessoas” e de não

expandir mais as clínicas, mas fazer uma reorganização dos serviços. Em nossa conversa, a participante do movimento contou um pouco sobre a criação do movimento, após o anúncio do fechamento das clínicas da família em uma reunião da secretaria municipal de saúde, que no dia seguinte deu o aviso prévio de demissão dos trabalhadores.

E aí aconteceu uma reviravolta, o pessoal comunicou os usuários e tal, o pessoal foi para rua, fechou a Ayrton Senna, fez um quiprocó. Isso aconteceu durante o dia e aí o pessoal foi se falando "você viram o que aconteceu, você viram o que aconteceu?" No WhatsApp, né, a informação correu, "vamos se reunir, vamos se reunir!" (Evelin, conversa 1, 2021)

A grande plenária aconteceu no auditório do Instituto Philippe Pinel, quando já estava marcada uma reunião do movimento da luta antimanicomial e que incorporou essa pauta mais ampla. Evelin segue contando sobre o evento de inauguração e do nome escolhido, que derivou da própria pauta e virou uma *hashtag*:

Todo mundo sentou nas cadeiras, ocupou o corredor do meio e os corredores das laterais, sentaram no chão, até um monte de gente de pé atrás. E aí a gente tipo "gente, meu Deus, como assim vão fechar 11 clínicas da família? Que absurdo e tal, a gente tem que fazer alguma coisa, tem que fazer uma manifestação". E aí eu lembro até que a gente ficou assim "tá, quais vão ser as palavras de ordem? Nenhum direito a menos, nenhuma equipe a menos, nenhum sei o que... Aí o pessoal falou Nenhum Serviço de Saúde a Menos". E aí foi assim, isso na verdade era uma palavra de ordem, não era pra ser o nome do movimento, entendeu? Só que aí virou a palavra de ordem e ficou, ficou, ficou e acabou virando o nome assim do movimento, Nenhum Serviço de Saúde a Menos. (Evelin, conversa 1, 2021)

O movimento teve o seu embrião nas mobilizações do OcupaSUS, movimento em defesa do SUS que ocupou as sedes do Ministério da Saúde nacionalmente durante o governo de Michel Temer. Também teve na sua composição o Fórum de Saúde do Rio, a Frente Nacional Contra a Privatização da Saúde, o movimento da luta antimanicomial, entre outros, além de diversos sindicatos, associações de trabalhadores e organizações políticas. Devido ao seu caráter complexo de formação, de um coletivo formado por outros coletivos, uma frente de organizações, um movimento social, que às vezes se coloca como página, Evelin foi indagada em nossa segunda conversa sobre como pode ser melhor definido o NSSM: “Um pouco de cada”, respondeu. Carlos colocou como tendo um caráter coletivo de organizações e pessoas.

Carlos falou da contribuição que o movimento teve, que pra além de conseguir conquistas materiais, como evitar a demissão de profissionais, fortaleceu no âmbito simbólico

a defesa do direito à saúde e ajudou a dar visibilidade aos trabalhadores da saúde de forma mais ampla.

Entre 2017 e 2018 quando o movimento foi mais forte e ele de fato possibilitou a defesa desse interesse, conseguiu reverter a redução acentuada na oferta de serviços da saúde no Rio de Janeiro, a saúde da família se legitimou no imaginário popular realmente como elemento indispensável para a população enquanto equipamento de saúde, acho que o movimento contribuiu bastante para isso, porque antes a saúde da família no Rio de Janeiro era muito identificada como ação de um governo, de uma gestão que usava o modelo das clínicas da família como elementos de marketing do governo e o movimento contribuiu para a população passasse a ter a compreensão de que independente de qualquer governo, um modelo de atenção primária era importante e necessário para o sistema de saúde pública e a população começou a incorporar isso como uma pauta popular de verdade. Além da questão da própria rede de atenção psicossocial, antes as pessoas não entendiam muito bem o que eram CAPs³⁹, por que que era importante, qual era a lógica das residências terapêuticas, setores que eram invisibilizados dentro da discussão, como cuidadores da saúde mental idosos, profissionais que atuam na área de saúde, mas não são profissionais de saúde específicos, como vigilantes, pessoal da limpeza, que não tinham nenhum espaço para fazer uma reivindicação e serem reconhecidos como profissionais de saúde. Acho que o movimento contribuiu para essas pessoas não ficassem tão invisíveis, havendo uma pauta a gente chamava e incorporava na medida em fosse uma pauta do SUS. (Carlos, conversa 1, 2021)

O participante ressaltou a mobilização de categorias que não tinha uma tradição sindical, para além dos citados anteriormente, caso também dos trabalhadores da saúde bucal e dos musicoterapeutas, que realizaram a sua primeira greve durante as mobilizações.

A página no Facebook foi o primeiro passo dado quando o movimento foi criado e é a sua principal rede digital de visibilidade, que tem mais de 43 mil seguidores. Além de publicar seus manifestos e denúncias através de posts, vídeos e fotos, compartilha notícias sobre a situação da saúde na cidade, estado e país e de suas mobilizações, tanto dos grandes meios de comunicação, quanto de outros coletivos e movimentos sociais. Para além da divulgação anterior de seus atos como em eventos ou cartazes e panfletos digitais, também divulgam fotos, transmissões ao vivo de seus atos ou vídeos produzidos a partir deles.

O NSSM tem um grupo de simpatizantes ao movimento no WhatsApp, onde são feitos informes pertinentes às pautas e um outro com pessoas que iam mais efetivamente nas atividades e representantes de categorias, além de outros menores por região e categoria. Em 2019 criaram um Twitter, que chegou a ser divulgado através de QR Code através do Facebook⁴⁰, mas não é tão utilizado quanto a outra rede digital. Em abril de 2020, o

39 Centros de Atenção Psicossocial, principal serviço substitutivo do manicômio criado através do processo da Reforma Psiquiátrica Brasileira.

40 Disponível em: <<https://www.facebook.com/277973856015738/photos/pb.100069218439747.-2207520000..912189675927483/?type=3>>. Acesso em: 01. jun. 2022

movimento foi abordado no terceiro episódio da série “Na Fila do SUS”⁴¹, da plataforma Bombozilla, que teve direção e produção de militantes que participaram dos processos de luta. Carlos contou em nossa conversa que o movimento também doou materiais para uma exposição sobre movimentos sociais no Museu de Arte do Rio.

O coletivo divulgou cartazes chamando para suas manifestações, onde também entregava panfletos para a população, como o mostrado abaixo, de outubro de 2017, enviado por Evelin. A participante falou sobre o seu valor em nossa primeira conversa: “eu acho que o panfleto ele é muito importante para pessoa entender o que está acontecendo, às vezes ela passa por ali, vê uma agitação e não entende o que é”. Nele vemos símbolos em azul e branco, que o movimento traz em sua logo e é a mesma do Facebook e do SUS. O outro diz “a mão que cuida também luta”, afirmando a importância dos profissionais de saúde, ao mesmo tempo que não romantiza o seu papel de cuidado, mostrando que são trabalhadores que tem que ser valorizados. O desenho mostra o tradicional punho cerrado dos movimentos sociais, segurando um estetoscópio, clássico símbolo que representa os médicos. O texto se inicia com o cumprimento de seus interlocutores, o povo fluminense. Seguem falando do contexto da saúde no município e colocam em tópicos os problemas, por fim convocando a população para se juntarem na luta. O papel distribuído na rua endereça a página na rede digital e estampa a sua *hashtag*.

41 Disponível em: <<https://bombozila.com/na-fila-do-sus-ep-03/>>. Acesso em: 01. mai. 2022

Figura 22: A saúde vai parar!

Povo do Rio de Janeiro!
A SAÚDE VAI PARAR!!!
 Dizem que estamos em crise... Se a crise é geral, é aí que as pessoas mais precisam de saúde.
 E o que o **CRIVELLA** fez? Cortou justamente a saúde!

- Medicamentos em falta
- Salários atrasados
- Falta de exames
- Fila do **SISREG** que só cresce
- Demissões de DENTISTAS - vai ser 1 dentista para 15 MIL pessoas!
- Demissões de agentes de saúde
- POCOS profissionais para atender cada vez MAIS gente
- MENOS tempo para fazer visitas domiciliares
- Plano de FECHAR as farmácias e acabar com o atendimento dos dentistas... a lista não para de crescer!
- ...OBRIGANDO AS PESSOAS A PAGAREM PLANOS DE SAÚDE POPULARES que não dão direito a QUASE NADA!

Por isso estamos CONVOCANDO todas as pessoas a LUTAR com a gente para MANTER as CLÍNICAS DA FAMÍLIA FUNCIONANDO E COM MELHORIAS.
 NÃO DEIXEM O SUS MORRER!!
 #NENHUMSERVICODESAÚDEAMENOS

A MÃO QUE CUIDA TAMBÉM LUTA!

NENHUM SERVIÇO DE SAÚDE A MENOS

Panfleto do NSSM enviado por Evelin.

A própria ocupação da rua foi palco de visibilidade. Também se falou do repertório de ações do movimento nas ruas, no auge da mobilização:

a gente estimulou que as pessoas tivessem movimentos nos seus locais de trabalho, nas ruas próximas. Por exemplo, eu lembro de um dia que foi bem importante, que a gente estava numa luta grande contra o município, que a gente teve 60 manifestações simultâneas no Rio de Janeiro. A cidade parou literalmente. Eu lembro inclusive uma coisa que chamou atenção da gente é que as coisas eram auto-organizadas, então às vezes tinham manifestações que a gente nem sabia. Por exemplo, dentro da favela do Cesarão lá em Santa Cruz, os agentes comunitários de lá organizaram com a população e foram para a rua reivindicar. Teve um dia que a gente soube que fecharam a Avenida Brasil em Santa Cruz também, a gente pensou 'ué, não tem ninguém da gente lá', mas tinha uma faixa "nenhum serviço de saúde a menos. (Carlos, conversa 1, 2021)

Nesse cenário, apesar de ser formado majoritariamente por trabalhadores dos serviços de saúde, o movimento também abrangeu usuários dos serviços e apoio da população em geral, como comerciários e até de agentes de segurança pública, que em vários momentos estavam em trincheiras opostas e que já usaram da força desproporcional até em outras ações do coletivo. Carlos conta esse episódio a seguir:

Um dia estava na manifestação na Avenida Brasil por conta do fechamento de uma unidade de saúde da família em Bonsucesso na Maré e a polícia apareceu, não era muita gente não, devia ter umas 100 pessoas, a gente pensou 'vão reprimir a gente'. Aí chegou o policial: "vem cá, vocês não vão fechar a pista não? pode fechar, a gente ajuda vocês". Aí eu até perguntei "você apoia?" - "olha só, sou policial, mas minha família toda usa o posto..." Então a gente tinha uma questão que a gente conseguiu ultrapassar a linha de ter uma reivindicação de trabalhador para ser uma linha de manifestação popular mesmo, até de setores que a gente achava que iam nos reprimir. (Carlos, conversa 1, 2021)

Por outro lado, houve divergência dentro do movimento em relação a hegemonia de algumas categorias e coletivos e das táticas adotadas em alguns casos. Evelin conta que nesse contexto surgem outras organizações, como o Movimento dos Usuários da Saúde de São Cristóvão (MUSSC), que também fizeram algumas ações de forma independente⁴². Depois das fortes mobilizações nos primeiros anos, o movimento vem deixando seus encontros e atos mais espaçados, por variados motivos: um foi o citado anteriormente, diante de algumas diferenças internas; outro foi o desgaste diante da criminalização de alguns setores, como assédio, demissões e até prisões; por fim a chegada da pandemia do coronavírus.

3.2.1 Análise de materiais

Manifestar sua cobrança contra o fechamento de serviços, defender o SUS e os direitos dos seus trabalhadores

A manifestação de rua foi a principal ação de cobrança do Nenhum Serviço de Saúde a Menos. Os protestos aconteceram em todas as regiões da cidade do Rio de Janeiro, às vezes de forma simultânea. Houve mobilizações no centro, zona norte, sul e oeste da capital do estado, além de se somarem a outras ações na região metropolitana. Na frente da prefeitura, no entorno de unidades de saúde ou fechando grandes avenidas. Faixas, cartazes, camisetas, adesivos, apitos, gritos de repúdio e falas com suas reivindicações compuseram seu repertório. Sua página no Facebook, além de convocar e repercutir esses atos, também produziu outras manifestações.

O movimento compartilhou em sua página intervenções artísticas que falavam sobre a saúde ou com críticas aos governantes de forma mais ampla que impunham políticas que eram contrários, como uma marchinha do OcupaCarnaval e um samba-enredo do bloco Concentra

⁴² Disponível em: <<https://anovademocracia.com.br/noticias/12230-rj-moradores-de-sao-cristovao-fazem-ato-em-defesa-da-clinica-da-familia-estivadores>>. Acesso em: 01. jun. 2022.

Mas Não Sai, ambas diretamente sobre Marcelo Crivella. Também fizeram vídeos com paródias próprias. Em uma delas⁴³, publicada em janeiro de 2019, usaram a música “Um novo tempo” (Marcos Valle/Paulo Sérgio Valle/Nelson Motta), que é jingle da TV Globo nos fins de ano. A música com a letra adaptada acompanha uma série de imagens com fotos, falas e reportagens que se referem ao que tá sendo cantado sobre a situação da saúde no Rio, além de registros de suas manifestações. Há protestos contra o prefeito, o secretário da Casa Civil e a secretária de saúde, quando pedem suas saídas através das *hashtags*. O refrão evoca uma outra saúde, que seja valorizada, pública, que é direito e objeto de luta. Abaixo coloca a letra, transcrita por mim.

Hoje é um novo dia de um novo tempo que começou. É Fora Crivella, Fora Messina, Fora Bia Busch, trio de horror. Se falar com a Márcia, consegue tudo. Do contrário, já se ferrou. A saúde é sua, a saúde nossa, é direito do cidadão. A saúde é sua, a saúde é nossa, é de quem quiser, quem vier. Hoje é só mentira, incompetência dessa gestão. A saúde chora, sem estrutura, um desrespeito à população. Cortes no orçamento, cortes de equipes, sempre falta medicação. A saúde é sua, a saúde nossa, é direito do cidadão. A saúde é sua, a saúde é nossa, para as demissões, digo não. A saúde é sua, a saúde nossa, é direito do cidadão. A saúde é sua, a saúde nossa, é de quem quiser, quem vier.

Uma outra maneira de usar a abordagem poética/musical foram as músicas cantadas nos protestos. Houve gritos de ordem como: “o SUS é nosso, ninguém tira da gente. Direito garantido não se compra, não se vende”, “Saúde na rua, Crivella, a culpa é sua!”, “Ei, Crivella, não tire a saúde de dentro da favela!”. No primeiro podemos perceber a ênfase na saúde como direito e não como mercadoria e na reivindicação que o SUS é uma conquista do coletivo, do povo, que tem que ser defendido para não sofrer retrocessos. Essa letra, ao contrário das outras, é anterior ao movimento, sendo cantada em diferentes lugares por diversos outros coletivos que estão na militância em defesa do SUS. Este autor ouviu e cantou em 2019 a mais de 2.300 km dos atos do NSSM, em João Pessoa/PB, em um ato que tomou as ruas em torno da Universidade Federal da Paraíba. Lá estava acontecendo o Congresso Brasileiro de Ciência Sociais e Humanas em Saúde da Abrasco, entidade científica que compôs inclusive o movimento pela reforma sanitária brasileira há mais de quatro décadas, que culminou na construção do SUS. Vemos aqui então a heterogeneidade enunciativa, as múltiplas vozes que constituem o mesmo discurso.

43 Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=600442510407165>>. Acesso em: 09. abr. 2022.

Nos últimos dois cantos citados existem críticas diretas ao prefeito e uma demarcação de lugar. Em uma mostra que quem está na rua são os profissionais de saúde, personificando “a saúde”, mostrando que ao atingir os profissionais, está atingindo a saúde como um todo e que estão ali motivados pelas ações danosas de Crivella. Na outra mostra que o prefeito, ao estar fechando clínicas da família, está cerceando o direito à saúde de uma população específica, que é a que mora nas periferias e favelas. “Vergonha, vergonha, prefeito sem vergonha!” faz uma referência ao canto das torcidas de futebol quando o seu time decepciona.

Nas manifestações também há músicas feitas de paródias, que mexem com o imaginário popular e ajudam a agregar as pessoas nas suas bandeiras. Até de jingles de empresas, como da propaganda de uma loja de departamentos do final de ano: “já é Natal na casa do Crivella e o dinheiro só ano que vem. Já é Natal na clínica da família, nem dinheiro, nem saúde a gente tem”. Há também de músicas populares, como essa versão de “Baile de Favela” (MC João):

Lá na clínica tá faltando tudo. Nos hospitais tá faltando tudo. E na farmácia tá faltando tudo. O Pezão fica calado e o Crivella fica mudo. Foi pra Rússia, acha que merece, foi pra China, acha que merece. E pra Dubai, acha que merece. Basta de viagem, a população padece. Falta salário, pensa que sou bobo. Falta funcionário, pensa que sou bobo. Diz que não tem crise, acha que sou bobo. Para de enganar, o SUS é direito do povo⁴⁴.

Na nossa conversa, Evelin diz que a primeira surgiu espontaneamente de uma agente comunitária de saúde que trabalhava em Madureira. Já a segunda foi inspirada em outra paródia de protesto, feita pelo coletivo teatral Martins Sem Pena⁴⁵.

Existem vídeos produzidos pela página que por si só são atos políticos⁴⁶. No dia 30 de abril de 2020, durante a pandemia de Covid-19, foi lançado um vídeo-protesto. Uma voz narra as palavras que vão aparecendo na tela. Em preto e branco, nome de profissionais de saúde que foram vítimas do coronavírus, ao lado dos seus respectivos locais de trabalho. Depois, em azul e branco, cores do logotipo do movimento, há o diagnóstico e o questionamento: “Muitos caíram. Quantos mais vão morrer?”. Logo, então, as bandeiras nas *hashtags*, seguidas de suas justificativas. “#QuarentenaGeral pra não adoecer. #RendaMínima pra sobreviver.

44 Transcrição feita por mim. O vídeo retrata uma manifestação do movimento, mas foi postado pelo perfil de uma participante. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vSSvEUvgt4I>>. Acesso em: 30. jul. 2022.

45 Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=1325689704124235>>. Acesso em: 01. jun. 2022.

46 Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=2044961852304965>>. Acesso em: 09. abr. 2022.

#LeitosParaTodos pra não MORRER.” No final, o logo do movimento, com o @ da página e a última *hashtag*, que denuncia um responsável: “ForaBolsonaro”.

Em diversos momentos, o movimento usou de suas redes para publicar contradiscursos para se contrapor a falas de autoridades, principalmente do então prefeito Marcelo Crivella. Um caso merece atenção. No dia 14 de dezembro de 2019, o prefeito, que é sobrinho do bispo Edir Macedo, dono da Record TV, publicou um vídeo denunciando uma série de reportagens da Rede Globo de Televisão, que falava da precariedade da rede de saúde do Rio e salários atrasados dos profissionais. O prefeito cita uma possível campanha odiosa da TV à saúde pública e seus profissionais, os chamando repetidamente de canalhas e depois falando dos investimentos feitos pela prefeitura na ocasião. A página do NSSM publicou o vídeo com a legenda dizendo que iriam comentar depois⁴⁷.

Três dias depois, os profissionais de saúde realizaram uma manifestação no centro da cidade, terminando nas tradicionais escadarias da Câmara Municipal na Cinelândia. Houve então uma resposta ao prefeito, em formato de jogral.

Figura 23: Vídeo-resposta jogral.



Captura de tela. Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=1457106454440486>>. Acesso em: 17. abr. 2022.

A página publicou dois vídeos de ângulos diferentes, um com a legenda de vídeo-resposta e outro com o manifesto por escrito⁴⁸, transcrito abaixo. No vídeo, é possível ver uma intérprete de libras logo na frente da faixa no início da escadaria, como na imagem acima. A resposta toca ponto por ponto da fala de Crivella, usando e ressignificando termos específicos que usou. Como o início do discurso do prefeito fala que a Globo faz uma campanha há 15

47 Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=544270432972607>>. Acesso em: 02. ago. 2022.

48 Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=784816758656912>>. Acesso em: 17. abr. 2022.

dias, o NSSM fala que Crivella desgoverna a cidade há três anos. As regiões da cidade e categorias de trabalhadores citadas anteriormente são apropriadas pelo movimento, deixando claro que o prefeito não fala por eles. Ao invés do malabarismo numérico de investimentos feitos pelo município, o jogral traz os dados dos cortes, do número de demitidos, da população sem saúde da família e dos problemas que ainda persistem nas unidades de saúde. Quando Crivella diz que os salários foram pagos graças à Deus, o movimento responde que foram pagos graças à luta. Por fim, a responsabilização direcionada à emissora para o “caos” é voltada para o prefeito.

RESPOSTA DOS TRABALHADORES AO PREFEITO DO RIO DE JANEIRO

(jogral)

Há tres anos o crivella

Desgoverna a cidade

De maneira genocida

Destruindo nossas vidas

Desrespeitando

Cada categoria {falar cada uma}

Desrespeitando

TODOS os trabalhadores

Nós,

De comunidades

De favelas

Do asfalto

De áreas nobres da cidade

Todos unidos!

Num só sentimento!

O CANALHA É VOCÊ

O CANALHA É VOCÊ

O CANALHA É VOCÊ

O CANALHA É VOCÊ

- Solidariedade a todos

Os trabalhadores da saúde

Graças a luta!

GRAÇAS A LUTA

Todos os salários

Estão sendo pagos

O CANALHA É VOCÊ

O CANALHA É VOCÊ

O CANALHA É VOCÊ

O CANALHA É VOCÊ

- Para cada pessoa

Que sua incompetência

Fez uma tragédia

Nunca esqueceremos!

NUNCA esqueceremos!

Os dois mil e quinhentos

Demitidos este ano

Os setecentos mil

Sem saúde da família

Está faltando TUDO

Nas unidades de saúde

Essa prefeitura

Cortou dois bilhões

DOIS BILHÕES

da saúde do Rio

{Apaga a luz

{Acende a vela

{Começa hoje o enterro do Crivella

{Apaga a luz

{Acende a vela

{Começa hoje o enterro do Crivella

- Crivella!

Você

é o responsável pelo CAOS

O CANALHA É VOCÊ

O CANALHA É VOCÊ

O CANALHA É VOCÊ

O CANALHA É VOCÊ

{A culpa não é minha

{Que trabalhava e não comia

{A culpa não é minha

{Que trabalhava e não comia

O manifesto é paralisado em alguns momentos por cantos dos manifestantes, que seguem efusivos após o final. O refrão é contundente e repetido várias vezes: “o canalha é você!”. Neste exemplo é nítida a circularidade entre mídias: um vídeo de repúdio a uma emissora de televisão é lançado nas redes digitais e depois um coletivo se apropria da discussão e responde coletivamente na rua, compartilhando então novamente na internet. Mas a circulação não foi só tecnológica, mas discursiva, quando o movimento responde ao prefeito a partir dos seus próprios termos, resignificando-os através do seu contradiscurso. A paródia nesse caso foi uma estratégia de desqualificação da fala do outro, a partir da ridicularização de seu discurso. No episódio desse vídeo-resposta, poderíamos atualizar a expressão popular “o feitiço voltou contra o feiticeiro” para o vídeo voltou contra o prefeito.

Carlos em nossa segunda conversa contou um outro episódio marcante com um jogral, que aconteceu de forma aleatória. No primeiro ato realizado na frente da prefeitura, o movimento foi entregar o seu manifesto. O prefeito na ocasião não recebeu o movimento e designou a guarda municipal para cercar o prédio. Resolveram então ressoar a sua carta, mas estavam sem som. A partir dessa situação, fizeram um jogral como uma estratégia de amplificar o recado do movimento, lendo o seu manifesto através de aproximadamente 4 mil pessoas que lá estavam, segundo o participante. Aqui há uma justificativa contextual, que a partir da necessidade do momento usaram dessa maneira de comunicar de forma espontânea ao multiplicarem as vozes em um mesmo discurso. Carlos também contou de um jogral dentro de ações teatrais do movimento, como um inspirando na luta feminista que ocorria na época no Chile e que circulou bastante no país na época através de um vídeo. Vemos novamente como a semiose infinita está presente nas vozes dos movimentos sociais, em que

seu ecoar é facilitado através das tecnologias digitais.

Nas manifestações de rua, haviam diversas faixas e cartazes, com as reivindicações quase sempre acompanhadas de *hashtags*. Várias com o nome/bandeira do movimento, contra o prefeito, em defesa do SUS e até com algumas frases que faziam parte das palavras de ordem cantadas. Algumas outras variavam de acordo com o lugar de interlocução no coletivo, a partir de pautas específicas que afligiam cada ator/categoria, mas incorporando o lema geral contra o fechamento de serviços. Os agentes comunitários de saúde gritavam nas cartolinas: nenhuma equipe a menos! Os odontólogos foram além, fazendo uma metáfora: nenhum sorriso a menos!

Carlos citou o fechamento de ruas como uma estratégia do movimento para chamar atenção de algumas situações específicas. Evelin contou sobre um ato que realizaram na Avenida Brasil, na altura do Caju, em que conseguiram fechar uma parte da rua. Ela lembra especialmente da fala de Maria do Carmo, que foi registrada em vídeo na página⁴⁹. A senhora esbraveja ao microfone, cobrando Crivella pela falta de seu remédio. Evelin ressalta sua participação:

ficamos lá um bom tempo com as palavras de ordem, com carro de som. Aí o carro de som quebrou, a gente ficou lá no gogó. Tinha uma senhorinha nossa, ela tem uns 80 e poucos anos, evangélica e ela dizia assim: "abre o olho, Crivella, não mexa com o Deus vivo!". Me arrepio só de falar. Porque ela percebia o quanto que ele sendo teoricamente de uma igreja cristã, usava o nome de Deus para falar coisas que não tinham nada a ver. Então foi muito bonito esse ato, esse nosso movimento, a gente conseguiu passar no RJ TV e tal... (Evelin, conversa 1, 2021)

Podemos perceber na fala de Maria e na constatação de Evelin novamente a estratégia de operar no campo discursivo do outro, disputando os sentidos a partir do discurso religioso e de quem pode falar em nome de Deus.

Um outro campo de batalhas em que o movimento esteve foi através das disputas institucionais, através de ações na justiça e pressão nas assembleias legislativas. Evelin contou sobre um ato que realizaram do lado de fora de uma audiência pública, sob forte chuva, ocupando as escadarias da câmara municipal com seus gritos e guarda-chuvas. Um outro citado foi em frente ao Tribunal Regional do Trabalho:

quando a gente estava fazendo a volta, o som subiu e aí a juíza mandou falar que a gente estava atrapalhando a audiência. Aí a gente falou: "então, é pra escutar mesmo, a gente está aqui para escutarem a voz da gente, a gente para se você resolver nosso problema. A gente não vai parar enquanto não resolver". Então foi muito legal a força, a potência do coletivo na rua mesmo. (Evelin, conversa 1, 2021)

49 Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=1799460070198613>>. Acesso em: 03. ago. 2022.

Dar visibilidade ao movimento

No dia 06 de novembro de 2017 aconteceu uma manifestação na Rocinha, maior favela do Brasil. Entre outros registros, a página publicou uma foto (que se tornou a capa) da passarela projetada por Oscar Niemeyer que fica acima da autoestrada Lagoa-Barra com uma enorme faixa com letras garrafais contendo a frase “#NenhumServiçoDeSaúdeAMenos” (Figura 24). No canto da faixa aparecem as letras CFRDL, sigla da Clínica da Família Reinaldo De Lamare, que é situada próxima do local. Em primeiro plano, há também um agente comunitário de saúde, identificado com seu colete, tirando uma foto do ato. A foto é carregada de simbolismos. A faixa contém o nome do movimento, que é também um grito, uma reivindicação. É acompanhada de uma *hashtag*, representando o que Dias (2016b) já tinha falado sobre a materialidade digital, nesse caso o atravessamento do discurso proveniente de uma cultura digital para a tinta pintada no pedaço de pano. É destacado o lugar dos atores daquele protesto: a clínica da família daquele território, o agente que também está registrando em seu celular a manifestação.

Figura 24: #NenhumServiçoDeSaúdeAMenos na passarela.



Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/NenhumServicoMenos/photos/a.278010012678789/317651652047958>>. Acesso em: 12. abr. 2021.

No dia 18 de outubro de 2017, aconteceu uma grande manifestação na frente da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. A luta pelos serviços de saúde fechou a Avenida

Presidente Vargas com seus corpos, faixas, cartazes, apitos, instrumentos musicais e carros de som. A página do NSSM transmitiu ao vivo⁵⁰ apenas com a legenda “Agora na Prefeitura”. O tom de imediatismo opera como um grande motor para a circulação. A transmissão de apenas 1 minuto e quatro segundos teve 178 comentários e mais de 108 mil visualizações, viralizando rapidamente. O movimento fez isso em diversos outros momentos, chegando em alguns a cobrir boa parte dos atos. No dia 09 de agosto de 2017, uma semana depois da fundação do coletivo, foi feita uma transmissão⁵¹ de mais de uma hora de um protesto na rua, acompanhando boa parte do trajeto: “Ao vivo!”, dizia a descrição. Nos comentários, a página ainda ia atualizando a localização, sendo um bom instrumento de convocação: “Chegando agora na Av. Brasil”; “O ato segue entrando na Fiocruz neste momento”.

Outra maneira de circulação das manifestações foram vídeos produzidos a partir de atos do movimento. No dia 13 de novembro de 2017, por exemplo, houve uma manifestação na Ilha do Governador. No dia seguinte, a página publicou um vídeo⁵² já editado sobre o ato da véspera, contendo trechos da passeata, com suas faixas, cartazes, falas no microfone e músicas. No fundo, tocava a música “Linha de frente” (autoria de Criolo). O título da faixa do rapper paulistano é um termo usado para designar os profissionais da saúde da atenção básica, assim como pode dar o sentido dos que estão na frente do combate. No final do vídeo, aparece uma tela preta com a *hashtag* que nomeia o movimento, apenas com o áudio do último trecho de vídeo filmado, com os tradicionais dizeres “o SUS é nosso, ninguém tira da gente. Direito garantido não se compra, não se vende”.

A sátira e/ou o humor foram outras abordagens utilizadas na rede digital do movimento para circular seus discursos. Metáforas, paródias, ironias estiveram presentes em memes, montagens, vídeos, fotos e músicas. No dia 08 de novembro de 2018, a página atualizou sua foto de capa para o Estádio de São Januário, do Club de Regatas Vasco da Gama, localizado na zona norte da cidade (Figura 25). A foto da arquibancada cheia realizada em um jogo com 18 mil torcedores foi destacada para ilustrar a quantidade de pessoas que ficariam sendo atendidas com apenas uma equipe de saúde da família com a reestruturação que Crivella estava fazendo na época, cortando diversas equipes, estopim para criação do

50 Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=304989766647480>>. Acesso em: 09. abr. 2022.

51 Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=280734082406382>. Acesso em: 15. abr. 2022.

52 Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=315268572286266>>. Acesso em: 09. abr. 2022.

movimento. A escolha da metáfora como referência chama a atenção das pessoas através do imaginário afetivo de uma população muito ligada à cultura futebolística.

Figura 25: São Januário lotado.



Disponível em: <<https://www.facebook.com/NenhumServicoMenos/posts/502431340236654>>. Acesso em: 10. abr. 2022.

No fim de agosto de 2020 circulou uma notícia sobre funcionários da prefeitura que estavam impedindo profissionais da imprensa de realizarem reportagens nas unidades de saúde da cidade. Tal grupo denominava-se “Guardiões do Crivella”. No dia primeiro de setembro, então, a página publica duas montagens (trazidas nas figuras abaixo) referentes à filmes de super-heróis, que são recorde de bilheterias. A primeira era sobre o próprio grupo no cartaz de “Guardiões da Galáxia” com os rostos trocados: o prefeito vinha centralizado, com os tais assessores que agrediam os jornalistas em volta, os vilões da saúde pública. A outra montagem era a partir do filme “Pantera Negra”, simbolizando o outro lado, dos heróis da resistência. Os personagens estavam de máscara ao lado do logo do movimento e de um desenho de um médico com o texto escrito “Nós somos guardiões do SUS! Fora Crivella”.

Figura 26: Guardiões do Crivella.



Disponível em:

<<https://www.facebook.com/NenhumServicoMenos/photos/942288076250976>>. Acesso em: 15. abr. 2022.

Figura 27: Guardiões do SUS.



Disponível em:

<<https://www.facebook.com/NenhumServicoMenos/photos/942528162893634>>. Acesso em: 15. abr. 2022.

O NSSM também usou da grande visibilidade de artistas como estratégia de comunicação para fortalecer o movimento, mas de forma mais pontual. Atores como Regiana Antonini, Giovanna Antonelli, Gregorio Duviver, Lucelia Santos, Marcelo Valle, Rodrigo Simas, Leticia Isnard e Mateus Solano gravaram vídeos que foram publicados na página denunciando a grave situação dos serviços de saúde na cidade, entre outros retrocessos ocorridos em âmbito estadual e federal, engrossando o coro por nenhum serviço de saúde a menos. O último artista mencionado também gravou convocando a população para participar das mobilizações e assembleias. A página, aproveitando o apoio do ator, publicou um meme (que se tornou capa) com Solano a partir de uma cena da novela que protagonizava na época. O personagem com um telefone na mão dá um recado: “Alô, Crivella! NENHUM SERVIÇO DE SAÚDE A MENOS!”. No canto da imagem a frase “Em defesa do SUS” (Figura 28).

Figura 28: Alô, Crivella!



Disponível em:

<<https://www.facebook.com/NenhumServicoMenos/photos/a.278010012678789/318232715323185>>.

Acesso em: 30. jul. 2022.

3.2.2 Mapas

A construção do mapa (Figura 29) foi feita com as mesmas categorizações citadas anteriormente no caso do Morhan. Em comparação com o movimento, o NSSM tem menos interlocutores de visibilidade, menor repertório de ações, produtos e meios tecnológicos, o que pode ser explicado pelo caráter mais fluido de sua organização, um oitavo do seu tempo de atuação e também pela abrangência territorial, reduzida a região metropolitana de uma cidade. Por outro lado, o NSSM tem mais seguidores e conseqüentemente visibilidade através de sua página no Facebook do que o movimento mais antigo. Demonstraram um amplo leque de ações comunicacionais e produtos midiáticos, que possuem enorme criatividade, espontaneidade e relação com a cultura local.

Figura 29: Mapa dos dispositivos de comunicação do NSSM.



Produção própria.

Tanto Evelin quanto Carlos afirmaram em nossas conversas que o papel das redes digitais foi muito importante para a mobilização. Quando perguntada se as tecnologias digitais poderiam contribuir para a formação de novos movimentos sociais, como o NSSM, Evelin afirmou que elas sem dúvidas foram e podem ser facilitadoras, ferramentas, mas não uma causa. Os grupos no WhatsApp e a página no Facebook no caso do movimento ajudaram a organização e a sua consolidação, mas o encontro presencial é que foi catalisador.

4 CONCLUSÕES

“Chegar e partir são só dois lados da mesma viagem”, escreveram Milton Nascimento e Fernando Brant em mais um verso da dupla do Clube da Esquina⁵³. Já o escritor Eduardo Galeano contou uma vez sobre um encontro que teve com o cineasta Fernando Birri, em que seu amigo fez uma consideração a partir de uma pergunta sobre para que servia a utopia⁵⁴. Ele afirmou que a utopia está no horizonte e é inalcançável, pois a cada passo que caminhamos, ela também se distancia proporcionalmente. O sentido da existência da utopia seria então o próprio caminhar. Vejo o trem dos encontros e despedidas e a utopia como o ato de caminhar como metáforas que nos ajudam a pensar sobre o processo de pesquisa: a produção do conhecimento segue teorias, métodos, inclui ouvir, dialogar, ler, escrever, trazer novidades a partir das reflexões e análises, mas é sempre temporária e inacabada. Aqui traremos conclusões da pesquisa, pela qual buscamos deixar contribuições para os movimentos, para o campo da C&S e outros caminhos abertos.

Vimos que os movimentos sociais possuíram uma grande diversidade de tecnologias, materiais e estratégias comunicacionais para mediar suas lutas. Apesar de ser um conceito usado em outros contextos, me aproprio do termo de ecologia das mídias para propor pensá-la no sentido em que Santos (2010) propõe as cinco ecologias contra os monopólios à luz das epistemologias do sul. Considero que esses movimentos dão o exemplo de uma ecologia das mídias, usando múltiplas linguagens para afetar os corações e mentes com quem interagem, destoando do logocentrismo.

Outra característica percebida foi a hibridização midiática em suas ações, quando houve coexistência de diversas tecnologias e produtos em uma mesma ação, como a participação do Morhan no O Clone. A cena na novela mostra o cartaz, que deixa o número de telefone. A circulação entre mídias também merece destaque. Por exemplo, quando o NSSM convoca através da internet para um ato na rua, onde são distribuídos panfletos que chamam a população para curtir a página, em que está sendo transmitida ao vivo a manifestação.

Os movimentos usaram grande criatividade em suas ações comunicacionais e produtos midiáticos, quando percebemos a sua nítida relação com a cultura local. Do cordel do Morhan

53 Música “Encontros e despedidas”. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/4RfH0fVOtKKsEFINARThZ2?si=75b17bfec0314da4>>. Acesso em: 17. ago. 2022.

54 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RFNt1A_UmS4>. Acesso em: 17. ago. 2022.

à paródia de funk do NSSM, foram vários os exemplos de estratégias de comunicação contextualizadas com os afetos populares. Essa conexão é correspondente a uma visão da comunicação em sintonia com os princípios e diretrizes do SUS e guarda uma relação dialética com as tecnologias digitais: as ideias de universalidade, equidade, integralidade, participação, descentralização, hierarquização se conectam com a abertura dos movimentos à novas estratégias, ao mesmo tempo que a característica das tecnologias digitais pode contribuir para a materialização desses elementos.

As tecnologias digitais potencializam as possibilidades de luta, organização e visibilidade dos movimentos, mas não mudam os seus objetivos estratégicos. Ampliam o repertório de ações e produtos, mas não substituem totalmente as anteriores. No caso do Morhan, que já tinha uma trajetória de produção de comunicação há décadas antes da incorporação das tecnologias digitais, foi constatado que essa apropriação não substituiu totalmente as tecnologias anteriores, às vezes só transformou o que já existia: o jornal passou a ser digital, o Zaphansen substituiu o Telehansen, manifestações começaram a ser feitas em *live*. Os motivos que desencadearam essas mudanças variaram. Nas primeiras duas mudanças citadas a causa foi financeira. Já as manifestações em *live* foram catalisadas pelo contexto sanitário, pois começaram durante a pandemia de Covid-19, em que o distanciamento físico era necessário. Em relação ao NSSM, que surge em um contexto impulsionado pelas tecnologias digitais, sempre teve nas ruas a principal tecnologia de comunicação com a sociedade, mas com a incorporação do discurso digital, começando pelo seu nome. O Morhan também ressaltou a preponderância do corpo a corpo.

Por fim, constatamos que a marcante espontaneidade de ações e iniciativas de comunicação dos movimentos, enriquece e democratiza a criação da comunicação. Esse característica foi catalisada pelas tecnologias digitais, que fortalecem os contatos internamente, acelerando as possibilidades de interlocução e abrindo mais janelas na medida em que mais pessoas têm acesso aos meios de produção da comunicação. Podemos parodiar a frase de Glauber Rocha que marcou o movimento do Cinema Novo⁵⁵: um smartphone na mão, uma ideia na cabeça.

Essa pesquisa não pretendeu abarcar a totalidade da comunicação dos movimentos, mas os seus principais elementos e o modo pelo qual se apropriaram das tecnologias digitais. Destacamos a importância de ampliar as análises com outros movimentos, assim como

55 “Uma câmera na mão, uma ideia na cabeça”.

temporalmente, além de especificamente observar de forma mais distante os possíveis efeitos na comunicação dos movimentos decorrentes da pandemia de Covid-19. Os movimentos não param de surgir e de se reinventar e sempre têm a nos ensinar sobre comunicação, tecnologias e saúde. Encerro aqui as conclusões da pesquisa, ressaltando essa dimensão pedagógica dos movimentos sociais, reproduzindo uma frase muito presente nos movimentos ligados à educação, como o de professores, que passei a caminhar junto neste ano: “quem luta, educa”.

REFERÊNCIAS

ALCOFF, Linda. O problema de falar por outras pessoas. Traduzido por SILVA, V. R. C. da S.; ZEFERINO, H. M. dos S.; CHAGAS, A. C. C. S. das. *Abatirá - Revista De Ciências Humanas E Linguagens*, Eunápolis, v. 1, n.1, 409-438. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/8762>>. Acesso em: 02. ago. 2022.

ALFONSIN, B. M; et al. Ninguém solta a mão de ninguém: a ampliação do repertório de práticas organizativas de comunidades de baixa renda de Porto Alegre na resistência aos ataques ao direito à cidade e à COVID-19. *INSURGÊNCIA: REVISTA DE DIREITOS E MOVIMENTOS SOCIAIS*, v. 7, p. 23-50. 2021.

ALMEIDA FILHO, Naomar de. *O que é saúde?* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

AMORIM, Marília. Temática da alteridade. In: _____. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editorial, 2001.

ARAÚJO, Inesita Soares de. Comunicação, Saúde e Cidadania no Brasil. In: GONÇALVES, Gisela; FELIPPI, Angela. (Orgs.). *Comunicação, Desenvolvimento e Sustentabilidade*. Covilhã, Portugal: Livros Labcom Books, 2014, v. II, p. 111-122.

_____. Lugar de fala, interlocução e escuta, pelo qual se possa conhecer, compreender e apoiar as lutas de Comunicação e Saúde. In: *Ensaios & Diálogos em Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, Abrasco, número 4, junho de 2017. p. 11-14. Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/revistas/ensaios-dialogos-em-saude-coletiva/ensaios-dialogos-em-saude-coletiva-numero-4/29315/>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

_____. Mercado Simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.8, n.14, p.165-77. set.2003-fev.2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/icse/v8n14/v8n14a09.pdf>>. Acesso em: 14. abr. 2021.

_____. Mercado simbólico: interlocução, luta, poder. Um modelo de comunicação para políticas públicas. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

_____. O olhar semiológico. In: _____. *A reconversão do olhar: prática discursiva e produção dos sentidos na intervenção social*. São Leopoldo, Ed. UNISINOS, 2000. p. 109-169.

_____. Os tambores do Olimpo e os tambores da Grécia: por melhores lugares de interlocução. In: FAUSTO NETO, A. (Org.). Os mundos das mídias: leituras sobre a produção de sentidos midiáticos. João Pessoa: Editora da UFPB, 2006. p. 233-251.

_____. Por uma semiologia das ausências e emergências: metodologia para ver e fazer ver as carências e resistências comunicacionais em saúde. Relatório de pesquisa de pós-doutoramento. Centro de Estudos Sociais / Universidade de Coimbra. 2015. Em publicação.

_____. Tempos idos, tempos vindos. Muita história por contar, muita história por fazer. In: D'ÁVILA, Cristiane; TRIGUEIROS, Umberto (Orgs.). Comunicação, mídia e saúde: novos agentes, novas agendas. Rio de Janeiro, Luminatti Editora, 2017. p. 11-20.

ARAUJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine. Miranda. Comunicação e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

ARAUJO, Inesita Soares de; MOREIRA, Adriano de Lavor; AGUIAR, Raquel. Doenças negligenciadas, comunicação negligenciada. Apontamentos para uma pauta política e de pesquisa. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v.6, n.4, 2013.

ARAÚJO, S.; SANTOS, S. J. Os media e a proposta das Epistemologias do Sul. *JANUS – Anuário*, Lisboa, p. 78-79. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: _____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA-PEREIRA, Alexandre. Os “rolezinhos” nos centros comerciais de São Paulo: juventude, medo e preconceito. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Colômbia, v.14, n. 1, p. 545-557. 2016. Disponível em: <<https://revistaumanizales.cinde.org.co/rclsj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/2385>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

BECKER, H. S. Sobre Metodologia. In: BECKER, H. S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

BHABHA, H. K. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORGES, Wilson. Espaço Publiático e hegemonia ideológica: construção narrativa atravessada pelo imaginário. Passagens. *Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*. v. 2, n. 4, p. 153-180. 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3373/337327173008.pdf>>. Acesso em: 14. abr. 2021.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. Epistemologia e metodologia. In: _____. Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa em sociologia. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: Ortiz, Renato (Org.). Bourdieu – Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. v. 39. p. 122-155. Disponível em: <<https://cienciatecnosociedade.files.wordpress.com/2015/05/o-campo-cientificopierre-bourdieu.pdf>>. Acesso em: 16. out. 2020.

_____. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. E-Compós, v. 14, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/665>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

BRINGEL, Breno e PLEYERS, Geoffrey. Introducción: La pandemia y sus ecos globales. In: _____. (Eds.). Alerta global: políticas, movimientos sociales y futuros en disputa en tiempos de pandemia. CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 1ª ed. 2020. p. 09-32.

CANDÓN MENA, José; BENÍTEZ EYZAGUIRRE, Lúcia. Introducción: movimientos sociales, tecnología y democracia. Una relación conflictiva. In: _____. (Eds.). Activismo digital y nuevos modos de ciudadanía: una mirada global. Bellaterra: Institut de la Comunicació; Universitat Autònoma de Barcelona, 2016. p. 7-12.

CANEVACCI, Massimo. Fluxos sincréticos: entrevista com Massimo Canevacci. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 48, n. 2, p. 346-367, 2017. Entrevista concedida a Glória Diógenes e Márcio Fonseca Benevides.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. Conferência promovida pelo Presidente da República. Lisboa, 4 e 5 de Março de 2005.

_____. Redes de indignação e esperança - Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CASTRO, Manuela. A praga. São Paulo: Geração Editorial, 2017.

CATINI, Carolina de Roig; MELLO, Gustavo Moura de Cavalcanti. Escolas de luta, educação política. Educ. Soc., Campinas, v. 37, n. 137, p.1177-1202. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/S7c7LdHGSMR6WC4j6VQb6LR/?lang=pt&format=pdf.>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

DELLA PORTA, Donatella. Movimentos sociais em tempos de Covid-19: outro mundo é necessário. OpenDemocracy, 26 de março de 2020. Disponível em:

<<https://www.opendemocracy.net/pt/movimentos-sociais-tempos-de-covid-19-mundo-necesario/>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

DIAS, Cristiane. A Análise do Discurso Digital: um campo de questões. Caderno de Estudos do Discurso e do Corpo, Vitória da Conquista, v. 10, p. 8-20. 2016a. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515>>. Acesso em: 14. abr. 2021.

_____. A materialidade digital da mobilidade urbana: espaço, tecnologia e discurso. Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos, Campinas, n. 37, p. 157-175. 2016b. Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao37/edicao37.html>>. Acesso em: 14. abri. 2021.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era pós-socialista. Cadernos de Campo, São Paulo, v. 15. n.14-15, p. 231-239. 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50109>>. Acesso em: 14. abr. 2021.

GUERRERO ARIAS, Patricio Guerrero. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). Calle14: revista de investigación en el campo del arte, v. 4, n. 5, p. 80-94. 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2790/279021514007.pdf>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. Novas tecnologias e protestos sociais: Primavera Árabe, Indignados, Occupy 2011-2012. In: _____. Sociologia dos movimentos sociais. São Paulo: Cortez, 2014.

GOMES, P. G. Miatização: um conceito, múltiplas vozes. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 23, n. 2. 2016. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22253>>. Acesso em: 14. abr. 2021.

GOSS, K. P; PRUDENCIO, K. O conceito de movimentos sociais revisitado. Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política (UFSC), Florianópolis, v. 2, p. 75-91. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13624>>. Acesso em: 14. abr. 2021.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. Micropolítica – Cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

HONNETH, Axel. Reconhecimento ou redistribuição? A mudança de perspectivas na ordem moral da sociedade. In: SOUZA, Jessé; MATTOS, Patrícia (Orgs.). Teoria crítica no século XXI. São Paulo: Annablume, 2007. p. 79-93.

JASPER, James. Introdução: fazer protesto; O que são os movimentos sociais? In: _____. Protesto: uma introdução aos movimentos sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. p. 19-60.

LACLAU, Ernesto. Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 1, n. 2. 1986. Disponível em: <http://anpocs.com/images/stories/RBCS/02/rbcs02_04.pdf>. Acesso em: 14. abr. 2021.

LERNER, Katia.; ARAUJO, Inesita Soares de.; AGUIAR, Raquel.; PROTASIO, João Verani. A circulação do sofrimento - Visibilidade e protagonismo em novas configurações comunicacionais. In: CASTRO, Paulo César (Org.). Circulação discursiva e transformação da sociedade. Campina Grande: EDUEPB, 2018. p. 48-76.

McADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. Lua Nova, São Paulo, n. 76, p. 11-48. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/RQjHbvGyjtbf3SCYnWSfKF/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

MCCARTHY, J. D.; ZALD, M. N. Resource mobilization and social movements: a partial theory. American Journal of Sociology, Chicago, v. 82, n. 6, p. 1212-1241. 1977. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/226464>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? Lua Nova, São Paulo, n. 17, p. 49-66. 1989. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/g4ySjtRNsbjW73tXTR4VNNs/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

MENDONÇA, R. F. Reconhecimento e Deliberação: as lutas das pessoas atingidas pela hanseníase em diferentes âmbitos interacionais. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual. In: CASTRO, Celso. Textos básicos de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 129-151.

MORAES, Dênis de. (Org.). Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

MURTINHO, R.; STEVANIM, L. F. F. Políticas de comunicação, cidadania e saúde no Brasil contemporâneo. In: SACRAMENTO, I. (Org.). Mediações comunicativas da saúde. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017. p. 135-164.

NUNES, J. A. As dinâmicas da(s) ciência(s) no perímetro do centro: Uma cultura científica de fronteira. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, v. 63, p.189-198. 2002. Disponível em: <<https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rces/artigos/63/RCCS63-189-198-Joao%20Arriscado%20Nunes.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2020.

NUNES, J. A. Descolonizar os saberes para uma saúde planetária. Disponível em: <<https://alicenews.ces.uc.pt/?lang=1&id=32215>>. Acesso em: 02. ago. 2022.

NUNES, J. A; LOUVISON, M. Epistemologias do Sul e descolonização da saúde: por uma ecologia de cuidados na saúde coletiva. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 29, n. 3. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/sausoc/2020.v29n3/e200563/pt/>>. Acesso em: 02. ago. 2022.

PAIM, J. S. O que é o SUS. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

PERUZZO, Cicilia. Cidadania comunicacional e tecnopolítica: feições do midiativismo no âmbito dos movimentos sociais populares. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (Orgs.). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 43-61.

_____. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. Contemporânea, Salvador, v. 11, p. 161-181. 2013. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewArticle/6980>>. Acesso em: 14. abr. 2021.

PINTO, Milton José. As marcas linguísticas da enunciação: Esboço de uma gramática enunciativa do português. Rio de Janeiro: Numen, 1994.

PORTO, Marcelo Firpo; ROCHA, Diogo Ferreira da; FASANELLO, Marina Tarnowski. Saúde, ecologias e emancipação: conhecimentos alternativos e tempos de crise(s). São Paulo: Hucitec, 2021.

SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAFFER, Denis Axelrud; MATTOS, Leonardo Vidal; REGO, Sábata Rodrigues de Moraes. Nenhum Serviço de Saúde a Menos: movimentos sociais, novos sujeitos políticos e direito à saúde em tempos de crise no Rio de Janeiro, Brasil. *Saúde em debate*, Rio de Janeiro, v.44, p.147-159. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-11042020000500147&script=sci_arttext>. Acesso em: 14. abr. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. Compilado por Maria Paula Meneses et al. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

_____. Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade. Porto: Edições Afrontamentos, 1999.

SCHERER-WARREN, ILSE. Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 13, n. 28, p. 13-34. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2014v13n28p13>>. Acesso em: 14. abr. 2021.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, ed. 97, vol. 32, n. 3, p. 23-40. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/6WV7TBcKVrbZDdb7Y8mFVZp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, D. D. (Org.). *Sociedade Midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 19-31.

SOUSA, Artur Custódio Moreira de. Hanseníase no Google: entre a invisibilidade e a estigmatização. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

STEVANIM, Luiz Felipe; MURTINHO, Rodrigo. *Direito à Comunicação e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

TOURAINÉ, Alain. Os novos conflitos sociais: para evitar mal-entendidos. Lua Nova, São Paulo, n. 17, p. 5-18. 1989. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/tTnhY6qvJhHxBQLxpZzLS8f/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

VERÓN, Eliseo. Teoria da mediação: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. MATRIZES, São Paulo, v. 8, n. 1, p.13-19. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928>>. Acesso em: 14. abr. 2021.

VIEIRA, Marcelo Luciano. Os rumos da cidadania das pessoas atingidas pela hanseníase: uma análise do papel do Morhan no contexto da Constituição de 1988. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MATERIAIS DE PESQUISA

MORHAN. Cadernos do Morhan, Edição de Lançamento, novembro de 2006.

_____. Cartilha Hanseníase e Comunicação, janeiro de 2022.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 0, 1º trimestre de 1982.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 1, 3º trimestre de 1982.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 2, 1º trimestre de 1983.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 3, 2º trimestre de 1983.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 4/5, 1º trimestre de 1983.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 6, setembro de 1984.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 7, maio de 1985.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 8, setembro de 1985.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 9, dezembro de 1985.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 10, março de 1986.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 11, setembro de 1986.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 12, julho de 1987.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 13, janeiro de 1988.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 14, junho de 1988.

- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 15, abril de 1989.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 16, fevereiro de 1990.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 17, junho de 1990.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 18, outubro de 1990.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 19, novembro de 1991.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 20, 2º trimestre de 1993.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 21, 3º trimestre de 1993.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 22, 4º trimestre de 1996.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 23, 1º trimestre de 1997.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 24, 2º trimestre de 1997.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 25, 1º trimestre de 1998.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 26, outubro/novembro de 1998.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 27, janeiro/fevereiro de 1999.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 28, março/abril de 1999.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 29, 1999.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 30, julho/agosto de 1999.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 31, dezembro de 1999.

- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 32, janeiro/fevereiro de 2000.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 33, março/abril de 2000.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 34, maio/junho de 2000.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 35, julho agosto de 2000.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 36, setembro/outubro de 2000.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 37, março/abril/maio de 2001.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 39, agosto/setembro de 2004.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 40, agosto/setembro de 2004.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 41, janeiro/março de 2005.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 42, janeiro/março de 2006.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 43, abril/junho de 2006.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 44, dezembro de 2006/janeiro de 2007.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 45, junho/agosto de 2007.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 46, outubro de 2007/janeiro de 2008.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 47, fevereiro/dezembro de 2008.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 48, janeiro/abril de 2009.
- _____. JORNAL DO MORHAN. Número 49, maio/agosto de 2009.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 50, setembro/dezembro de 2009.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 51, janeiro/abril de 2010.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 54, agosto/dezembro de 2011.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 55, janeiro/junho de 2013.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 56, edição especial Encontro Nacional do Morhan, 2013.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 57, segundo semestre de 2013/2014.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 58, 2013.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 59, sem data, entre 2015/2016.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 60, março/setembro de 2019

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 61, outubro de 2019/março de 2020.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 62, abril/agosto de 2020.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 63, setembro/dezembro de 2020.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 64, janeiro/fevereiro de 2021.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 65, março/junho de 2021.

_____. JORNAL DO MORHAN. Número 66, julho de 2021/março de 2022.

_____. Canal do Youtube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/channel/UCpVF928XjrxgG73appd_nCA>. Acesso em: 30. ago. 2022.

_____. Homepage. Disponível em: <<http://www.morhan.org.br/>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

_____. Página do Instagram. Disponível em:
<<https://www.instagram.com/morhannacional/>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

_____. Página do Facebook. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/Morhan.Nacional>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

_____. Página do Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/morhanbr?s=20&t=7sogRlbr4IuqG4UExwcowQ>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

NENHUM SERVIÇO DE SAÚDE A MENOS. Página do Facebook. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/NenhumServicoMenos>>. Acesso em: 30. ago. 2022.

ANEXO A - Instrumento de pesquisa

Lançaremos mão do que Araujo (2015) chama de “Conversações”, que consistem em um conjunto de aproximações com os grupos sujeitos da pesquisa que incluem conversas individuais e coletivas, cartografia compartilhada das práticas comunicacionais, assim como compartilhamento das análises e resultados preliminares da pesquisa.

Os eixos das conversas serão os recursos e estratégias de comunicação dos movimentos ao longo de sua história. Debateremos quem são os atores que falam, por qual meio se comunicam e para quem se dirigem. Destacaremos o lugar das tecnologias digitais nesse processo para melhor compreendermos as mudanças nas suas práticas comunicacionais. Serão questões catalisadoras das interações: quais os meios de comunicação utilizados pelos movimentos ao longo do tempo para sua organização interna? Quais os usados para a expressão de suas pautas diante da sociedade? O que justificam suas escolhas e suas mudanças? Quando ocorreram? Quem são os componentes do movimento? Surgem novos atores em cena a partir do uso de determinada mídia? Como e por quem são pensadas suas estratégias comunicacionais? Para quem dirigem suas falas? Em relação aos mais antigos, como as tecnologias digitais afetaram suas práticas comunicacionais? Elas substituíram outras formas de se comunicarem ou complementaram outros recursos e estratégias? Mudaram como o movimento se organiza e se articula? Como as novas configurações comunicacionais contribuíram para o surgimento dos movimentos mais recentes? Esses usam outras tecnologias comunicacionais para além das digitais?

Juntamente com os participantes, será feito um mapa dos dispositivos e interlocutores e também uma linha do tempo de cada um dos grupos. A análise dos materiais e construção das linhas e mapas desenhadas após as primeiras conversas e depois validadas por cada movimento em um segundo momento. Conversaremos com duas pessoas de três grupos e três pessoas de um grupo. Cada conversa será separada por coletivo e posteriormente conversaremos com todos juntos. Por causa da grave pandemia de Covid-19 e o necessário distanciamento físico, as conversas deverão ser por videochamadas através de aplicativo a ser escolhido conjuntamente com os participantes.

ANEXO B - Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

Olá! Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “#NenhumDireitoAMenos: comunicação, tecnologias digitais e movimentos sociais da saúde”. O estudo é coordenado por João Verani Protasio, aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). É orientado por Inesita Soares de Araujo, professora do programa e pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces) da mesma instituição.

Sabemos que os movimentos sociais historicamente foram fundamentais para as transformações sociais e a conquista de direitos. A comunicação, entendida como relação e forma de dar sentido às coisas do mundo, é uma dimensão importante para expressar suas lutas e articular sua organização. Ao longo do tempo os movimentos sociais sempre produziram seus canais de comunicação, usando de diversas estratégias e veículos. Mais recentemente, temos acompanhado a multiplicação dessas possibilidades a partir dos meios digitais. O objetivo da pesquisa é conhecer melhor as características comunicacionais dos movimentos sociais da saúde na sua configuração contemporânea, destacando os processos de mudanças que podem ter ocorrido com a apropriação das tecnologias digitais. Queremos observar se os movimentos mais antigos se diferenciam dos mais recentes, se há um deslocamento de suas práticas comunicacionais para os meios digitais e de que forma isso pode ter ocorrido.

Teremos quatro movimentos sociais da saúde no recorte da pesquisa, de diferentes territórios e dimensões, pautas e tempo de existência. Sua participação está relacionada à sua atuação em um deles. Na primeira parte da pesquisa, será feita uma conversa com você para aprofundarmos o conhecimento sobre o movimento que compõe para além do que já pudemos observar nas redes sociais digitais. Caso você ache necessário poderá indicar outras pessoas que participam ou participaram do movimento e que no seu entender possam contribuir para integrar a conversa, caso concordem. Pretendemos fazer uma cartografia das práticas comunicacionais (os meios pelos quais se comunicam internamente e externamente, suas estratégias de luta ao longo da história, quem compõe, para quem se dirigem, suas articulações...) do grupo que pertence(m) e que você(s) possa(m) compartilhar dessa

construção conosco. A partir dessas informações, faremos um desenho de um mapa dos dispositivos e interlocutores e também uma linha do tempo do movimento.

Depois das primeiras conversas individuais com cada um dos movimentos participantes, será realizada uma conversa com todos juntos, para a discussão coletiva dos resultados e das conclusões preliminares. O objetivo dessa conversa coletiva é que todos os participantes dos movimentos possam avaliar os resultados e conclusões preliminares da pesquisa, além de conhecer e partilhar as diversas experiências.

A pesquisa será feita online em respeito ao distanciamento social durante a pandemia do coronavírus. Em função das limitações das tecnologias utilizadas, reconhecemos os riscos característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, assim como as limitações dos pesquisadores para assegurar total confidencialidade, sendo possível o risco de sua violação. Se autorizar, gravaremos as conversas estritamente para fins de pesquisa. Se você desejar, seu nome poderá ser incluído como um dos participantes da pesquisa e ser associado ao movimento analisado. Você poderá determinar quais informações podem ser tornadas públicas (por exemplo, publicadas na dissertação, artigo científico ou apresentadas em seminário) e quais informações não devem ser vinculadas especificamente a você ou ao movimento. Ou seja, sua identificação e a do movimento só serão tornadas públicas se você autorizar. Todo o material coletado permanecerá guardado, sob responsabilidade do coordenador da pesquisa.

Caso você aceite o convite, será considerado um(a) participante da pesquisa. Mas, sua participação é voluntária e a qualquer momento você poderá desistir e voltar atrás no seu consentimento. Como você mesmo pode estabelecer as regras de sua participação, os riscos para você e seu grupo são mínimos. No entanto, pode ocorrer que a conversa lhe provoque algum desconforto. Portanto, você não é obrigado(a) a responder as perguntas que não deseje, nem a continuar a conversa. Você pode, inclusive, desistir de sua participação, a qualquer momento. Mas, se você se sentir prejudicado(a) de algum modo pela participação na pesquisa, tem direito a buscar indenização pelo dano que avalia ter sofrido. Também tem direito a ressarcimento de despesas que tenham sido diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa.

Como possíveis benefícios, a ideia é que possamos compartilhar um conjunto de elementos que possa apoiá-los ao gerar uma reflexão sobre suas práticas comunicacionais, além de possibilitarmos a abertura de mais um canal de visibilidade e memória para os movimentos sociais da saúde.

O coordenador da pesquisa estará à sua disposição para qualquer esclarecimento necessário em qualquer etapa de sua participação. Caso tenha alguma dúvida quanto à ética da pesquisa, você pode consultar o CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz). O CEP é um grupo de pessoas que por suas qualificações em pesquisa são convidadas a formar um comitê permanente que avalia as pesquisas na sua conduta ética. Cabe ao CEP analisar o projeto de cada pesquisa e avaliar se ele respeita as regras de condução ética estabelecidas para os pesquisadores.

Ao assinar este consentimento, você não abre mão de nenhum de seus direitos nem libera os pesquisadores de suas responsabilidades legais e profissionais, caso se sinta prejudicado(a). Sua participação não implicará em custos ou em pagamento por sua participação.

Este documento terá duas vias e será assinado pelo coordenador do projeto. Você receberá uma via por e-mail e/ou WhatsApp (à sua escolha) e sempre que quiser poderá solicitar outra via.

Sua concordância em participar poderá ser dada de duas formas:

1. Se você tiver acesso a impressora e scanner, peço que imprima este texto, assine a última página e rubrique as páginas anteriores. Por favor, assinale a opção com a qual você concorda:

Gostaria de ter meu nome divulgado como participante da pesquisa
() Sim () Não

Em seguida, digitalize o texto e envie o arquivo, por e-mail ou WhatsApp.

2. Caso você não tenha impressora e scanner, seu consentimento será dado a partir de sua resposta, por e-mail ou por WhatsApp. Neste caso, informe por escrito se gostaria de ter seu nome divulgado como participante da pesquisa.

Rio de Janeiro, 03 de agosto de 2021

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Contatos:

João Verani Protasio

Telefone: (21) 973009364

Endereço: Rua Otávio Carneiro, 93/1003 – Icaraí – Niterói/RJ - Brasil

Email: joao.protasio@icict.fiocruz.br

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV / Fiocruz)

Av. Brasil, 4365 - Manguinhos - Sala 07 (contêiner)

CEP 21045-900 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Telefone: (21) 3865-9809

E-mail: cep.epsjv@fiocruz.br